

O LIVRO DOS ANJOS CAÍDOS

SUAS ORIGENS E SEUS MISTÉRIOS ANTIGOS



MICHAEL HOWARD



MADRAS®

Michael Howard foi iniciado no Cultus Sabbati. É autor dos livros *Angels and Goddesses, Mysteries of the Runes, Way of the Magus, The Sacred Earth*, entre outros. É também coautor da obra *Os Pilares de Tubalcaim – A Tradição Luciferiana* (com Nigel Jackson), publicada em língua portuguesa pela Madras Editora.

Em alguns aspectos, *O Livro dos Anjos Caídos* é uma sequência da obra *Os Pilares de Tubalcaim*; embora, em outros, seja um prelúdio, no sentido de que ele amplia o material e os temas com os quais o autor colaborou para aquele livro. Entretanto, ele também vale por si mesmo como uma concisa, popular e fácil leitura de introdução a esse tema misterioso e, algumas vezes, obscuro e sinistro.



MADRAS®

*O Livro dos
Anjos Caídos*

Suas Origens e Seus Mistérios Antigos

Michael Howard

O Livro dos Anjos Caídos

Suas Origens e Seus Mistérios Antigos

Tradução:
Marcos Malvezzi



MADRAS®

Publicado originalmente em inglês sob o título *The Book of Fallen Angels*, por Capall Bann Publishing Ltd, Milverton, England.

© 2004, Michael Howard.

Direitos de edição e tradução para todos os países de língua portuguesa.

Tradução autorizada do inglês.

© 2011, Madras Editora Ltda.

Editor:

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica Madras

Tradução:

Marcos Malvezzi

Revisão da tradução:

Giovanna Louise

Revisão:

Jerônimo Feitosa

Silvia Massimini Felix

Neuza Rosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Howard, Michael

O livro dos anjos caídos / Michael Howard ;

tradução Marcos Malvezzi. – São Paulo :

Madras, 2011.

Título original: The book of fallen angels.

Bibliografia.

ISBN 978-85-370-0736-5

1. Anjos I. Título.

11-12692

CDD-133

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 – Santana

CEP: 02403-020 — São Paulo/SP

Caixa Postal: 12183 — CEP: 02013-970

Tel.: (11) 2281-5555 — Fax: (11) 2959-3090

www.madras.com.br



Índice

Introdução	7
<i>Capítulo Um</i> – De Primatas a Anjos.....	17
<i>Capítulo Dois</i> – A Árvore da Gnose.....	33
<i>Capítulo Três</i> – Os Caídos.....	51
<i>Capítulo Quatro</i> – Os Mitos do Dilúvio.....	69
<i>Capítulo Cinco</i> – A Dama da Estrela Vespertina.....	87
<i>Capítulo Seis</i> – Avatares de Luz	101
<i>Capítulo Sete</i> – Os Filhos de Caim.....	117
<i>Capítulo Oito</i> – Os Anjos Instrutores	137
<i>Apêndice A</i>	
O Chamado de um Amante ao Anjo da Linhagem das Bruxas.....	149
<i>Apêndice B</i>	
Um Discurso ao Mestre no Trono de Deus.....	153
Bibliografia.....	157

Introdução

Há momentos especiais na vida, sobretudo ao trilharmos o caminho do ocultismo, em que nos deparamos com uma pessoa que muda nossa perspectiva por completo. Como diz a velha máxima esotérica: “Quando o discípulo está pronto, o Mestre aparece”. Tal epifania aconteceu ao escritor em agosto de 1967, quando conheceu a taróloga, astróloga e maga Madeline Montalban (1910-1982). Foi por intermédio dela que, pela primeira vez, o conceito dos anjos caídos e suas lendas chegou ao autor. Na era atual de bruxas da mídia, pessoas vestidas com capas e túnicas e pretensos magos, é difícil encontrar alguém no mundo do ocultismo que fuja aos holofotes da publicidade. Madeline era esse tipo de pessoa e, embora fosse considerada “a melhor magista cerimonial de Londres” (e provavelmente do país), ela conseguiria circular pelas livrarias ocultistas Atlantis ou Watkins, na capital inglesa, sem ser reconhecida pela clientela presente.

Madeline não escreveu grandes obras sobre o ocultismo (seu único livro sobre tarô foi compilado por um amigo e colega e publicado após sua morte. Veja Logan 1983) e suas aparições públicas em encontros esotéricos eram raras. Quando o escritor conheceu-a, no fim da década de 1960, ela vivia em reclusão quase completa, embora morasse em um apartamento bem próximo à agitada parte ocidental de Londres. No entanto, Madeline recebia visitantes selecionados e as festas que dava a seus discípulos e amigos (sempre os mesmos) eram eventos esplêndidos. Por conta da recusa de Madeline em aderir ao círculo vicioso do ocultismo e também ao fato de ter crenças que não eram sequer aceitáveis para muitos de seus colegas ocultistas, uma aura de mistério e mito floresceu em torno de sua figura. E ela alimentava essa aura, de forma deliberada, a ponto de fazer com que, às vezes, até seus amigos mais próximos tivessem dificuldade em discernir a pessoa real da lenda

fabricada. Como a maioria dos magistas, que têm Hermes como deus patrono, Madeline adotava com facilidade a figura do enganador ou mesmo de um agente do caos.

Aqueles que aceitaram Madeline como era e, mais importante ainda, foram aceitos por ela, visto que não se deixava levar facilmente, logo descobriram que ela tinha a capacidade de atuar como um catalisador que transformava suas vidas. Essa é a marca de um grande Mestre do ocultismo. A influência de Madeline sobre este escritor persiste há mais de 35 anos. De fato, é esse o motivo pelo qual este livro foi escrito. Trata-se de uma influência baseada na sólida crença e devoção que Madeline tem aos anjos caídos e seu líder, ao papel deles no plano cósmico e sua contínua missão de ajudar a humanidade. É baseada também em seus ensinamentos da arte hermética da astrologia, na tradição secreta por trás do tarô e na magia angélica.

Por quase 30 anos, Madeline contribuiu mensalmente com horóscopos e artigos sobre tarô, astrologia e magia para a famosa revista *Prediction*, da High Street. Ela complementava aquela renda escrevendo romances sob vários pseudônimos e fazendo mapas astrológicos e leituras de tarô para clientes abastados. Em 1956, fundou seu próprio grupo de magia, chamado Ordo Stella Matutina ou Ordem da Estrela da Manhã (OMS). Isso se deu após uma experiência visionária envolvendo Lúcifer, o Arcanjo Rebelde, ou, como sempre o chamava, Senhor Lumiel ("A Luz de Deus"). Como porta de entrada para a Ordem, ela passou a promover um longo curso por correspondência sobre magia angélica. Os leitores de seus artigos escreviam-lhe com frequência em busca de mais informações e ela os inscrevia como estudantes do curso. Os poucos que foram, selecionados, por fim, a conheceram e se tornaram membros de seu "círculo íntimo". Madeline acreditava que esses seletos compartilhavam vidas passadas com ela, como sacerdotes ou sacerdotisas no Antigo Egito. Eles eram o que ela denominava "nascidos duas vezes", no sentido de que já haviam sido iniciados anteriormente nos Mistérios, em uma vida passada.

As lições do curso por correspondência ensinavam um sistema prático de magia que Madeline sintetizara a partir de várias fontes históricas, incluindo *O Mago* (1801), de sir Francis Barratt, a *Filosofia Oculta*, *A Chave de Salomão* e *O Livro da Magia Sagrada de Abramelin*, o *Mago*, de Agrippa, a magia enoquiana do dr. John Dee e as obras de Paracelso e Aleister Crowley. Madeline conheceu Crowley na década de 1930 e talvez tenha sido membro de seu grupo de magia, o A. A. Parte do material mais filosófico e luciferiano apresentado no curso provinha

de suas próprias comunicações internas com o reino angélico, de estudos bíblicos e das obras de madame Helena Blavatsky, James Churchward, autor de *O Continente Perdido de Mu* (1926), e H. C. Randall Stevens. O último escreveu vários livros sobre a Atlântida e o Antigo Egito, publicados por ele mesmo na década de 1950, os quais afirmava serem transcrições automáticas de seus guias espirituais. Sua obra mais conhecida se chamava *From Atlantis to the Latter Days*, publicada em 1954. Foi também Grão-Mestre de uma fraternidade ocultista conhecida como os Cavaleiros Templários de Aquário, com sede nas Ilhas do Canal. Entretanto, a principal referência de Madeline era, de forma surpreendente, a Bíblia, em especial o Antigo Testamento. Quando criança, era rebelde e tinha a saúde frágil. Por isso, passava longos períodos confinada em seu quarto apenas com a Bíblia para ler. Paradoxalmente, foi essa experiência que, em vez de transformá-la em uma evangélica fervorosa, deu início à sua busca pelo conhecimento ocultista, que perdurou por toda a sua vida e inspirou seu interesse pelo mito dos anjos caídos.

Um de seus melhores discípulos, Rick Hayward, que deu continuidade à sua obra astrológica na *Prediction*, disse sobre Madeline: “Sendo jornalista por profissão, ela era perita em reunir várias linhas do pensamento e da tradição ocultista. O resultado final foi um sistema de magia operacional que era extremamente executável, sem grande teor de complexidade. Os rituais básicos eram baseados no ciclo lunar, com a utilização das energias planetárias, ou ‘anjos’, para atingir os resultados desejados” (1992).

Com essa finalidade, seus discípulos recebiam os fundamentos básicos sobre os princípios magísticos e aprendiam as correspondências ocultas de fontes árabes e cabalísticas baseadas no axioma “O que está em cima é como o que está embaixo”. Aprendiam que cada planeta do sistema solar tem seu próprio espírito planetário e anjo regente ou governante, e que cada um dos anjos representava um poder ou energia do Criador cósmico. Ao receber e utilizar esse conhecimento, o mago é capaz de realizar seu trabalho magístico ou alcançar o desenvolvimento espiritual, harmonizando suas vibrações com essas forças divinas. Isso seria alcançado com a utilização, nos rituais mágicos, de metais, pedras preciosas, ervas, flores, imagens de animais e cores correspondentes a cada planeta e seu regente. Madeline também fazia comparações diretas entre os anjos planetários e os deuses e deusas pagãos dos panteões babilônico-sumério, egípcio, grego, romano, celta e nórdico. Embora esse tipo de reducionismo não seja bem visto por alguns ocultistas contemporâneos, Madeline apenas seguia os passos dos cabalistas ára-

bes, judaicos e gnósticos e dos magos da Renascença, visto que todos eles relacionavam os anjos às divindades pagãs associadas aos planetas.

Algumas das lições mais avançadas do curso lidavam com materiais mais controversos e introduziam os discípulos aos Mistérios Luciferianos. Eles eram gradualmente envolvidos até possuírem as informações históricas necessárias e, mais importante ainda, a disposição mental para aceitar a verdadeira natureza do mito da criação no Gênesis, as três quedas (de Lúcifer, do homem e dos anjos rebeldes), o simbolismo esotérico do Jardim do Éden, as origens angélicas da raça humana e a identidade real do Mestre Jesus.

A chave do sucesso de Madeline como magista, conforme destacou Rick Hayward, foi sua capacidade de sintetizar a antiga tradição estelar caldeia, a mitologia egípcia, a feitiçaria medieval, a magia natural renascentista e a gnose luciferiana. Ela sentia uma atração específica pelos caldeus, acadianos, babilônios e sumérios porque acreditava que eles haviam herdado uma “religião magística” primordial baseada em astrologia e astronomia, ou a chamada “sabedoria estelar” originária dos Deuses Anciãos ou anjos caídos. Essas sábias culturas do Oriente Médio foram o berço da civilização humana. Elas veneravam as estrelas e os planetas como símbolos externos de forças cósmicas invisíveis. No entanto, eles não cometeram o erro comum na história da religião humana de confundir o símbolo com a realidade. As forças que os antigos descreviam como deuses planetários eram seres angelicais, metamorfos andróginos que podiam assumir a forma masculina ou feminina, ou até de animais, caso desejassem.

Madeline jamais poderia ser considerada uma feminista no sentido moderno da palavra, mas era com certeza uma mulher determinada, de personalidade forte e, às vezes, dominadora. Em seu sistema de crença, as mulheres exerciam um papel essencial como videntes e magistas naturais. Desempenhavam, de maneira significativa, um papel “xamânico” (por falta de termo melhor) de intermediárias entre a humanidade e os anjos. Essa relação especial é descrita de maneira metafórica e alegórica no mito bíblico do Éden e na lenda dos anjos caídos que ensinaram o “conhecimento proibido” às mulheres humanas. No mito edênico, por exemplo, a serpente da sabedoria ensina Eva e, assim, é a primeira mulher quem transmite o conhecimento a Adão. Infelizmente, Eva sofre uma falsa condenação por isso, sendo considerada uma criatura pecaminosa e a tentadora do homem. A serpente era Lumiel em forma ofídica e sua tarefa era (e ainda é) educar os seres humanos no conhecimento oculto. Com isso, ele alcançará, por fim, a redenção

cósmica, revertendo as consequências pessoais de sua intervenção nos assuntos humanos para acelerar nossa evolução espiritual.

De acordo com os ensinamentos secretos da OMS revelados neste livro, “é a obscura falta de consciência da espécie humana que, na realidade, mantém o anjo caído [Lumiel] na sombra, e é responsabilidade do verdadeiro magista libertá-lo” (Hayward, 1992). Em comum acordo com o místico russo Gurdjieff (e com os gnósticos), Madeline acreditava que a maioria da humanidade estava adormecida – inerte no chamado “sono da morte” do materialismo grosseiro e ego mundano. Usando um termo inventado na década de 1960 pelo filósofo situacionista francês Guy Debord, e ainda mais adequado nos dias atuais, são materialistas que aceitam felizes a ilusão da “sociedade do espetáculo”. A missão de Lumiel, seus anjos instrutores e seus seguidores humanos é despertar os seres nascidos do barro de seu sono profundo para que reconheçam sua própria luz interior como fagulhas evolutivas do Divino.

Em um famoso símile, Madeline comparou a pessoa consciente ou iluminada (o iniciado nascido duas vezes ou *illuminati*) aos relógios despertadores da raça humana. Em sua cosmologia neognóstica, os arcanjos são emanações divinas do Criador cósmico, Deus(a) Pai-Mãe, e foram criados para ser os regentes dos planetas. Como o demiurgo, o papel de anjo caído desempenhado por Lumiel é o de Senhor d’Este Mundo, e é por intermédio dele que o ser de barro pode entrar em contato com o Absoluto. Essa é uma visão cósmica antiga que também pode ser encontrada nos ensinamentos secretos da Cabala, do gnosticismo, das tradições heréticas islâmicas e da teosofia.

Embora Madeline tivesse conhecido Gerald Gardner na década de 1940 e, ao que parece, ter mesmo aceitado com alegria a figura pública de uma bruxa na época, quando este autor a conheceu, ela demonstrou uma hostilidade em relação a Gardner e sua Wicca que chegava às fronteiras do ódio. O ocultista thelemita Kenneth Grant afirmou que Gardner e Madeline trabalharam juntos no fim da década de 1940 (conversa pessoal em 20 de dezembro de 1993), e a própria Madeline contou a este autor que ela datilografara o manuscrito do romance histórico de Gardner, *Com o Auxílio da Alta Magia** (1949). Outro membro da OMS disse posteriormente a este escritor que ela também o editara usando suas habilidades de jornalista de pré-guerra em Fleet Street. Esse fato foi depois confirmado por Doreen Valiente, que ouviu a mesma história de Gardner na época em que ela era sua alta sacerdotisa, na década de 1950.

*N.E.: Obra publicada no Brasil pela Madras Editora.

Qualquer discussão sobre Gardner era proibida na presença de Madeline e ela o classificava como “uma fraude e um pervertido”. Ela também via com desprezo as farsas grotescas de bruxas midiáticas em busca de publicidade, como Maxine e Alex Sanders, quando apareceram em histórias de jornais sensacionalistas na década de 1970. Podemos imaginar o que ela teria pensado da incorporação que Sanders fez de parte do material de seus cursos em seu *Livro das Sombras*. Com sorte, ela teria se divertido com a ironia, mas, ao ser retratada como a “Bruxa de Saint Giles” (região em que vivia, em Londres, próxima à Livraria Atlantis e ao Museu Britânico) em uma entrevista em um dos fascículos da enciclopédia *Homem, Mito e Magia*, ela explodiu de raiva.

Madeline sabia do interesse particular deste autor pela Arte, que existia já quatro anos antes do nosso encontro. Ela tolerou-o, até certo ponto, porque sabia que se baseava em um interesse pela bruxaria tradicional e histórica. De fato, em uma determinada ocasião, Madeline até ajudou este autor a pesquisar uma história (não publicada) sobre o assunto. Então, no começo de 1969, este autor foi iniciado em Wicca Gardneriana, o que causou um desentendimento que nos afastou um do outro durante algum tempo. Apesar de sua óbvia aversão a Gardner e seus wiccanos, Madeline tinha interesse e grande conhecimento sobre bruxaria tradicional. Embora seja possível descartar os rumores fantasiosos de que ela fazia parte do antigo coven New Forest, desde sua morte, duas fontes diferentes e não relacionadas informaram a este autor que Madeline estava envolvida na Antiga Arte. Infelizmente, não surgiu qualquer evidência concreta de que essas afirmações sejam verdadeiras.

Se Madeline foi a responsável por apresentar ao autor a gnose luciferiana dentro da tradição magística, outros também mostraram que ela existia, talvez de forma mais controversa e ainda rejeitada, no contexto da bruxaria. Há 34 anos, o nome que se usava para se referir à deusa-bruxa na Wicca ainda era Aradia. Por volta de 1970, o autor adquiriu um exemplar do livro *Aradia: O Evangelho das Bruxas*,* de Charles Godfrey Leland (1899). Tratava-se de uma edição publicada pelo museu de bruxaria de Ray Buckland, nos Estados Unidos, dois anos antes. Esse livro foi uma revelação ao expor detalhes de um suposto culto de bruxaria na Itália do século XIX, que venerava a clássica deusa lunar, Diana, o deus solar (sic) Lúcifer e a filha de ambos, Aradia. Na mesma época, o autor adquiriu um exemplar do influente livro *Mastering Witchcraft*, de Paul Huson (1970). Mais uma vez, o autor ficou perplexo ao encontrar

*N.E.: Obra publicada no Brasil pela Madras Editora.

descrições dos Vigilantes, ou anjos caídos, e informações surpreendentes de que seu líder, Azazel, era um dos nomes usados pelos praticantes modernos para o deus das bruxas. Pouco depois, o autor receberia fotocópias da correspondência trocada entre o bruxo hereditário Robert Cochrane e um norte-americano chamado Joe Wilson. Elas continham alguns dos ensinamentos do coven de Cochrane, o Clã de Tubalcaim. (Veja *The Robert Cochrane Letters*, Capall Bann, 2003). Este autor já conhecia os trabalhos de Cochrane publicados na *Pentagram*, uma revista da Witchcraft Research Association, em 1964-1965.

Em 1977, como editor da revista de bruxaria *The Cauldron*, lançada no ano anterior, este autor passou a trocar correspondências com um bruxo hereditário chamado E. W. Liddell. Ele vivia em Auckland, Nova Zelândia, na época, mas afirmava ter sido iniciado, na década de 1950, em Essex, como membro hereditário de uma forma da Arte criada pelo mestre-bruxo do século XIX George Pickingill. De acordo com Liddell, alguns grupos de bruxaria tradicional que ele conhecia reverenciavam Lúcifer como o redentor e salvador da humanidade. Nos últimos anos, Liddell forneceu muitos fragmentos interessantes de informações sobre os elementos luciferianos da Antiga Arte e fez uma contribuição ainda maior neste livro, no capítulo sobre os Filhos de Caim. Em *Os Pilares de Tubalcaim** (2001), este autor criou o termo genérico “Arte Luciférica” para descrever essas tradições.

Então, em 1993, este escritor contactou o feiticeiro Andrew Chumbley, que, por coincidência, também é natural do condado rural de Essex. Andrew acabara de escrever e publicar um grimório singular sobre o que ele chamara de Arte Sabática e, como resultado desse encontro, obra do destino, este autor foi iniciado em seu grupo, Cultus Sabbati. Esse coven tradicional tem seu fundamento hereditário nas origens galesas de uma de suas duas linhagens fundadoras tradicionais. Segue um mito cainita e um gnosticismo luciferiano dentro da tradição de bruxaria tradicional que inclui elementos de observância de uma fé dualista.

Em virtude da hostilidade em relação ao assunto, tanto na esfera pública como na Wicca moderna, este escritor manteve suas crenças luciferianas bem escondidas por mais de 30 anos. Foi somente a partir de uma série de artigos publicados na *The Cauldron*, sob o pseudônimo de “Frater Ashtan”, no fim da década de 1990, que ele resolveu sair, em parte, do armário de vassouras. Em 2001, escreveu *Os Pilares de Tubalcaim*, com Nigel Jackson e o material de Ashtan foi incluído nesse livro.

*N.E.: Obra publicada no Brasil pela Madras Editora.

“Aparecer” como um luciferiano se mostrou uma decisão controversa e, às vezes, difícil, mas, vista em retrospectiva, o autor acredita ter sido a decisão certa à época. Ironicamente, ele tem sido atacado por aqueles que insistem que o Luciferianismo não tem nada a ver com a bruxaria moderna e por aqueles que o acusam de expor os “verdadeiros segredos” da Antiga Arte. É uma situação em que todos perdem, mas que tem sido tolerável pela quantidade de leitores satisfeitos com os artigos de Ashtan e o livro *Os Pilares de Tubalcaim*, que afirmaram que tais textos mudaram suas vidas. No âmbito pessoal, de várias formas, o ingresso do autor no Cultus Sabbati foi o fechamento de um ciclo que começou com seu encontro com Madeline. Foi, também, a realização do sonho de juntar a gnose luciferiana com a verdadeira bruxaria tradicional. Por esse motivo, foi como um processo de “retorno ao lar”.

Em alguns aspectos, este livro foi escrito como uma continuação de *Os Pilares de Tubalcaim*, embora, em outros, seja uma obra que o antecede, no sentido em que amplia os temas e materiais com os quais o autor contribuiu para aquele volume. Esperamos, também, que ele sirva, por si só, como uma introdução de fácil compreensão a um sistema de crenças misterioso e fascinante que, infelizmente, ainda é mal compreendido, obscurecido e difamado por interpretações sinistras e uma imagem pública negativa. As informações aqui contidas foram extraídas de várias fontes, incluindo pesquisas históricas, o Antigo e o Novo Testamentos (versão do rei James), vários textos apócrifos proscritos pela Igreja primitiva, o Alcorão, a própria experiência ocultista deste autor durante anos de prática do ocultismo (um dia ele acerta!) e os ensinamentos de Madeline Montalban e da OMS. Embora este autor tenha sido iniciado no Cultus Sabbati, como já mencionado, os pontos de vista, crenças e opiniões expressas neste livro não são necessariamente compartilhados pelo grupo ou seus membros individuais.

Ao abordar o material aqui apresentado, o leitor deve ter em mente que seu conteúdo lida com os ensinamentos ocultistas (secretos) e esotéricos (para poucos). São questões relacionadas aos Mistérios que podem ser, e são, interpretadas em vários níveis diferentes, desde o puramente material até o espiritual. De modo geral, descrevem imagens alegóricas e mitopoéticas e lidam com temas arquetípicos. Algumas podem estar profundamente enraizadas na realidade física e na história da humanidade, ao passo que outras, não. A chave para compreender o que é o quê deve ser considerado, pelo leitor, como um processo em si de iniciação e autoconhecimento e um teste a ser vencido. Como disse o místico cristão do século XV Nicholas Cusa: “O conhecimento humano

nunca será mais que conjectura, ou aproximação ou provisoriedade. A sabedoria reside no reconhecimento da ignorância. Se a verdade deve ser apreendida, só o poderá ser por meio da intuição mística”. Essas sábias palavras devem ser lembradas durante toda a leitura do que está por vir.

Por fim, o autor gostaria de expressar seu reconhecimento e agradecimento ao grande amigo e querido irmão na Arte, Andrew Chumbley, mestre do Cultus Sabbati e da Companie of the Serpent Cross, por seus conselhos, pelo apoio, orientação e contribuição irrestritos durante a composição deste livro e, igualmente, por nos ter permitido reproduzir seu “Chamado de um Amante ao Anjo da Linhagem das Bruxas” e excertos de seu manuscrito não publicado, *The Green Gospel*.

Gostaríamos, ainda, de agradecer ao Frater Benan-Anisk pela permissão para reproduzir sua invocação *Um Discurso ao Mestre no Trono de Deus*; ao professor Ronald Hutton, da Universidade de Bristol, pela generosidade em permitir que lêssemos o capítulo sobre angelologia de seu novo livro *Witches, Shamans and King Arthur* (2003) antes de sua publicação; Jo Logan, pelas informações sobre a importância astrológica de Lilith; Jill Smith, pela longa citação extraída de seu livro *Mother of the Isles* (2003), o pessoal das bibliotecas públicas de Cardigan, Aberystwyth e da Biblioteca Britânica por disponibilizarem livros fora de circulação para nossa pesquisa, e a todos os autores citados no texto, cujas obras contribuíram para nossa compreensão da tradição luciferiana.

Michael Howard
(Frater Lucagios ben Ashtan)

Capítulo Um

De Primatas a Anjos

Deixai que a Luz se cristalize em nosso sangue, preenchendo-nos de ressurreição, pois não há parte nossa que não pertença aos Deuses. Aleister Crowley, A Missa Gnóstica

Em 2002, o jornal *The Sunday Telegraph* relatou que, em uma tentativa de conter a influência de grupos New Age, que recrutavam pessoas dentro da Igreja Romana, o Vaticano proibiu a veneração dos anjos que não figuram no texto autorizado da Bíblia. Futuras orações às forças angelicais deveriam ser dirigidas apenas aos três arcanjos, Miguel, Gabriel e Rafael. De acordo com o apócrifo, e proscrito, *Livro de Enoch*, esses anjos foram os responsáveis pelo aprisionamento e punição dos Vigilantes, ou anjos caídos que transgrediram a Lei de Deus. A reportagem acrescentava que o *Livro de Enoch* fora excluído da Bíblia pela Igreja primitiva porque descrevia as atividades de tais anjos rebeldes.

Essa nova regra é semelhante ao primeiro decreto de um sínodo do século IV d.C. Ele determina que os únicos anjos que se poderia reconhecer seriam Miguel, Gabriel e Rafael, pois apenas eles eram mencionados no texto bíblico aceito. O sínodo também proibia orações oferecidas aos anjos, visto que desviavam a atenção da veneração ao Cristo e eram consideradas uma forma de idolatria pagã. Como veremos mais adiante neste livro, tal decreto não teve grande êxito, uma vez que, em 745 d.C., por exemplo, o papa condenou um homem chamado Aldeberto por ter sido ouvido quando invocava oito anjos em suas orações. (Prophet 2000:66).

Se esse novo édito papal obterá maior êxito é algo ainda a ser visto. Hoje, a angelologia é a mais nova obsessão da New Age, com dezenas de páginas na internet que disponibilizam supostas mensagens

canalizadas da hierarquia angélica. No entanto, a Igreja Romana não precisa se preocupar muito com os anjos caídos, uma vez que são raramente mencionados na profusão de livros New Age que abordam as hostes angelicais. Quando o são, aparecem em geral apenas em termos de um dualismo ortodoxo que a Igreja ficaria orgulhosa em apoiar, como os “Filhos de Deus” que caíram do estado de graça e tornaram-se demônios. Seu líder, Azazel ou Semiaza, é identificado com o arcanjo rebelde Lúcifer, como todos, que sabemos por meio do Cristianismo ortodoxo, é o Príncipe das Trevas e o princípio supremo do mal.

Uma abordagem típica da New Age, relacionada aos anjos caídos e à tradição luciferiana, é apresentada pelo escritor David Furlong. Ele afirma que uma luta pela posse das almas da humanidade ainda existe entre o arcanjo Miguel e Lúcifer. De acordo com Furlong, a famosa Guerra nos Céus é agora uma campanha de guerrilha travada no planeta Terra e o anjo caído é aquele que encoraja o lado sombrio ou os aspectos negativos da natureza humana. Ele se refere aos chamados “agentes luciféricos”, que encarnam como seres humanos para incitar conflitos e animosidade por meio da arte da guerra. Furlong também relaciona Lúcifer à Lua (uma afirmação possivelmente inspirada na antiga lenda de que Caim fora encarcerado na Lua) e diz que ele utiliza as energias lunares para irradiar sua influência maligna sobre a raça humana. Esse é, ao que parece, o motivo do aumento de atividades criminosas e assassinatos no período de lua cheia.

Furlong sustenta que as quatro características marcantes do ensinamento luciferiano são sua base na introdução do medo, o ensoberbecimento do ego, a intolerância com relação à espiritualidade dos outros e a inibição do livre-arbítrio e da capacidade de pensar por si mesmo (*Earth Energies*, Piatkus 2003:139-141). Em contraposição a essa visão ignorante, este autor diria que a tradição luciferiana, na realidade, oferece à humanidade uma libertação do medo do desconhecido e de um bicho-papão malévolo, uma compreensão do lado escuro e do eu sombrio da natureza humana e como controlá-lo, uma libertação do domínio do ego e do materialismo, que estimula uma atitude protetora diante da humanidade e dá a liberdade espiritual de acreditar e ter a opinião que se queira ter.

Crenças similares a respeito de Lúcifer e os anjos caídos são compartilhadas por outros escritores da New Age, tais como Elizabeth Clare Prophet, que afirma canalizar anjos e Mestres Ascensionados, e também pelo teórico da conspiração David Icke. Ambos partem de direções diferentes, mas são adeptos da ideia de que a prole demoníaca (sic) dos

Vigilantes forma, hoje, a elite do poder político. No caso de Icke, entramos no universo da ficção científica (ou fantasiosa) com a afirmação de que os Vigilantes eram alienígenas reptóides que invadiram a Terra na Pré-História. Ele declara, ainda, que muitos dos mais importantes líderes mundiais e membros da realeza são alienígenas reptilianos metamorfos que bebem sangue humano e realizam sacrifícios humanos como parte de rituais satânicos. Icke vai mais longe ao insistir que o saque feito ao Museu Nacional Iraquiano, em Bagdá, durante a segunda Guerra do Golfo, foi um ato deliberado para encobrir informações relacionadas à invasão alienígena na Pré-História.

Do mesmo modo que a Igreja primitiva transformou o Arcanjo da Luz, Lumiel, em um demônio das trevas, os adeptos da New Age também perverteram os ensinamentos da tradição luciferiana a fim de criar uma imagem falsa e sinistra de uma conspiração marginal lunática que visa ao controle das almas humanas. De maneira curiosa, David Furlong é forçado a admitir em seu livro que as listas de “pecados” luciferianos podem ser encontradas, de forma mais acentuada, nas versões fundamentalistas das religiões do mundo. Até os luciferianos concordariam com essa observação, mas Furlong não conduz sua ideia à conclusão lógica. Como veremos mais adiante, a Igreja tem sido responsável, durante toda a sua história sangrenta, por suprimir e corromper a lenda dos anjos caídos e aqueles que acreditavam nela. Como Freud disse: “As verdades contidas nas doutrinas religiosas estão, no fim das contas, tão distorcidas e sistematicamente dissimuladas que a massa da humanidade não consegue reconhecê-las como verdade”.

Na crença ortodoxa, os anjos são “formas de luz pura e radiante” (Corbin 1986:138) ou espíritos desprovidos de corpos físicos com poderes e inteligência superiores aos humanos. A palavra *angelos* deriva do grego e significa “mensageiros”, indicando sua função entre Deus e a humanidade, como descrito nas religiões do Livro. Na realidade, “o mundo do anjo e o mundo terreno estão um para o outro como uma pessoa e sua própria sombra” (Ibid: 139). Essa ideia também é encontrada em escritos pagãos nos quais Platão, por exemplo, fala sobre espíritos demoníacos que fazem a intermediação entre os Deuses e os humanos. Os neoplatônicos também acreditavam que cada pessoa possuía seu próprio demônio ou anjo da guarda, designado à alma em seu nascimento no mundo físico. Plotino (204-270 d.C.) acreditava que o Demônio existia tanto dentro da psique humana como fora dela, como uma entidade separada. Essa ideia de um “anjo da guarda” foi adotada, a partir de suas origens pagãs, pela Igreja primitiva e, posteriormente,

pelo Islã. Foi aceita pela doutrina cristã no Concílio de Niceia, no século IV d.C.

Nas ilustrações medievais, os anjos são convencionalmente retratados em túnicas brancas esvoaçantes, envoltos por uma luz branca, com auréolas e asas enormes como as de um cisne. No *Livro de Enoch*, eles são descritos da seguinte forma: “E eu vi os sagrados filhos de Deus. Eles pisavam as chamas do fogo. Suas vestes eram brancas e suas faces brilhavam como a neve”. Embora se diga que os anjos não possuem corpos físicos, eles aparecem com frequência, na Bíblia, em forma humana. Jó, por exemplo, chega até a lutar com “o Anjo do Senhor” e Abraão foi visitado por Miguel, Gabriel e Rafael disfarçados de “viajantes árabes”.

Para descobrir as origens dos anjos, em especial daqueles associados aos planetas, devemos retornar alguns milhares de anos, ao Oriente Médio e ao “berço da civilização”. O último situava-se na antiga Mesopotâmia, no vale do Tigre-Eufrates, onde, no mundo moderno, se localizam o Iraque e o Irã. Essa região foi ocupada há 6 mil anos por um povo de origem desconhecida, ao qual se devem a invenção da roda, da escrita, tecelagem, agricultura, metalurgia, matemática, pesos e medidas, geometria, astronomia e astrologia, leis e literatura. A importância dessa região foi enfatizada nas palavras do tenente-coronel Tim Collins ao se dirigir a tropas inglesas antes da segunda Guerra do Golfo e da invasão do Iraque pelas forças aliadas. Ele disse: “O Iraque é permeado de história. É a localização do Jardim do Éden, do Dilúvio e o local de nascimento de Abraão. Caminhem sobre ele com gentileza”.

A importância bíblica não passaria despercebida ao presidente George W. Bush, como comandante supremo das Forças Armadas dos Estados Unidos, ou aos falcões neoconservadores de Washington. Parece que Bush, um cristão renascido, acredita ser um “homem do destino” que Deus (ou algumas centenas de votos fraudulentos na Flórida) colocou na Casa Branca para libertar o Oriente Médio da tirania. Alguns fundamentalistas norte-americanos chegam até a acreditar que a intervenção militar dos Estados Unidos na região marca o início do profetizado Fim dos Tempos, seguido pela Segunda Vinda do Senhor, o Armagedom e, por fim, o Dia do Juízo Final.

No século IX d.C., Pedro da Sicília escreveu: “A heresia tem início quando os leigos começam a ler as escrituras”. Esse comentário ilustra o controle que a Igreja medieval queria manter sobre a Bíblia, recusando-se a traduzi-la do latim e excluindo os textos que não queria que fossem lidos pelas massas. Se começarmos pelo mito bíblico da

criação, no Gênesis, veremos que “Alguns elementos das narrativas do Antigo Testamento, tais como o antigo conto do Gênesis, foram quase que certamente interpolados no Antigo Testamento ao longo de um período ainda posterior, após a ocupação babilônica. Há elementos mitológicos na história do Gênesis que foram, sem dúvida, extraídos de fontes babilônicas” (Phillips 2002:33).

Acredita-se que os primeiros relatos do Antigo Testamento tenham sido escritos só no século VIII a.C. Eles não são exclusivos nem tampouco constituem a verdadeira “palavra de Deus”, como os evangelistas acreditam, visto que muito devem a descrições antigas da criação, da origem da humanidade e do Dilúvio, encontradas nos mitos acadianos, babilônicos e sumérios. Isso se reflete nas diferentes versões sobre a criação dos seres humanos, como retratadas nos primeiros capítulos do Gênesis. Em Gênesis 1:27-8, diz-se: “E Deus criou o homem à sua própria imagem; à imagem de Deus Ele o criou; macho e fêmea Ele os criou”. Isso sugere que um homem e uma mulher (ou homens e mulheres) foram criados ao mesmo tempo, à imagem de uma divindade andrógina. Isso fica bastante claro até que, seguindo a leitura, se chega a Gênesis 2:7, que diz: “E o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o sopro da vida; e o homem se tornou uma alma vivente”. Parece que a mulher foi uma ideia que só veio mais tarde, de acordo com essa segunda versão.

A palavra hebraica usada para descrever Deus no mito da criação do Gênesis é uma palavra no plural – Elohim. Ela deriva da forma singular feminina *Eloh* e da masculina *im* (Davidson 1971:105). É traduzida, de forma livre, como “Deuses” ou mesmo “Deus e Deusa”. Em sua forma original, refere-se ao panteão cananita e às divindades que eram filhos e filhas de seu deus chefe, El. Na mitologia cananita, El era o deus Sol e sua esposa, Aserá, era a deusa da Lua. Os *Ben Elohim*, ou Filhos de El, eram os deuses que representavam as estrelas e os planetas e eram conhecidos coletivamente como a Hoste ou Exército do Céu. Mais tarde, Yahweh, um deus tribal da tempestade, usurpou o papel de El como o supremo deus criador e passaria a ser reconhecido por seus seguidores hebreus como o “Senhor dos Exércitos”.

Em 1929, um camponês líbio escavou, no norte da África, as ruínas da antiga cidade de Ugarit. Dentre os itens escavados havia uma antiga tábu de pedra de 3 mil anos que revelava que El tinha um filho chamado Yah. Isso sugere que Yahweh era, no início, apenas um dos Ben Elohim (Waugh 2002:33-34). Uma inscrição datada dos séculos IX-VIII a.C. também faz referência a Yahweh e Aserá. Outros textos

encontrados no mesmo local, na atual Israel, ainda fazem menção a El e seu filho Baal, o deus touro da fertilidade. No texto cabalístico *Sepher Yetzirah* há referências ao termo Elohim no plural, bem como andrógino por natureza, indicando ser um termo que denota divindade feminina e masculina. Alguns estudiosos bíblicos dividiram o nome “Yahweh” em *Jah*, ou *Iao*, e *Hawehe* (Eva), sugerindo que o assim considerado deus masculino monoteísta do Antigo Testamento era bissexual (Ibid: 29).

A maioria dos estudiosos bíblicos aceita que Yahweh deriva do hebraico YHVH, que significa “Senhor” ou “Eu sou o que sou”. No grego, foi traduzido como Jehova, ou Jchovah, e, em suas origens, pode ter sido Yahweh Asher Yihweh ou “Aquele que causa a existência do que é”. Esse nome foi dado a Moisés pela presença divina que ele encontrou no Monte Sinai. Antes disso, os hebreus chamavam seu deus de “El Shaddai”, o “Deus Radiante da Montanha”. Abraão aceitou uma bênção do misterioso rei sacerdote Melquisedeque de Salém em nome de El Elyon ou “o Deus Altíssimo”. El era um deus ancião que vivia no topo de uma montanha e, em um mito fenício da criação datado do século XII a.C., era descrito como o “Deus Supremo”. Esse mito da criação começava com caos, trevas e água, e o vento (representando o espírito) envolvia a água para criar o Sol, a Lua e os planetas. Depois de criar os primeiros animais, El concebeu, então, um homem e uma mulher primitivos, que obtinham seu alimento do “fruto das árvores”. As semelhanças com o mito do Éden são impressionantes.

No início da década de 1980, arqueólogos descobriram uma pedra gravada no sítio arqueológico da cidade desértica e perdida de Petra, na atual Jordânia. Ela retratava uma lua crescente com um disco solar entre chifres erguidos e um triângulo no topo. Especulou-se que se tratava de um símbolo da divindade andrógina solar-lunar cultuada pelo povo bíblico conhecido como edomita. A pedra de Petra também ostenta o entalhe de uma serpente enrolada em torno de uma árvore. Graham Phillips identificou os edomitas como seguidores da antiga religião hebraica e afirma que eles ainda a praticavam no século I d.C. Ele diz também, citando o historiador romano Estrabão, que Petra era uma fortaleza dos essênios e que alguns de seus ensinamentos eram similares às crenças edomitas. Phillips faz uma correlação interessante entre a seita essênica e os ensinamentos de Jesus e que poderia ter influenciado o Cristianismo primitivo (2002:262-263).

Fica evidente, tanto a partir dos registros arqueológicos quanto dos relatos bíblicos, que os hebreus seguiam, em sua origem, uma religião politeísta. A impressão equivocada que se recebe da propaganda judai-

co-cristã, no entanto, é de que, pelo menos à época de Abraão, e certamente desde o período de Moisés e do Êxodo, os antigos hebreus eram exclusivamente monoteístas. Na realidade, “ao longo de quase toda a sua história, Israel tinha uma inclinação para outros deuses. [Os] israelitas veneravam em particular os Baals, as Ashtaroths (Astartes) e as Aserás” (Isserlin 1998:234). O Antigo Testamento, de fato, está repleto de lutas entre os patriarcas, que buscavam impor o culto monoteísta, e o povo, que se agarrava com obstinação ao culto dos Deuses antigos. Há muitas provas sugerindo que, durante seus exílios na Babilônia e no Egito, os hebreus voltaram-se a deuses estrangeiros. Uma escola de história revisionista acredita que o conceito egípcio de um deus solar supremo introduzido pelo herético faraó Akhenaton pode ter influenciado a forma israelita de monoteísmo.

*Marduk*

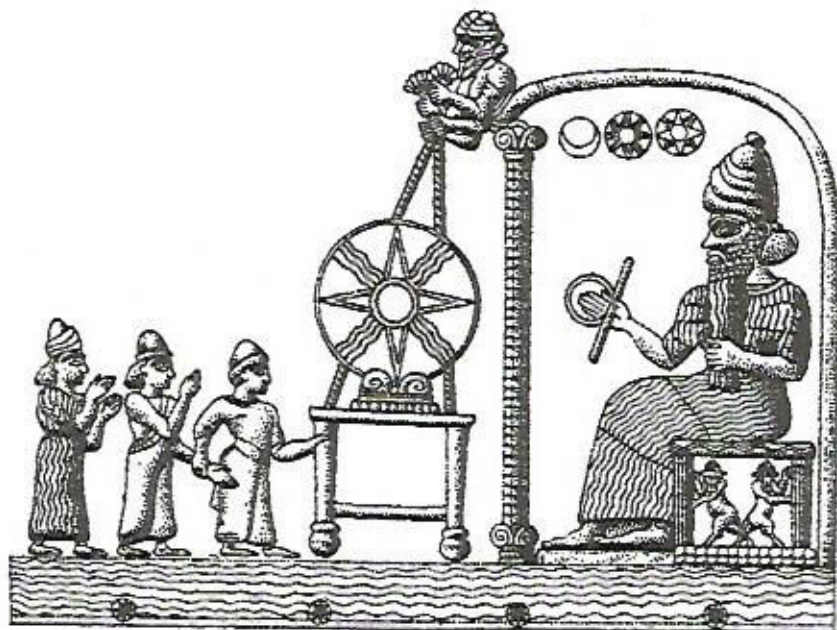
Na mitologia babilônio-suméria, um dos principais deuses era Marduk, conhecido pelos títulos de “Luz de seu Pai”, “Rei do Céu” e o “Pastor dos Deuses”. Ele era geralmente retratado com uma espada curva ou cimitarra na ocasião em que matava a serpente marinha, ou dragão Tiamat, que representava os deuses antigos e as forças do caos. O mito da criação associado a Marduk é anterior à versão bíblica em mais de mil anos e descreve como ele criou a Terra, suas florestas e todas as criaturas vivas ao lhes dar nomes. Se estivermos procurando pelas origens de Lúcifer nesses mitos antigos, então poderemos encontrá-lo na forma de dois deuses – Shamesh, o deus Sol, e Helel ben Sahar, o deus da “radiante estrela da manhã”. Shamesh era popularmente conhecido como o “Senhor da Luz” e cruzava o céu em sua carruagem solar do Portal do Leste (aurora) ao Portal do Oeste (pôr do sol). Todas as noites, ele entra no submundo e nasce outra vez, renovado, na manhã seguinte, tendo seu nascimento anunciado pelo aparecimento da estrela da manhã.

Helel era conhecido como o “brilho radiante” e o “Senhor da Estrela da Manhã”, ambos os títulos associados a Lumiel, e afirma-se que teria dito: “Ascenderei aos Céus, acima das estrelas de Deus. Erguerei meu trono nas alturas... Subirei acima das alturas das nuvens. Tornar-me-ei como o Altíssimo [El]”. Compare-o à famosa referência à queda de Lúcifer em Isaías 14:12-15: “Como caíste do Céu, ó Lúcifer, filho da manhã... pois disseste em teu coração, Ascenderei ao Céu, Exaltarei meu trono acima das estrelas de Deus; Sentar-me-ei também sobre o monte da congregação, nas bandas do norte; Ascenderei acima das alturas das nuvens; Serei como o Altíssimo”. Embora se afirme ser esse texto uma referência à queda do rei da Babilônia de sua posição de poder, ele é confirmado no Apocalipse, onde está escrito: “E eu vi uma estrela cair do Céu na Terra”. Cita-se, também, o deus cananita Baal como desafiador de seu pai El, ao dizer: “Somente eu serei aquele que reinará sobre os Deuses”.

Qual era a importância da queda de Lumiel de sua posição celestial? Na Bíblia, ele é, em regra, retratado como um dragão ou uma serpente e, nos mitos antigos, tal criatura simbolizava os poderes demoníacos do caos e das trevas. Também era associada aos titãs, gigantes ou deuses antigos. Os mitos babilônicos, hititas, cananitas, iranianos, nórdicos, egípcios e gregos descrevem, todos eles e de formas variadas, uma batalha cósmica entre a figura de um deus jovem e rebelde e de um deus Pai supremo, representando a ordem que restaura a harmonia divina ao derrotar o possível usurpador ou opositor. Embora esses con-

flitos ocorram miticamente, de forma geral, em uma época pré-humana primeva, eles são, em regra, descritos como ocorrências da história mundial e são relacionados à criação da humanidade. Mesmo quando acontecem fora do contínuo do nosso tempo-espaço, eles têm um efeito profundo em nossa evolução planetária.

O início do Gênesis diz que Deus criou o Céu e a Terra do vazio da escuridão. Ele disse: “Que se faça a Luz; e a Luz se fez”. Em termos simbólicos, essa Luz foi o primogênito da criação, Lumiel ou Lúcifer, o portador da Luz. Blavatsky descreveu Lúcifer como o representante da energia ativa do Universo e identificou-o com fogo, luz, vida, luta, esforço, pensamento, consciência, progresso, civilização, liberdade e independência. De diversas formas, ela também o descrevia como o “espírito da iluminação intelectual e da liberdade de pensamento” e “a entidade angélica que preside tanto a Luz da Verdade como a luz do dia” (1921 II: 255, 171, 539), e dificilmente como a figura satânica que é retratada nos ensinamentos cristãos convencionais. Blavatsky ainda descreve Lúcifer como “nossa mente, ou o tentador, redentor e salvador do animalismo puro”. Ela prossegue, dizendo: “Sem esse princípio – a emanção da própria essência do princípio pré-divino de Mohat (inteligência), que irradia diretamente da Mente Divina – nós por certo não



Shamesh, o deus Sol

seríamos melhores que os animais”. Lúcifer é, portanto, o libertador do espírito humano, não seu opressor ou inimigo.

Em *O Livro de Lumiel*, escrito por Madeline Montalban e distribuído aos discípulos do curso por correspondência da OMS, Lumiel afirma ter sido “o primeiro ser criado neste Universo” por um Deus que era “de natureza dual, a perfeição do masculino e do feminino”. De acordo com esse texto, Deus repartiu seus poderes criativos com igualdade entre si mesmo e seu eu feminino, conhecido como Shekinah em termos cabalísticos. Isso polarizou a força da Luz e do intelecto (Lumiel) e, assim, gerou os Ben Elohim – os filhos (e filhas) de Deus. O Criador cósmico engendrou esses seres angelicais ao emitir fagulhas divinas de luz. Tal concepção é semelhante às ideias do herético filósofo gnóstico Valentinus de Alexandria, do século I d.C. Ele sugeriu que a divindade trouxe à luz emanações andróginas como “a multiplicidade de raios que fluem dos arredores do Sol” (Fideler 1985). Lumiel prossegue, dizendo que os arcanjos resultantes foram colocados em posições de poder sobre os planetas. Mais uma vez, isso corresponde a certas crenças gnósticas, pois Jámblico (cerca de 250-325 d.C.), que era estudante da astrologia caldeia, formulou a ideia de que os deuses planetários da Mesopotâmia eram arcontes ou anjos que operavam como mediadores entre Deus e os humanos.



O barco solar de Shamesh

Arconte significa tão somente “chefe”, “regente”, “líder”, “dirigente” ou “príncipe”. Na crença gnóstica, eles eram vistos como regentes planetários ou governantes dos sete planetas clássicos conhecidos na Antiguidade. O termo inglês *archon*, ou *archoi*, era originalmente usado para descrever qualquer ser sobrenatural ou espiritual que se acreditava possuir um grau de controle sobre as atividades ou o destino da raça humana. Os sete *archoi* eram comandados por um espírito regente conhecido como o Senhor do Mundo e a salvação seria conquistada por meio de etapas de progressão da evolução espiritual representadas por cada energia planetária. Em variantes mais extremas do gnosticismo, a natureza dos arcontes veio a ser tão desvirtuada que eles passaram a representar tiranos cósmicos tais como Belial, Satã ou Jeová, que dominavam o mundo e controlavam os seres humanos.

O *Livro de Lumiel* adota uma abordagem um tanto darwiniana da origem da vida na Terra ao se referir à evolução dos humanos a partir de “formas primitivas de vida” e “partículas que habitam o mar”, embora, em outros trechos, descreva como Lumiel e os anjos criaram formas-pensamento arquetípicas de pássaros, animais, insetos, árvores e flores, antes de se manifestarem em forma física. É por isso que, na lei das correspondências ocultas, cada anjo rege suas próprias flores, ervas e animais simbólicos. Lumiel refere-se, ainda, à criação de uma raça semiangelical ou semidivina de seres andróginos, idealizada para ser a raça suprema da Terra, que existiu originalmente apenas em forma astral, sendo liderada por Adão e Eva. De acordo com o grande plano, a humanidade evoluiria de maneira gradual a partir da ameba e ascenderia, ao final, a uma forma aperfeiçoada, à semelhança desse assim chamado “Povo do Raio”.

No princípio, Adão e Eva coexistiam no Jardim do Éden, que se situava no plano astral, ao passo em que “na Terra em si, os futuros humanos tinham evoluído apenas às formas humanas mais rudimentares e eram pouco melhores que primatas sem pelo, em termos de inteligência...”. Foi nesse estágio que os padrões arquetípicos de vida foram moldados pelos anjos e eles incluíam animais “míticos” como dragões, grifos, unicórnios, serpentes marinhas e até o povo das fadas. Essas criaturas arquetípicas existiam no Éden astral, que era o padrão evolucionário do paraíso ideal que a Terra deveria ser. O papel de Lumiel, como o anjo do intelecto, era o de elevar a consciência dos proto-humanos. No entanto, ele desafiou o plano de Deus e sugeriu que a evolução de primata a anjo se acelerasse. Isso levou, por fim, a uma disputa entre

os anjos e à Guerra nos Céus, uma vez que passaram a se posicionar a favor e contra a ideia do anjo rebelde.

Os primeiros proto-humanos não tinham alma nesse estágio porque existiam apenas no padrão arquetípico do Povo do Raio. Uma vez que seus cérebros e mentes se desenvolvessem o suficiente, eles “ganhariam suas almas” e se tornariam completamente humanos. Por fim, evoluiriam até assumir a forma angelical do Povo do Raio. Lumiel descreve o processo da seguinte forma: “O plano era transformar a carne [humanidade] em espírito, absorvendo-a no Povo do Raio”. O plano alternativo de Lumiel era transformar logo o espírito (Povo do Raio) em carne e, assim, abreviar o longo processo de evolução planetária do primata ao humano e ao anjo.

Lumiel decidiu abrir as mentes de Adão e Eva (especialmente Eva), encorajando-os a comer os frutos da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Yahweh proibira que Adão e Eva comessem dela, uma vez que perderiam seu estado primitivo de inocência e se tornariam humanos. Lumiel, que queria progressos com impaciência, também dividiu Adão-Eva em dois sexos. De acordo com os ensinamentos de Madeline, a humanidade recebeu o conhecimento cedo demais, quando ainda não possuía a capacidade de absorvê-lo. Como consequência por desafiar Yahweh, Lumiel foi banido do Céu e se tornou o Senhor d’Este Mundo. Nesse papel, ele foi condenado a encarnar repetidas vezes em corpos mundanos como bode expiatório, tomando sobre si os sofrimentos, dores e aflições da humanidade. Somente quando a humanidade compreender totalmente quem ele era de fato e se tornar iluminada é que Lumiel será redimido e reintegrado à sua exaltada posição. Nas palavras do arcanjo Miguel, citadas em *O Livro de Lumiel*, sua “luz se apagou por um tempo, mas brilhará outra vez como a Estrela da Manhã, que surge antes de o Sol se elevar nos céus”.

Um componente poderoso de qualquer crença gnóstica (com “g” minúsculo) ou luciferiana é a cruzada para nos libertarmos das falsas ilusões do mundo material, sem cometer o mesmo erro de alguns gnósticos e cristãos heréticos, que rejeitam o mundo como uma criação malévola. Como disse a psicóloga junguiana dra. June Singer (1987): “Todos temos a tendência a sermos o que chamo de ‘prisioneiros da mente’. Somos escravos dos nossos pensamentos, projeções, ideias preconcebidas e preconceitos. Eles nos cegam e, por causa disso, nos perdemos às margens de nossa inteligência”. A dra. Singer prossegue dizendo que a máxima gnóstica e compartilhada pelas religiões pagãs de mistérios “Conhece-te a ti mesmo” é um meio de alcançar o conhe-

cimento do espírito divino dentro da natureza humana. De acordo com a dra. Singer, a situação atual do ser humano é fruto da ignorância. E é dessa ignorância que Lumiel, representando o poder do intelecto, buscava libertar a raça humana desde o princípio, missão que ainda está em curso.

Tomás de Aquino acreditava que a Queda afetara os poderes sobrenaturais do homem, de forma a mantê-lo “afastado de sua voz interior, o eu verdadeiro, ao mesmo tempo em que perdia toda a sua comunicação com a Natureza e o mundo animal, pelo que sofre, hoje, de uma crescente nostalgia” (citado em Anderson 1953/1987:268). Esse era o conceito do “pecado original” e o foco cristão nele como uma metáfora sexual fez com que a Igreja se tornasse obcecada, de forma doentia, por tais questões.

Isso proporcionou à Igreja, nos dias atuais, uma amarga colheita em sua postura diante da ordenação de mulheres, da homossexualidade, do celibato no sacerdócio, do aborto e da moralidade em geral. Mesmo enquanto este livro está sendo escrito, a Igreja Anglicana enfrenta uma divisão quanto à ordenação de bispos gays e a Igreja Romana é acusada de encobrir alegações de abuso de menores por seus padres.

Em seu *O Livro do Demônio*, outra lição do curso, Madeline Montalban diz que o “pecado original” não tinha natureza sexual em princípio. Ela afirma que cada um de nós tem a capacidade de realizar algo que é exclusivo ou particular a nós mesmos. Alguns de nós somos intolerantes, ou gananciosos, ou amedrontados por natureza e esse, na realidade, é nosso “pecado original” ou Demônio simbólico dentro de todos nós. Acima de tudo, Madeline considerava como o “pecado original” extremo o desejo do sacerdócio estabelecido (de qualquer religião) de esconder as verdades ocultas daqueles que as buscavam. Em suas palavras: “Os ricos governavam e mantinham o conhecimento fechado em um pequeno círculo de reis e classes sacerdotais, os sacerdotes jurando lealdade ao rei... e para que nenhum plebeu brilhante decidisse que aprenderia a ‘sabedoria’, eles classificavam toda magia e ocultismo como ‘armadilha do Demônio’... em vez de sabedoria, ofereciam ao povo o ‘medo do Demônio’, caso ousasse investigar ainda mais”.

Um ponto importante ressaltado na doutrina de Lumiel era que o (paraíso arquetípico do) Éden estava situado no plano astral. Essa ideia de que Adão e Eva tenham vivido ou existido em um estado espiritual antes de assumirem uma forma física pode ser encontrada nos ensinamentos esotéricos cabalísticos, gnósticos e islâmicos. Os cabalistas referem-se a Adão Kadmon como o “Adão Celestial” e O Zohar diz:

“Quando Adão habitava o Jardim do Éden, ele usava uma vestimenta celestial que é um traje de luz celeste”. No entanto, diante da Queda, “túnicas de peles” (isto é, corpos materiais) foram feitas por Deus para Adão e Eva, como se descreve em Gênesis 3:21.

Os cabalistas também afirmam que, antes da Queda, Adão tinha faculdades que transcendiam até mesmo as dos anjos e que existia em uma forma etérea. Graves e Patai (1964:77) dizem que Adão se admirou com a pele nua de Eva porque sua “pele externa, uma camada de luz”, desaparecera. Tão logo provou do fruto proibido, sua própria pele externa de luz também desapareceu e ele se tornou um ser físico. Na cosmologia proposta pelo místico Jacob Bohme (1575-1624), Adão foi criado com dois corpos e um deles era o “Homem de Luz”, que representava um ser humano e uma sabedoria aperfeiçoados. Esse corpo fora possuído, certa vez, por Lúcifer, como o arquétipo da sabedoria e do conhecimento. O outro, o corpo nascido do barro, é um corpo material, chamado “corpo de trevas” ou o eu sombrio que pertence ao mundo físico. Em alguns mitos gnósticos, os primeiros Adão e Eva eram emanções diretas da Luz Inefável e foram criados nos Céus. Eles passam por vários estágios de evolução à medida que a luz da qual se constituem torna-se cada vez mais densa. Por fim, eles encarnaram no plano terreno, em corpos físicos.

O místico islâmico Haydar Asuli afirmou que a frase “Alá criou o homem à sua própria imagem” refere-se à criação da forma celestial do ser humano primitivo, que representa o macrocosmo (Universo). Isso foi equilibrado pelo Adão nascido do barro, que representa o microcosmo ou o mundo (Corbin 1986:83) e também se reflete no axioma hermético “O que está em cima é como o que está embaixo”. O Alcorão diz que Alá “criou o homem do barro, como os oleiros” (LV:12). Esse Adão terreno ou nascido do barro foi nomeado por Alá como seu califa no mundo. É interessante que o mesmo simbolismo apareça no antigo mito egípcio em que o deus artesão Ptah cria os primeiros humanos em sua roda de oleiro. No mito babilônico, a deusa Anu ou o deus Ea também dão forma ao primeiro homem a partir do barro vermelho.

Na versão islâmica, Adão é feito do barro, ou pó dos quatro cantos do mundo, reunido pelo anjo Azrael. Alá disse aos anjos que faria de Adão seu vice-rei para governar o mundo. Não apenas Lúcifer (chamado de Iblis) mas outros odiaram Adão, pois temiam que ele pudesse se tornar um rival de Deus. No princípio, o corpo de Adão irradiava uma luz brilhante e ele era um gigante em estatura até que Deus o reduziu em tamanho depois da Queda (Graves e Patai 1964:62). Quando Deus

apresentou Adão aos anjos e disse-lhes para que se curvassem diante de sua nova criação, Iblis recusou-se “e encheu-se de orgulho, e se tornou um dos descrentes” (II 30.XV 25:30). Iblis arguiu ser melhor que Adão pois “Tu me criaste do fogo e ele, Tu criaste do barro”. Ele também disse a Deus: “Tu colocarás sobre a Terra um ser que trará a desordem e derramará sangue” (Ibid 2:30). Alá, então, baniu Iblis dos Céus juntamente com os anjos e gênios (espíritos) que ficaram ao seu lado, amaldiçoando-o até o “Dia do Juízo Final” (Ibid VII:14-15).

Nas crenças cabalistas, Adão Kadmon, ou o Adão Celestial, era de natureza andrógina. Um mito judaico conta que os Pais Originais foram, no início, criados por Yahweh como um ser bissexual que só mais tarde foi subdividido em corpos masculino e feminino (Graves e Patai 1964:66-67). Essa crença também era comum entre os babilônicos, os gnósticos e os teosofistas do século XIX. Na tradição cabalística, todos os espíritos são constituídos de energias masculinas e femininas, mas, quando eles “nascem no mundo” (isto é, encarnam na Terra), os dois elementos são separados. Se uma pessoa tiver sorte o suficiente para encontrar sua “alma gêmea”, então, de acordo com os cabalistas, haverá uma “união perfeita em espírito e em carne” (Hoffman 1996:60). Madeline Montalban era grande adepta do conceito de “almas gêmeas”, embora acreditasse que um dos gêmeos pudesse encarnar sem o outro. Ela também acreditava que os conceitos de *anima* e *animus* da psicologia junguiana referiam-se à lembrança da nossa alma gêmea, retida na psique humana e expressa na forma do homem ou mulher ideais. Ela exprimia essa crença por meio do simbolismo esotérico dos mitos arturianos, nos quais a busca pelo Santo Graal representava a procura do guerreiro ou mago por sua alma ou alma gêmea feminina.

Uma lenda rabínica conta que foi o anjo Samael quem ensinou Adão e Eva a se reproduzirem sexualmente. Samael é usado com frequência como um código para Lúcifer, embora seja o anjo planetário de Marte e possua diferentes atributos. Entretanto, ele é tradicionalmente o consorte da deusa da lua negra, Lilith, o que o tornaria uma forma de Lumiel. *O Livro de Lumiel* conta que “a forma da serpente no Jardim do Éden é uma alegoria que representa o desenvolvimento do desejo fático do homem”. Alega-se que isso levou ao caos, com a procriação dos primeiros humanos e o desenvolvimento de uma raça metade humana e metade angélica junto com os filhos de barro da Terra. A serpente “tentou” Adão e Eva ao dizer-lhes que Yahweh os proibira de comer o fruto da Árvore “para que não vos torneis anjos” (O Alcorão VII:19). O Gênesis diz que Lumiel contou a Eva que se ela comesse o fruto

proibido “então teus olhos abrir-se-ão e tu serás como os deuses [sic] e conhecerás o bem e o mal” (3:5-6). Os olhos de Eva se abriram no sentido de que ela se tornou consciente da ideia do bem e do mal e da existência na realidade física.

De fato, nas palavras de um famoso mitologista, Joseph Campbell: “... a descida da supraconsciência ao estado de inconsciência é precisamente o significado da imagem bíblica da Queda”. Ele prossegue, dizendo que a redenção (e poderíamos acrescentar aqui “... de Lúcifer”) consiste no retorno a um anterior estado perdido de superconsciência. É famosa a frase pela qual Aleister Crowley, certa vez, declarou que “Todo homem e toda mulher são uma estrela”. Nos ensinamentos esotéricos islâmicos há a afirmação de que as almas humanas eram, no início, estrelas que (como os humanos) caíram na Terra. Elas evoluirão, por fim, e progredirão até que voltem a ser estrelas e retornem aos céus (Corbin 1986:139-140). Esse é o verdadeiro significado dos eventos descritos no mito do Éden e a promessa de que, um dia, a humanidade vencerá a jornada espiritual do primata ao anjo.

A Árvore da Gnose

*Eis o Fruto da Árvore Eterna, o qual o Senhor proibiu –
The Green Gospel*

A crença em um paraíso terreno onde os humanos vivam em paz e harmonia com os animais é milhares de anos anterior ao mito bíblico do Jardim do Éden. Uma das primeiras referências na Mesopotâmia faz menção a uma terra mítica chamada Dilmun, onde não havia doença nem morte. Situava-se, em termos físicos, no que seria hoje o sul do Iraque e o norte da Arábia. No século XIX, durante escavações na cidade assíria de Nimrud, atual Iraque, foram descobertas tábuas de pedra que descreviam esse paraíso. Dizia-se que era um paraíso real de delícias terrenas, repleto de “águas doces” e palmeiras, localizado nas proximidades do Rio Eufrates e considerado o local de nascimento da raça humana. Tal como no mito do Gênesis, a primeira mulher foi criada da costela do primeiro homem e, por fim, o casal foi expulso por haver desafiado o deus Marduk. Na mitologia suméria, o jardim pertencia a uma deusa da sabedoria chamada Sidun. Ela ingenuamente fez do deus Sol Shamesh (Lúcifer) seu jardineiro e guardião. Mais tarde, ele usurpou seu domínio e se tornou o regente absoluto do lugar.

O símbolo de uma árvore sagrada é universal nos mitos e religiões do mundo. A escritora feminista Asphodel (Pauline Long), em uma palestra na primeira Sophia Fellowship Feminist Theology Conference, em 1996, declarou: “Ao longo de diversos séculos e eras, a Árvore da Vida tem sido tanto um símbolo deste mundo como do Divino. Representa a temática do renascimento juntamente com a união dos opostos”. Em regra, tais árvores são guardadas por uma serpente ou um dragão. Em antigas crenças xamânicas, a árvore sagrada liga o Céu (os galhos) com a Terra Média (o tronco) e o Submundo (as raízes). É encontrada na mitologia

nórdica como Yggdrasil, a árvore cósmica do mundo, com seu simbolismo de *axis mundi* (pilar do mundo), que liga os nove mundos da existência. Era, também, a árvore em que o deus Odin se pendurou para obter o conhecimento das runas. Isso se associa ao Jesus sacrificado no crucifixo ou cruz de madeira, que lendas bíblicas dizem ter sido feita da madeira da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Um mito mais suave retrata o Buda sentado sob uma árvore de Bodhi sagrada até seu “despertar” ou obtenção da iluminação espiritual.

Na lenda grega da conquista do Velo de Ouro por Jasão e seus argonautas, a árvore é enfim encontrada em uma ilha no meio de uma floresta e é protegida por uma serpente-dragão enrolada em suas raízes. Escrevendo no século XVI, o filósofo alemão Trismosin afirmou que o Velo de Ouro era um pergaminho feito de pele de carneiro. Supunha-se que continha o segredo da Pedra Filosofal, transmitido desde a Caldeia, a Assíria, a Arábia e o Egito Antigos. Duas figuras famosas do século XX, o alquimista francês Fulcanelli e o psicólogo Carl Jung, que era gnóstico, expressaram a opinião de que a lenda era uma obra hermética críptica ou codificada relacionada à alquimia e à produção da Pedra Filosofal, que transforma chumbo (matéria) em ouro (espírito). Alguns ocultistas chegam a acreditar que ele seja um equivalente da Tábua de Esmeralda de Hermes Trismegisto (Gardner 2003:83-84).

Lady Anderson afirma que, no século XV, o duque Filipe de Borgonha fundou a cavaleiresca Ordem do Velo de Ouro. Ela sugere que essa Ordem se assemelhava aos idealizados Cavaleiros Templários, que, conforme a crença, eram guardiões do Castelo do Graal nos romances medievais. A insígnia de colarinho da Ordem apresenta um simbolismo interessante associado com a metalurgia ou ferraria. Ela exhibe pedras lascadas, metais e chamas entre os chifres de um carneiro ou um bode. Os capuzes de veludo que os membros usam eram bordados com o lema da nobre Casa de Borgonha. Traduzido do latim, significa: “Golpeie primeiro e a chama brilhará” (1953/1987:97).

Joseph Campbell faz o relato do conhecido conto folclórico sobre a jovem que é abordada, na floresta, por uma cobra falante que lhe pede em casamento. Assim que a jovem tem filhos, um menino e uma menina (gêmeos?), a serpente a abandona e passa a cuidar, sozinha, das crianças. No entanto, a serpente logo descobre que os filhos não sabem cozinhar e comem o alimento cru. A cobra ordena ao menino que suba em sua barriga e extraia o fogo que se encontra dentro dela. Quando ele o faz, a cobra ensina-os, então, a cozinhar o próprio alimento. Campbell afirma que esse conto (luciferiano) da descoberta do fogo é uma lenda

relacionada às primeiras atividades de plantio e é provável que remonte ao Neolítico (Idade da Pedra Polida). Ao que tudo indica, essa lenda é conhecida, em formas variadas, na África, no Oriente Próximo, sudeste da Ásia e na Indonésia.

Campbell alude também ao túmulo pré-histórico de uma criança, em Malta, onde foi encontrada uma placa talhada com um desenho em espiral, um peixe e uma cobra. O corpo fora colocado com cuidado na clássica posição fetal e voltado para o leste – a direção da aurora e do Sol nascente. Campbell reconhece os símbolos na pedra como relacionados à grande deusa venerada, mais tarde, em toda a região mediterrânea e do Oriente Médio como Ishtar e Astarte (Vênus). Como veremos em um capítulo mais adiante, essas duas deusas são tradicionalmente consideradas consortes de Lúcifer.

Alguns estudiosos bíblicos veem a primeira mulher do mito de Gênesis, Eva, como uma deusa por direito próprio. Por exemplo, Graves e Patai (1964:12) identificam-na com a deusa Heba, a esposa de um deus hitita da tempestade, que é retratada, em regra, cavalcando nua o dorso de um leão. Ela foi, mais tarde, identificada pelos gregos como a esposa do herói sobre-humano Hércules. De forma curiosa, Ishtar também é retratada, por vezes, cavalcando ou de pé sobre um leão. Em hebraico, Eva era Hawwa ou “a mãe de tudo o que vive” (Gênesis 3:20-21) e tal título também era dado à grande deusa da Antiguidade, cujo culto remonta à Idade da Pedra. É tentador ver a história de Eva como a corruptela da memória de uma deusa primitiva da terra que reinava sobre um paraíso terreno e cujo poder foi usurpado por um deus patriarcal.

Outra sugestão de que Eva teria sido uma figura divina aparece em um mito gnóstico citado pela dra. Singer (1987). Ela descreve a Árvore do Conhecimento, no Éden, especificamente como a Árvore da Gnose, e reconta o mito de que um raio de luz divina desprende-se do princípio feminino hebraico Sophia (Sabedoria) e fecundou Eva. Desse ato nasceu o suposto “instrutor da vida” que, na doutrina gnóstica, é a serpente do Éden. Tão logo Adão e Eva comem a maçã da Árvore, a “luz da gnose (conhecimento)” torna-se um direito inato de ambos.

No Gênesis, o “fruto da árvore”, na realidade, não recebe um nome, mas a crença popular diz, por tradição, que se tratava de uma maçã. Qual seria o motivo disso? É provável que seja porque a maçã tem, também, uma importância especial como fruto sagrado em muitas religiões pagãs. No norte da Europa, a maçã era consagrada à deusa Idunna e também um símbolo de imortalidade. Na realidade, era a lendária “ambrosia dos deuses”, que sustentava seu estado imortal de seres divi-

nos. Por isso, é interessante observar que, em Gênesis 3:23-24, Yahweh expulsa Adão e Eva do jardim para que eles não comessem, também, o fruto da Árvore da Vida e se tornassem imortais. Na religião nórdica, um dos gigantes de gelo, ou titãs, assume a forma de uma águia e rapta o traíçoeiro Loki. O gigante promete-lhe a liberdade se ele sequestrar Idunna e roubar suas maçãs douradas. Assim ele faz e os Deuses, privados de sua fonte de alimentação divina, começam a envelhecer como mortais, tornando-se velhos e frágeis. Eles intimidam Loki a resgatar a deusa das garras dos gigantes e, quando o titã, em forma de águia, persegue o casal, eles o queimam até a morte. Existe um conto semelhante na mitologia hindu, no qual o alimento dos deuses também é roubado por um gigante disfarçado de ave de rapina.

A maçã também é associada à fertilidade, ao nascimento de seres humanos especiais e ao Outro Mundo e o reino das fadas. Na saga nórdica, a deusa do amor sexual e da fertilidade, Freya, oferece uma maçã mágica a uma de suas servas. Ela ouvira que a esposa do rei Rerir era estéril e não podia conceber. A serva se transforma em um corvo e voa até um monte, onde o rei está sentado. Ela deixa a maçã cair em seu colo e ele a dá para a rainha comer. Pouco tempo depois, ela concebe e é assim que o herói Volsungo nasce.

Na lenda irlandesa do príncipe Connla, datada do século II d.C., ele é convidado por uma bela mulher fada para visitar a "terra do desejo de seu coração". Ela lhe oferece uma maçã mágica. Embora o príncipe continuasse a comer a maçã, ela nunca diminuía de tamanho e, assim, ele não precisava de outra forma de sustento. Por fim, ignorando os protestos de seu pai, o rei, e de seus conselheiros druidas, Connla viaja com a mulher fada, em seu barco de vidro, para o Outro Mundo e se torna um imortal. Essa história apresenta algumas semelhanças com a lenda arturiana em que o futuro rei fatalmente ferido é levado por três mulheres fadas, em um barco, a Avalon – a "Ilha das Maçãs".

Nos mitos gregos, as maçãs douradas das Hespérides eram objeto da busca de vários heróis, inclusive Hércules e Perseu. No entanto, foi Prometeu, o provedor luciferiano do fogo aos humanos, que guiou Hércules em sua jornada para encontrar o fruto dourado. Prometeu pertencia à antiga raça de titãs ou gigantes e é, por vezes, considerado o criador da humanidade. Dizem que seu irmão Atlas governava o continente perdido de Atlântida, famoso por suas árvores frutíferas, e que Prometeu intercedeu em favor dos atlantes quando o deus pai Zeus ameaçou afogá-los em um dilúvio. Prometeu também ensinou aos primeiros

humanos as artes civilizadoras da arquitetura, astronomia, matemática, navegação, medicina e metalurgia (Graves 1960:143-144).

Os alquimistas medievais chamavam, por vezes, a famosa Pedra Filosofal de “a maçã dourada das Hespérides”. Isso porque, além de transformar metais comuns em ouro, acreditavam também que proporcionava a juventude eterna àquele que a possuísse. Esse é um dos principais segredos da Grande Obra alquímica, ainda muito almejado pelos ocultistas. O jardim no qual as maçãs douradas cresciam situava-se em uma ilha “além de um grande oceano nos confins do mundo”. Previsivelmente, a árvore que gerava o fruto mágico era protegida por uma serpente e três ninfas ou deusas. Lady Anderson (1953/1987:95-100) interpreta essas figuras femininas como deusas do destino e as associa às três rainhas do mito de Avalon. Em um famoso poema escrito por lord Tennyson, o dragão que protege a macieira sagrada é descrito como “mais velho que o mundo” e as ninfas são três irmãs (as Parcas, Moiras ou Destinos?). Tennyson afirma que as três deusas do destino – as normas da mitologia nórdica, que protegem Yggdrasil, a Árvore da Vida – são representadas por três cores: branco, verde e vermelho. O branco é pela pureza de Eva, o verde é por Caim e o vermelho é o sangue de Abel.

Alguns escritores propuseram que a Árvore do Conhecimento pode ter sido uma planta alucinógena real consumida pelos primeiros humanos, proporcionando-lhes visões do Divino. No México antigo, acreditava-se que o paraíso era um belo jardim repleto de enormes flores exóticas e árvores frutíferas, banhado por um rio cheio de peixes e com borboletas coloridas gigantes, uma serpente malhada e um dragão florido. Visões desse paraíso psicodélico seriam experimentadas com o consumo da suposta psilocibina de cogumelo alucinógeno sagrado (Graves e Patai 1964:8081). O leitor deve se lembrar de que os antigos mexicanos veneravam a serpente emplumada Quetzalcoatl, que era conhecida como o Senhor da Estrela da Manhã.

O antropólogo e professor xamânico dr. Michael Harner relatou uma experiência muito interessante que teve nas selvas amazônicas peruanas depois de tomar ayahuasca, planta alucinógena, semelhante a uma parreira. Ele teve a visão de um navio com proa em forma de dragão remado por criaturas com cabeças de pássaro. Em seguida, encontrou uma antiga raça de entidades reptilianas que, acreditava ele, vivia “nas profundezas mais internas do cérebro, no alto da coluna vertebral”. Essas formas de vida dragonoides disseram ao dr. Harner que vieram das estrelas há éons e criaram a vida na Terra, de modo que podem

“se esconder em suas múltiplas formas”. Eles existiam em todas as formas de vida, inclusive nos humanos, e eram os verdadeiros mestres do planeta. O dr. Harner contou essa visão a um casal norte-americano de evangelistas que fazia um trabalho missionário entre os nativos da região. Eles responderam com a citação dos versos do Apocalipse que mencionam a Guerra nos Céus e a “velha serpente”, ou dragão, que é lançada abaixo. Posteriormente, o antropólogo relatou sua experiência a um velho xamã indígena e ele parecia familiarizado com essas criaturas-dragão, chamando-as de “Mestres das Trevas Exteriores” (*The Way of the Shaman*. Harper & Row, Estados Unidos, 1980).

Outro pesquisador que experimentou as extraordinárias propriedades da ayahuasca é o professor Benny Sharon, um psicólogo da Universidade Hebraica, em Jerusalém. Ele experimentou a beberagem na floresta amazônica e registrou sua capacidade aparente de conectar o usuário ao mundo espiritual, facilitar a projeção astral, a viagem no tempo, a memória remota e até revelar as origens da criação. É interessante observar que, durante uma de suas experiências, o professor Sharon também teve a visão de criaturas semelhantes a dragões. Isso também foi acompanhado da compreensão de que, quando Caim matou Abel, ele na realidade não foi punido de forma severa por Yahweh. Em vez disso, foi exilado a fim de vagar pelo mundo e construir cidades. Seus descendentes, Sharon percebeu, foram os arquitetos da civilização humana e exemplos culturais, incluindo o primeiro músico, Jubel, e o primeiro ferreiro, Tubalcaim. Portanto, a reparação do crime cometido por Caim foi a fundação da civilização humana.

As experiências místicas daqueles que provaram a ayahuasca em um contexto ritualístico e sagrado incluem compreensão e empatia com a vida selvagem, com as plantas e o mundo natural. Com frequência, essas visões incluem encontros com serpentes gigantes, dragões e lagartos (Lumiël). De modo geral, esses répteis estão adornados com flores ou apresentam escamas brilhantes multicoloridas. Às vezes são alados e feito de fogo.

Eles se deparam com grandes felinos como jaguares, leões e panteras (Miguel). Os observadores também relatam visões de sercs angelicais, guias espirituais, elfos, gnomos e fadas e de uma mulher à semelhança de uma deusa, identificada como a Virgem Maria ou a “Rainha da Floresta”, dependendo da religião do observador. Uma experiência comum é ver linhas de luz interligando tudo, como uma teia de aranha gigante. Isso leva muitos participantes a acreditarem que Deus é tudo e está em toda parte (Sharon 2002).

O simbolismo da vinha ou parreira também surge em correlação com o mito do Éden. Tanto Adônis quanto Dionísio (ambos personificações tradicionais de Lumiel) eram conhecidos, em termos simbólicos, como “o fruto da vinha” e seus seguidores tomavam o vinho como se fosse o sangue deles. Cristo é, com frequência, associado ao simbolismo da vinha. Ele não apenas transforma água em vinho, mas também oferece de beber seu próprio sangue para seus seguidores, na Última Ceia. Os leitores de *Os Pilares de Tubalcaim* poderão se lembrar de que ele foi supostamente oferecido em um cálice (o Graal) esculpido a partir de uma esmeralda que caiu da coroa de Lúcifer durante a Guerra nos Céus.

O fruto da Árvore da Vida, por vezes conhecido nos mitos do Oriente Médio como a árvore lunar da deusa, pode portanto conceder a juventude eterna ou a imortalidade. Aqueles que beberem de sua essência serão “um com Deus ou os Deuses”. Harding (1977:240) compara a Árvore com o símbolo (luciferiano) da *Rosae Crux*, ou da rosa e da cruz. Ela aponta que, nos rituais de iniciação aos mistérios da deusa egípcia Ísis, descritos por Apuleio em *O Asno de Ouro*, o iniciado que come “as rosas de Ísis” é libertado das amarras do desejo carnal e de sua natureza animal.

Outro candidato ao fruto da Árvore da Gnose é descrito por Graham Phillips. Ele cita o historiador grego Diodoro Sículo, que dizia que o sacerdócio dos edomitas usava um “fruto proibido” para contactar seu deus solar-lunar andrógino. Uma botânica norte-americana, dra. Karen Varbles, identificou-o como o fruto de um arbusto muito conhecido no deserto, chamado datura ou figueira-do-diabo, famoso por suas poderosas propriedades alucinógenas. Phillips sugere que essa planta pode ser a causa do incidente da “sarça ardente”, experimentado por Moisés. Ele afirma que o hebraico original refere-se à “sarça que arde”, em vez de um arbusto que estava fisicamente em chamas. O fruto da figueira-do-diabo não apenas tem um sabor ardente, mas também pode provocar suor excessivo causado pelo aumento da temperatura corporal e sensações de queimação por todo o corpo. Voltando ao já referido entalhe edomita de uma serpente com a árvore, Phillips acredita que o fruto da figueira-do-diabo também pode ter sido o “fruto proibido” do Éden (2002:276-279).

Depois do ato de desobediência de Adão e Eva, o relato bíblico declara que “o Senhor Deus expulsou-o [Adão] do Jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora formado. E havendo lançado fora o homem; colocou querubins ao leste do Jardim do Éden, e uma espada flamejante que se voltava para todos os lados...” (Gênesis 3:23-24). Sugeriu-se que

a “espada flamejante” eram rodas de fogo ou suásticas pintadas ou entalhadas no portão de entrada do Éden para informar aos humanos que aquela era uma área proibida (Graves e Patai 1964:74). Embora essa seja uma explicação um tanto literal que dá por certo que o Éden era um local físico, seu simbolismo é interessante. Os querubins eram um dos coros ou ordens de anjos que não devem ser confundidos com os querubins alados de bochechas rechonchudas das pinturas medievais. Esses últimos deveriam ser chamados, de forma mais adequada, de *putti* e devem sua origem aos cupidos alados que serviam ao deus pagão do amor, Eros. O querubim (do hebraico *karibu* ou “aquele que intercede”) originou-se dos “terríveis e monstruosos guardiões dos templos e palácios da Suméria e da Babilônia” (Godwin 1990:28). Alguns escritores já os compararam com os humanoides com cabeça de águia que são os guardiões da Árvore da Vida na mitologia assíria.



Um querubim

Representações dos querubins descrevem-nos, em regra, como tendo o rosto de um leão ou de um homem e o corpo de uma esfinge, touro ou águia. O homem, o leão, a águia e o touro são símbolos antigos dos pontos cardeais do compasso e foram adotados pela Igreja primitiva

como imagens dos quatro evangelistas. Quando o sítio arqueológico da cidade bíblica de Siquém, o lendário lar de Jacó, foi escavado na década de 1990 por arqueólogos israelenses, foram encontradas evidências do culto a essas entidades cardeais. Eles parecem não ter muito a ver com o Judaísmo ortodoxo e é provável que o precedam em milhares de anos (Phillips 2002:103-104).

Em *Paraíso Perdido* (1695), de John Milton, o arcanjo Miguel é quem conduz Adão e Eva para fora do Jardim do Éden. Em um entalhe contemporâneo, Miguel é retratado repousando a cabeça no ombro de Adão, enquanto o primeiro homem segura sua cabeça com as mãos. Enquanto isso Eva esconde os seios e a genitália com as mãos, envergonhada. Acima dessa cena, querubins pairam, prontos para assumir seus postos como guardiões do portão. Na mão direita, Miguel segura uma espada de lâmina ondulada – a chamada “espada flamejante” do relato bíblico da expulsão do Éden. Na tradição judaica, o corpo de Adão está enterrado em uma caverna do lado de fora da entrada do Éden e é seu espírito que, agora, protege o portão. Supõe-se que Enoch, Isaac e Moisés visitaram o Paraíso, que os textos rabínicos afirmam existir no Terceiro Céu e para onde os justos vão depois da morte. Por esse motivo, dizem que o portão é protegido pelo anjo da morte, Azrael.

Logo após deixarem o Éden, nasce o primeiro filho de Adão e Eva, Caim ou Qayin. Depois da concepção ou nascimento, Eva faz uma observação críptica: “Recebi do Senhor um homem” (Gênesis 4:1). Isso sugere que Adão não era o verdadeiro pai de Caim e a tradição esotérica diz que ele foi concebido pela serpente, chamada, dentre outras, formas, de Samuel ou Lúcifer. Graves e Patai (1964:86) fazem referência a inúmeras lendas antigas sobre mulheres que dão à luz depois de manterem relações sexuais com serpentes. Um exemplo é Alexandre, o Grande, nascido da relação de uma mortal com o deus pai Zeus disfarçado de cobra. Em um infame ritual vodu, uma sacerdotisa torna-se um oráculo dos deuses depois que uma cobra entra em seu corpo e ela cai em transe. No gnóstico e herético *Evangelho de Felipe*, Caim é, de fato, retratado como “o filho da serpente”.

Quando Caim estava nascendo, Yahweh enviou anjos, liderados por Miguel, para ajudar no parto de Eva. Ao deixar o ventre da mãe, o rosto de Caim resplandecia com uma brilhante luz angelical. Foi então que, em sua inocência, ela gritou que havia recebido um filho de Deus. O Zohar diz que os filhos de Caim eram conhecidos como os “filhos de Deus” pois “quando Samuel montou sobre Eva, ele injetou nela sua imundície e ela concebeu e deu à luz Caim. E seu semblante era diferente

daquele dos outros humanos [sic], e todos aqueles que vieram de sua linhagem eram chamados de Filhos de Deus”.

A narrativa prossegue, dizendo que “de todas as gerações, os perversos do mundo seguem suas origens, e eles devem sua existência, em todas as suas características, à geração dos demônios e espíritos. É por isso que os espíritos e os demônios são metade seres humanos, na parte inferior, e metade anjos, na parte superior”. Isso se assemelha ao conceito do Povo do Raio, descrito por Madeline Montalban, ou à chamada “raça élfica”, descendente dos Vigilantes.

Em uma versão alternativa, Andrew Chumbley, em seu *Green Gospel* (manuscrito não publicado) declara: “De Caim e Calmena [sua esposa] nascerão todos os Filhos do Fogo, tanto visíveis quanto invisíveis, como os de Elfame [Fadas], Criaturas [espíritos da terra] e Gênios. Geração após geração, pela transmissão da tocha ardente de Lumial, a Grande Hoste nascerá dentre os Ventres das Abençoadas, e em seus Mais Amados, os Deuses Fiéis colocarão todas as formas de conhecimentos diversos e sagrados. E é assim que os Filhos de Calmena e Caim passarão a ser os herdeiros do Culto Ancestral, os Detentores da Sabedoria dos Deuses Antigos e os guardiões do Conhecimento Sagrado”.

Tradicionalmente, Caim é difamado nas mãos de propagandistas judaico-cristãos e outros. De fato, na Questing Conference, em novembro de 2002, em Londres, um dos palestrantes, o pesquisador e escritor Ian Lawton, chegou a sugerir que Caim era uma figura malévola na história por ter inventado os pesos e as medidas. Isso parece ter marcado o final de uma mítica “Era de Ouro” pré-histórica da qual os primeiros humanos desfrutavam, dando início à corrupção da humanidade. Caim é também condenado, de maneira universal, como o primeiro assassino e o conflito com seu irmão Abel tem sido interpretado de várias maneiras. Alguns estudiosos bíblicos consideram o assassinato com a lâmina de um arado uma luta de poder entre os pastores nômades e os primeiros agricultores. Um cenário alternativo, ainda que improvável, seria um conflito entre vegetarianos e comedores de carne. Na tradição esotérica maçônica, Abel ou Hebel representa a vaidade, e seu assassinato por Caim, o construtor de cidades, simboliza o assentamento da fundação da sagrada Cidade de Deus, a nova Jerusalém. Caim tem de matar Abel (a natureza animal do homem) para que possa se transformar em Seth – o “Homem de Luz” ou “O Perfeito”. Após o assassinato, Yahweh envia um corvo para mostrar a Caim onde enterrar “o corpo vil” [sic] de Abel (O Alcorão V:30). Em *The Green Gospel*, “a vida de

Abel foi para dentro da terra – para nutrir as plantas e as árvores”. É por isso que o corvo é uma ave sagrada na Arte Luciferiana.

Ao passo que Yahweh se sente obrigado a exilar Caim nas terras ermas, ele lhe confere uma marca especial que impede que seja caçado e morto por outros humanos. Um manuscrito árabe preservado na biblioteca Bodlien, em Oxford, afirma: “Nenhuma espada poderia perfurá-lo, o fogo não poderia queimá-lo, a água não poderia afogá-lo e o ar não poderia prejudicá-lo, nem o trovão e o relâmpago atingi-lo”.

Existe muita especulação quanto ao que seria a “Marca de Caim” para conferir-lhe proteção divina e apartá-lo dos outros. Quando este autor encontrou Madeline Montalban em 1967, ela afirmou que reconhecia a “Marca de Caim”. Para ela, a marca era um símbolo visto, por clarividência, na aura e ficava na frente, onde se situa o Terceiro Olho ou glândula pineal. Já foi dito, também, que a marca é uma condição física ou deformidade, tais como ter o corpo muito peludo, tremedeira nos membros ou mancar. De fato, mancar é algo significativo, uma vez que tanto os deuses ferreiros quanto o Demônio mancam.

Era dito, também, que um sinal da Marca é que Caim tinha o rosto enegrecido. O texto judaico Midrash Rabbah afirma que seu rosto tornou-se negro quando Yahweh recusou sua oferenda sacrificial dos primeiros frutos. Outra fonte informa que Yahweh destruiu a lavoura de Caim com granizo, que acertou seu rosto, tornando-o negro e azulado. De forma bizarra, escritores medievais sustentavam que isso provava que os africanos descendiam de Caim, o que levou à crença de que os egípcios eram descendentes dos cananitas de pele escura e do filho de Noé, Cam, que era da linhagem de Caim. Os mórmons também tinham essa crença, que foi usada pelos supremacistas brancos norte-americanos para justificar suas teorias conspiratórias racistas. Em uma linha mais segura e menos controversa, o rosto negro de Caim pode ser associado à sua profissão de ferreiro. Isso também aponta conexões óbvias com o Homem Negro ou o Homem de Preto, que a Igreja afirma ser o Demônio que reinava sobre o culto da bruxaria medieval.

A chave para compreender a Marca em nível oculto é que ela assinala seus descendentes espirituais como um povo separado da raça humana – o verdadeiro estrangeiro que rejeita a mentalidade de rebanho das massas. É de acordo com os princípios luciferianos que o cainita é uma pessoa que se coloca à parte e que leva a vida em um ritmo diferente. Ele, ou ela, é o rebelde ou estrangeiro natural; a cavilha quadrada em um orifício redondo, o rebelde com causa ou, em termos religiosos, o herege. Eles podem sentir que não acompanham o restante de seus companheiros

e, só depois de perceber que são “diferentes” e isso não é uma coisa ruim, é que podem reconciliar os sentimentos de alienação e aceitar sua posição no mundo.

Além de ferreiro, como já apontamos, Caim era também um notável cavaleiro. É por esse motivo, e por suas excursões no exílio, que foi adotado por muitos ciganos e pelo povo romani como um patrono secreto. Os romani têm uma lenda chamada “O Prego Errante”, que faz uma ligação entre suas habilidades de ferraria com Caim e o mito de Jesus. Ela conta que, quando os romanos preparavam-se para crucificar Jesus, dois centuriões foram enviados para arranjar quatro pregos grandes para aquele fim. Eles receberam dinheiro para pagar pela forja dos pregos, mas, em vez disso, gastaram-no bebendo o dia todo nas estalagens. Como a noite começava a cair, eles foram até o primeiro ferreiro judeu e ofereceram-lhe o pouco de dinheiro que sobrara para fazer os pregos. Quando percebeu o objetivo, ele se recusou a fazer os pregos e os soldados mataram-no. Os outros dois ferreiros que encontraram também se recusaram a ter qualquer parte na execução e foram, da mesma forma, mortos pelos soldados embriagados.

Já estava muito escuro e, no caminho de volta às barracas, os soldados encontraram um velho ferreiro cigano que acabara de chegar à cidade, armara sua barraca e posicionara sua bigorna. O homem nunca ouvira falar de Jesus e os soldados ordenaram que fizesse os quatro pregos. Quando o ferreiro começou a forjar o último prego, as vozes dos espíritos dos ferreiros assassinados começaram a gritar, implorando que ele não o terminasse. Os centuriões ficaram tão assustados que fugiram com os três pregos que o ferreiro já tinha feito. O cigano terminou o quarto prego, mas, quando o mergulhou na água para esfriá-lo, o prego permaneceu vermelho pelo calor. Ele tentou esfriá-lo várias vezes, sem êxito. Morrendo de medo, o ferreiro juntou depressa seus pertences e fugiu para o deserto, deixando o prego para trás. Ele armou sua barraca, mas bem ali, aos seus pés, viu o prego incandescente. O cigano fugiu para ainda mais longe nos lugares ermos, mas o prego incandescente o seguia. Por fim, ele chegou a uma vila árabe e usou o prego para consertar uma roda quebrada. Acreditou que aquilo seria o final da perseguição.

Um dia, o ferreiro chegou à cidade de Damasco e estabeleceu uma ferraria. Vários meses depois, um homem trouxe-lhe uma espada para consertar e o cabo começou a brilhar a partir do prego incandescente que continha. Uma vez mais, o ferreiro fugiu, mas, por gerações, o prego sempre aparecia nas tendas e casas de seus descendentes, forçando-os a se mudar e vagar pela Terra. E foi, também, o motivo pelo qual Jesus

foi crucificado com três pregos, visto que seus pés foram pregados com apenas um. A tradição cigana reza que o quarto prego ainda vaga pela Terra, como Caim, e é por isso que os ciganos não têm uma terra permanente (Citação extraída de *Bury Me Standing: The Gypsies and Their Journey*. Isabel Fanseca, Chatto & Windus, p. 89-92.1995).

A história da morte de Caim é um tanto bizarra e inacreditável. Um manuscrito armênio afirma que a famosa Marca de Caim consistia de um chifre único, como um unicórnio, ou de dois chifres. Outras versões sustentam que era uma galhada completa de cervo. Supõe-se que Caim foi assassinado por seu próprio descendente Lameque, pai do primeiro ferreiro, Tubalcaim. Lameque caçava com seu filho quando a figura cornífera de Caim é avistada, coberta de pelos e vestida em peles de animais, como um “homem selvagem”. O cego Lameque confunde Caim com um cervo e, em uma cena que lembra a morte de Baldur nas mãos de seu irmão cego Hodr, Tubal ajuda seu pai a apontar a flecha e atirar. Apenas quando o moribundo Caim fala é que Lameque percebe que cometeu um erro terrível. Tubal consola seu pai dizendo que, por Caim estar tão peludo e se parecer com um “duende da noite”, ele não deveria se culpar por sua morte.

Uma cena que mostra a morte de Caim está entalhada em uma pilastra na nave da igreja de Vézelay, na França, e data do século XVII. Caim é retratado como a figura de um homem verde que espia por entre as folhagens e tem uma visível galhada em sua cabeça. Outra versão de sua morte, encontrada em uma Bíblia anglo-normanda do século XIV, mostra, mais uma vez, Caim parcialmente escondido pela folhagem. Ele tem chifres e usa capuz para escondê-los. Um dos nomes tradicionais do deus das bruxas é o Encapuzado ou o Homem Encapuzado. Paul Huson (1970:9-10) identifica, sem sombra de dúvida, Tubalcaim/Azazel como “um dos modernos deuses das bruxas”. O bruxo hereditário Robert Cochrane também se autodenomina um “filho de Tubalcaim” e deu a seu coven o nome desse primeiro ferreiro bíblico.

Há séculos, a mais escancarada propaganda judaico-cristã desvirtua e exagera a suposta natureza bestial de Caim. De modo geral, ela o retrata de forma negativa como um monstro desajeitado e grosseiro, primitivo, metade humano e metade animal. Seu papel como exemplo cultural e construtor de cidades tem sido ignorado, pois se lê no Gênesis: “E ele edificou uma cidade, e deu-lhe o nome de seu filho Enoch” (4:17-18). Isso não corresponde à lenda popular de Caim como algum tipo de maníaco homicida descontrolado que corrompeu a humanidade primitiva e arrastou-a por um caminho de degradação espiritual e material. Em

um artigo intitulado "Cain's Wife", na revista *Folklore* (Volume 97:1, 1986), N. Wyatt descreve o papel primordial de Caim como o nobre ancestral da antiga tribo dos queneus. Em seus mitos, ele era uma espécie de primeiro homem arquetípico que criou o papel da monarquia e "filho de uma mãe que tinha misteriosas qualidades de deusa". Os queneus tinham fama tradicional, no antigo Oriente Médio, de comerciantes de cavalos e ferreiros. Eles também cultuavam um deus do fogo e eram conhecidos como sacerdotes sacrificais da grande deusa. A visão que os queneus fazem de Caim é refletida na moderna Arte Sabática e Luciferiana, na qual ele é o primeiro ancestral da linhagem das bruxas.

Se Caim ostenta uma imagem negativa nas mãos da Igreja, Lúmiel saiu-se ainda pior. Isso porque os primeiros pais da Igreja identificaram-no com seu bicho-papão, Satanás, o Malévolo, o Príncipe das Trevas. No Antigo Testamento, o conceito hebraico do mal englobava o Deus único, Yahweh, que era tanto bondoso quanto malévolo. Isso fica explícito em Isaías 45:7, quando diz: "Eu sou o Senhor, e não há qualquer outro. Eu faço a luz e crio as trevas. Eu dou a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas essas coisas". Essa é uma declaração um tanto evidente e não abre espaço para uma figura satânica do mal, separada da Divindade. Isso é enfatizado por outra passagem, em Deuteronômio 32:39, na qual Yahweh diz: "Vede agora que eu, eu mesmo, eu sou ele. Eu mato e dou vida; eu firo e eu curo".

A natureza do mal, entretanto, parece ter sido um problema para os judeus e o Talmude prega que a natureza básica da humanidade é má (citação em Hoffmann 1996:45). Um escritor chassídico, rabino Pinchas de Koretz, dizia que os humanos possuem traços bons e maus dentro de si. Contudo, o rabino acrescentava, eles existem em um estado inato e nós temos o poder de deixá-los brotar, escolhendo uma vida boa ou uma vida má (Ibid:56). Uma visão não judaica foi oferecida por Blavatsky, que afirmava: "Ninguém pode declarar que Deus é a síntese de todo o Universo, que é onipresente, onisciente e infinito e, em seguida, separá-lo do mal" (1921 I:445).

Se aceitarmos aqui que Deus é o criador do bem e do mal, um princípio cósmico do mal, separado dele, poderia surgir? A resposta é que, depois do exílio na Babilônia, os judeus foram influenciados pelo dualismo persa e seu modelo de um universo dividido entre as forças da luz e os poderes das trevas. Esses dois princípios conflitantes estavam engajados em uma disputa pela supremacia do Universo, na qual as almas humanas eram peões. O apoio a essa crença entre os cristãos

primitivos levou à rejeição de uma divindade responsável pelo bem e pelo mal e à sua substituição por uma visão dualista de um Deus bom e um Deus maléfico.

Em sua origem, a palavra “satanás” (*ha-satan* em hebraico) referia-se a um adversário ou acusador, um anjo enviado por Yahweh para testar a fé de seus seguidores, como em Números 22:22-35. No Livro de Jó, o Satanás ou Demônio é até descrito como pertencente à classe dos Ben Elohim ou Filhos de Deus, que “vão e vêm para Terra e caminham por ela toda” fazendo a obra de Deus (Jó 1:6-12 e 2:1-2). No Alcorão, os gênios que trabalhavam para Salomão, e foram enviados por Yahweh, são descritos com satanases ou demônios. Satanael aparece no Novo Testamento como uma figura muito mais poderosa que o anjo secundário que tentou Jó. Talvez por ter a função de tentar o Filho de Deus, Jesus, ele tenha que desempenhar um papel mais importante no drama cósmico. No Evangelho de Mateus, o messias é tentado pelo Demônio, que lhe oferece “todos os reinos do mundo”, os quais, presume-se, eram seus. Muitos estudiosos bíblicos veem nessa narrativa a influência das crenças dualistas no Cristianismo primitivo (Wilson 2002:47).

A ideia de Satanael liderando um exército de anjos malévolos não parece ser anterior ao século II d.C. Na época em que o Novo Testamento estava sendo compilado, Satanás, o Demônio e Lúcifer eram termos intercambiáveis para designar o princípio supremo do mal, que era oposto ao governo de Deus sobre o Universo. No Apocalipse (12:7-10), a narrativa da Guerra nos Céus e da Queda de Lumiel foi vinculada ao “grande dragão... à antiga serpente, chamada Demônio e Satanás”. Na realidade, o tentador de Jesus assumira o papel de anjo caído de Lumiel como o Senhor d’Este Mundo. Ele é descrito, nesses termos, em João 12:31, como o “príncipe do mundo”, e em 2 Coríntios 4:4, como “o deus deste mundo”. Lúcifer também foi identificado com Satanael como o Demônio pelos pais da Igreja primitiva, a exemplo de São Jerônimo. Com o fortalecimento do poder e influência política da Igreja, esta voltou sua atenção à supressão dos deuses das antigas religiões pagãs. A perseguida tornou-se a perseguidora. Uma forma simples de acabar com o culto aos Deuses antigos era rotulá-los como diabos ou demônios.

São Paulo foi um dos primeiros a condenar os deuses pagãos naqueles termos. Em I Coríntios 10:20, ele ataca os gentios (pagãos) por fazerem sacrifícios aos demônios e não a Deus. Sempre se afirmou que os deuses da antiga religião tornam-se os demônios da nova. Esse processo não foi exclusivo ao Cristianismo, como pode ser visto na mitologia romana e

grega, nas quais os Deuses Antigos, titãs e divindades ctônicas, como Hécate, foram demonizados. No panteão do Egito Antigo, o deus sombrio Set foi transformado em um princípio malévolos quando perdeu seu poder oficial e real. Um processo semelhante pode ser observado no Budismo tibetano, no qual os antigos deuses da religião Bon tornaram-se figuras demoníacas, e também no Islã e no Judaísmo.

A condenação de divindades pagãs empreendida por São Paulo continuou com os primeiros líderes da Igreja, tais como Santo Agostinho, um ex-iniciado maniqueísta bastante versado na doutrina dualista dos poderes do bem e do mal. No século VII, o bispo Elói de Noyon condenou todos aqueles que “clamasse aos nomes de demônios, a Netuno, Orcus, Diana, Minerva e todos os espíritos locais...” (citação em Millis 1998:54). No mesmo século, Santo Antonio de Ouen manifestou-se contra aqueles que se vestiam de cervos no solstício de inverno e cultuavam demônios como Netuno, Diana e Minerva. São Martinho de Braga, que percorria os campos queimando bosques druidas, condenava a contínua veneração “daqueles demônios que foram expulsos do Céu [os anjos caídos]”. Afirmava, também, que eles ainda existiam como espíritos que habitavam rios, nascentes e bosques. Aqueles que “desconheciam Deus” ainda lhes rendiam sacrifícios e culto (Dowden 2000:42).

Muitas das divindades cananitas mencionadas na Bíblia também foram demonizadas juntamente com os deuses pagãos clássicos e os anjos caídos. Um dos nomes populares de Satanael como o “chefe dos demônios” era Belzebu (Mateus 12:24-27). Em sua origem, o nome era Baal-Zebub, que significava tanto “Príncipe Baal” como “Baal da Casa” e era o nome do deus cananita da tempestade. Foi modificado para Belzebu que, traduzido literalmente, significa “O Senhor das Moscas” ou, em alguns textos rabínicos, “O Senhor do Monte de Estrume”, para soar mais nojento e demoníaco (Wilson 2002:35). Nos grimórios medievais, um demônio chamado Belfegor era, no princípio, Baal-Peor ou o “Senhor do Monte Fegor” (Dowden 1971:74). A deusa cananita Ashtaroth (Astarte) também foi transformada em um demônio masculino na Idade Média. Em *Paraíso Perdido*, Milton mostra o exército de Lúcifer na Guerra dos Céus composto por deuses pagãos, incluindo Astarte, Tamuz, Moloque, Baal, Adônis, Dagon, Osiris, Ísis e muitos outros que são retratados como demônios.

A demonização dos deuses pagãos foi concluída no fim da Idade Média, quando o Diabo foi ilustrado como um monstro metade humano e metade animal. Ele tinha pernas e cascos de bode, rosto demoníaco,

corpo humano, cauda bifurcada como de escorpião e chifres de bode ou carneiro. Essa imagem composta parece ter sido tomada de várias fontes antigas, incluindo o deus com patas de bode Pã, o Bode de Mendes no Egito e os sátiros do mito clássico e da lenda judaica (por exemplo: os seirim de Azazel). Apesar dessa tentativa de demonizar a imagem de Lúcifer, existiam aqueles que viam através do disfarce. Em algumas pinturas antigas, ele é visto com uma auréola ou uma "glória de luz" ao seu redor, indicando sua condição original angélica. Às vezes, o Diabo também aparecia como um belo jovem vestido, da cabeça aos pés, com roupas negras e caras. Um relato alemão do século XVII conta que ele se materializou em um *sabbath* de bruxas com essa aparência, usando uma pena preta no chapéu, uma insígnia verde no casaco e carregando uma adaga dourada no cinto. No mesmo relato, ele também apareceu para uma das bruxas vestido com uma brilhante túnica branca. Ela pensou que ele fosse um anjo. Para bruxas suecas do século XVI, ele compareceu ao *sabbath* como uma figura pequena com uma barba ruiva pontuda, um longo casaco cinza, meias e um capuz pontudo com penas de galo. Não há nada muito assustador ou horrível nessa descrição, mas a Igreja continua a representar Lúcifer como uma figura feia e demoníaca.

O que os ensinamentos da Ordem da Estrela da Manhã tinham a dizer sobre a diferença entre Satanael e Lumiel? Como muitos ocultistas, Madeline Montalban via o conceito de Satanás à luz da ideia junguiana da sombra ou do eu sombrio da psique humana. Os ocultistas, às vezes, encaram esse conceito como o suposto "morador do limiar", que representa todo o carma negativo acumulado em muitas vidas e deve ser enfrentado na iniciação aos Mistérios. *O Livro do Diabo* postula que nós mesmos somos os derradeiros juizes do que é certo e errado. Com relação a esse aspecto, nós somos nosso próprio "Diabo". Ela ressalta, com justiça, que Satanás foi invenção de uma Igreja com sede de poder, que manteve essa imagem viva como meio de lidar com os pecadores reincidentes e difamar aqueles que seguem sistemas alternativos de crenças. Na realidade, Satanás tem sido um grande amigo da Igreja ao longo dos séculos.

Em *O Livro de Lumiel*, o anjo caído diz que é correto chamá-lo por tal título, uma vez que ele, de fato, "caiu" do céu quando foi designado regente deste planeta. No entanto, chamá-lo de Satanás é negar suas origens, visto que "o nome significa 'tentador', nada mais. Ele apenas representa 'a loucura' peculiar e original do homem, geralmente desprovido de pensamento divino, a consequência direta do meu próprio erro:

empregar o intelecto antes de alcançar a sabedoria". Lumiel prossegue, referindo-se ao falso conceito do Inferno como "induzido pelos sacerdotes". Ele diz que tal lugar, onde supostamente governa como o mal encarnado, existe apenas na imaginação humana. A Igreja concebeu e criou o Inferno "para que exista apenas para aqueles que nele acreditam. Como a fé pode mover montanhas, o tipo errado de fé pode criar um Inferno a partir da imaginação". A demonização dos antigos deuses e deusas pagãos, a transformação do Senhor da Luz no Príncipe das Trevas e a criação do Inferno para amedrontar as massas a fim de que obedecessem, todos eles, conceitos falsos. Sua trajetória pode ser traçada desde o sacerdócio primitivo da Igreja, com sua visão dualista do mundo e seu medo das antigas religiões do passado remoto da humanidade.

Capítulo Três

Os Caídos

*Eu sou um irmão para os dragões e um companheiro das corujas.
O Livro de Jó 30:26*

Em Gênesis 6:1-4, é dito que “quando os homens começaram a se multiplicar sobre a face da Terra, e nasceram-lhes filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres, dentre todas, as que escolheram”. Nessas poucas palavras estão sintetizadas a essência da tradição luciferiana e a origem de conceitos, tais como o da linhagem das bruxas e da raça élfica. Segundo a tradição, os Ben Elohim, ou filhos de Deus, que eram centenas, desceram à Terra no Monte Hérmon, uma colina sagrada tanto para os cananitas como para os hebreus. Mais tarde, santuários de Baal, As-tarte, Zeus, Hélios e Pã também foram construídos em suas encostas, indicando sua importância como local sagrado.

Os Ben Elohim eram conhecidos como anjos caídos ou também pelos títulos de “Vigilantes”, “Irin” e “Grigori”. Na mitologia judaica, os Grigori eram originalmente uma ordem superior de anjos que habitavam o mais alto céu e assemelhavam-se aos homens, em aparência (Davidson 1971:127). O título “Vigilante” significa tão somente “aquele que vigia”, “aqueles que estão despertos” ou “aqueles que nunca dormem”. Na tradução dos textos bíblicos para o grego antigo, as palavras “Vigilante” e “anjo” são intercambiáveis. A tradição esotérica ensina que eles formavam uma Ordem especial de anjos criados para ser os pastores e instrutores dos primeiros humanos. Era sua tarefa vigiar e observar o progresso da humanidade, auxiliando-a quando necessário, mas seguindo a diretriz superior de não interferir na evolução humana ou planetária. Em verdadeiro estilo luciferiano, eles, ao contrário, decidiram ignorar a ordem de Deus e fazer exatamente aquilo, com resultados desastrosos para si mesmos e os humanos sob sua **responsabilidade**.

Em 1947, os *Manuscritos do Mar Morto* foram descobertos por um pastor de cabras nas cavernas de Qumran. Eles estavam armazenados em potes de cerâmica e acredita-se que foram deixados por uma comunidade de essênios que existiu na região por volta de 150 a.C. Os pergaminhos continham o que conhecemos como o Antigo Testamento, os apócrifos e uma versão de *O Livro de Enoch**. Acredita-se que os pergaminhos foram tirados da biblioteca essênia e escondidos na caverna para ficarem em segurança durante um ataque romano na primeira revolta judaica de 70-66 a.C. Nos *Manuscritos do Mar Morto*, os Vigilantes são descritos como “anjos do Senhor” que desceram à Terra para instruir “os filhos dos homens”. Apresentam paralelos em outras mitologias antigas, como os titãs, os deuses antigos ou os gigantes do mito grego clássico, os quais eram os filhos de Urano (o Pai Céu) e Gaia (a Mãe Terra), e os Neteru do Antigo Egito. Esses últimos chegaram a Khem (a Terra Negra) em “barcos celestes” e possuíam o poder sobrenatural de mudar de forma. Se necessário, eles apareciam como humanos, animais, pássaros, répteis e até árvores e plantas.

A Igreja primitiva acreditava, de forma um tanto literal, que os Vigilantes ou anjos caídos haviam tomado “túnicas de carne”, ou seja, encarnado na forma física. Talião, no século I, e Lactâncio, no século III, descreveram como os anjos ficaram absorvidos no materialismo. Como resultado, eles caíram no plano terreno e adotaram corpos físicos. Na tradição judaica, o rabino Ben Qorha dizia que os anjos tornaram-se mortais quando caíram do Céu. Escrevendo no século VIII, o rabino Eliezer disse que “os anjos que caíram do Céu viram as filhas de Caim perambulando e exibindo suas partes íntimas, seus olhos pintados com antimônio, à maneira das meretrizes e, seduzidos, [eles] tomaram esposas dentre elas”. Como no mito do Jardim do Éden, é tudo culpa da mulher. No entanto, o rabino Ben Qorha também questionou como os anjos conseguiam manter relações sexuais com as mulheres sem queimá-las internamente. Ele racionalizou (se essa é a palavra certa nas circunstâncias atuais) que, quando os anjos caíram, suas forças sobrenaturais, estatura e poderes foram reduzidos aos de meros mortais e seus corpos flamejantes foram transformados em carne humana comum (Graves e Patai 1964:100-107).

Uma voz dissidente foi o ex-iniciado maniqueísta Santo Agostinho. Ele declarou que era impossível que os anjos caídos encarnassem na forma humana. Em vez disso, ele propôs a teoria de que o

*NE: Sugerimos a leitura de *O Livro de Enoch - O Profeta*, Madras Editora.

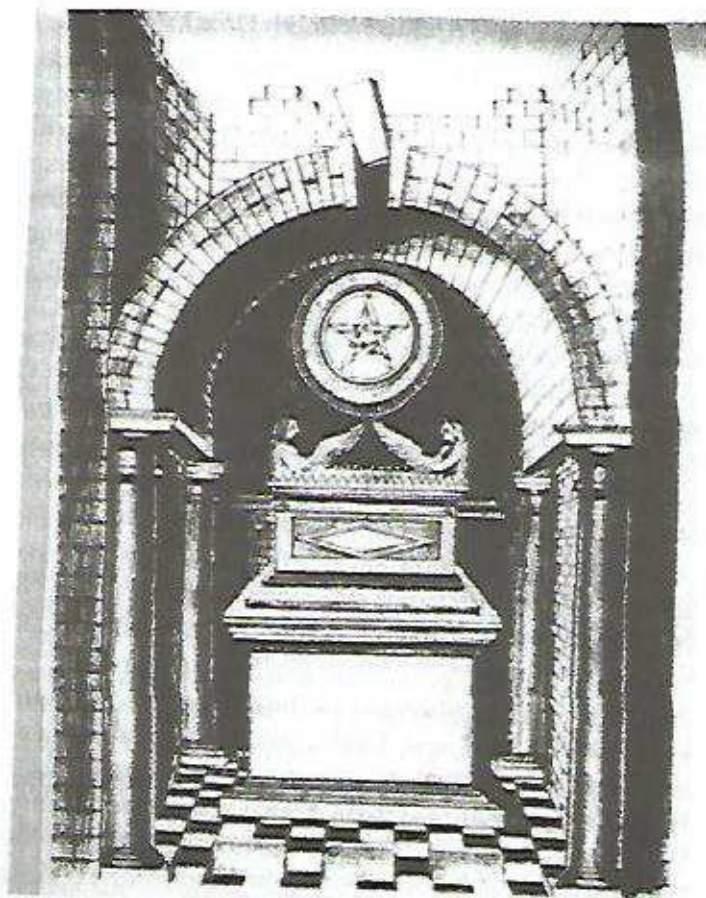
acasalamento entre “os filhos de Deus” e as “filhas dos homens” se deu, na realidade, entre os filhos de Caim e os filhos de seu irmão Set. Essa visão ainda é adotada por católicos ortodoxos e alguns protestantes, e a *Nova Enciclopédia Católica* chega até a afirmar que o famoso relato de Enoch, que examinaremos mais adiante, é uma falsa representação da breve referência do Gênesis. Contradizendo essa visão cristã, o escritor pagão Lúcio Apuleio, autor de *O Asno de Ouro*, escreveu sobre “certos espíritos que habitam entre a Lua e a Terra”. Ao que tudo indica, esses espíritos possuíam uma natureza tanto angélica como humana (Povo do Raio?) e “mantêm diálogo com mulheres mortais”. Supõe-se que um deles fora o pai do mago arturiano Merlin. Eles eram descritos por teólogos medievais como semelhantes aos predadores sexuais demoníacos, conhecidos como *incubi* (masculinos) e *succubi* (femininos). Na mitologia judaica, tais demônios eram associados de perto à deusa da Lua escura, Lilith.

A maioria das informações que temos sobre os Vigilantes vem do texto apócrifo *O Livro de Enoch*. Na Bíblia, Enoch – ou Kanoth, “o instrutor” em hebraico – é uma figura misteriosa, visto que, em Gênesis 4:16:23, ele é descrito como o filho de Caim e seu nome é dado à primeira cidade. Mais adiante, e várias gerações depois, encontramos (outro?) Enoch descrito como filho de Jared e é durante a vida de seu pai que os anjos caídos chegam à Terra. O apócrifo *Livro do Jubileu*, supostamente ditado por um “anjo do Senhor” a Moisés, no Monte Sinai, afirma que Enoch foi “o primeiro dentre os homens nascidos na Terra que aprendeu a escrever e recebeu o conhecimento e a sabedoria”. Conta, ainda, que Enoch escreveu “os signos do Céu” (signos zodiacais) em um livro, de acordo com seus meses. Isso se fez para que os humanos soubessem as estações do ano de acordo com a ordem dos meses. Diz, também, que nos dias de Jared “os anjos do Senhor [sic] desceram à Terra, aqueles que são chamados de vigilantes e que devem instruir os filhos dos homens, e que devem fazer o julgamento e zelar pela integridade na Terra”. O tom positivo relacionado à sua missão, nessa versão, entra em conflito direto com outras narrativas em que os Vigilantes são entidades malévolas, cuja descida ao plano material causa a destruição da maior parte da raça humana.

Embora versões de *O Livro de Enoch* fossem conhecidas, e condenadas pela Igreja primitiva, só no início do século XIX é que uma tradução inglesa foi publicada. De acordo com a maioria das autoridades, é provável que o manuscrito original tenha sido escrito por volta de 160 a.C. e, como o Antigo Testamento, foi um trabalho conjugado

de vários escritores em períodos diferentes (Charles 1917:XIV-XV). Os pais da Igreja primitiva consideravam-no uma obra perigosa e declararam-na herética. O rabino Simeon ben Judai chegou a lançar uma maldição a qualquer um que ousasse possuir uma cópia. São Jerônimo (348-420 d.C.) condenou-a como uma obra da heresia maniqueísta, possivelmente porque Mani sabia de sua existência e refere-se a ela em seus escritos (Prophet 2000:25).

Uma versão etíope foi descoberta na África pelo explorador escocês James Bruce (nascido em 1730). Sua família era descendente do rei Robert Bruce e tinha grande envolvimento com a Ordem dos Cavaleiros



Representação maçônica do Arco Real, destacando a Arca da Aliança, por Laurence Dermott, 1783

Templários bem como com a Maçonaria. Bruce era maçom praticante e pertencia à famosa Loja Kilwinning, supostamente fundada pelos templários. Dizem que sua iniciação no Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria despertou seu interesse por Enoch, uma vez que o patriarca era uma figura importante em seus rituais.

Em 1757, James Bruce saiu da Escócia para visitar sítios templários na Europa. Quando seu pai faleceu, ele retornou para assumir os bens da família. Isso lhe deu uma renda suficiente para se dedicar a seus interesses esotéricos e sua paixão por viagens e aventuras. Em 1762, foi nomeado cônsul-geral na Argélia e iniciou um estudo de 12 anos sobre os falashas, ou “judeus negros”, da Etiópia e suas possíveis ligações com os Templários. Enquanto viajava pela Etiópia, Bruce descobriu uma cópia de *O Livro de Enoch* perto da cidade sagrada de Axum, que muitos acreditam ser a morada atual da Arca da Aliança. Em épocas mais recentes, foram descobertas mais nove versões de Enoch, incluindo a versão encontrada nos *Manuscritos do Mar Morto*. Embora Bruce tenha encontrado o manuscrito apenas no século XVIII, Enoch já era mencionado nas Antigas Obrigações ou Deveres da Maçonaria pelo menos 50 anos antes de sua descoberta.

O texto descreve como Enoch foi transportado pelos sete Céus da mitologia judaica, vivenciando visões e sonhos relacionados a Deus, aos chamados “anjos bons”, aos Vigilantes e sua punição. Em uma ocasião, é até instado a interceder junto a Deus em favor dos anjos caídos. No fim de sua vida, Enoch não morre, mas, em vez disso, “caminha com Deus e já não é”, transformando-se no grandioso anjo Metraton. No *Livro de Enoch*, os Vigilantes são retratados como possuidores de muitas habilidades, que ensinavam livremente aos humanos. Por vezes, eles viviam na Terra por um período do nosso tempo e, em seguida, retornavam ao Céu para servir junto ao trono de Deus. O papel principal dos Vigilantes é fazer a intercessão entre Deus e os humanos, mas, em sua punição pós-Queda, o arcanjo Uriel repreende Enoch por permitir que lhe pedissem para agir nesse papel em seu favor. Uriel conta que os Vigilantes eram, em sua origem, “sagrados, espirituais, e viviam a vida eterna” até decidirem se corromper “com o sangue das mulheres e gerarem [filhos] com o sangue da carne”. Esse parece ter sido seu grande crime, uma vez que já ensinavam novas habilidades aos humanos com a benção divina.

Madame Blavatsky descrevia os Vigilantes como “os moldadores”, ou arquitetos do mundo, e até como os progenitores da raça humana. Ela afirmava, ainda, que eles são “os cinco Espelhos da Sa-

bedoria Eterna" (1921 II:543). Portanto, não é surpresa alguma que os clérigos vitorianos condenassem seus ensinamentos como de inspiração satânica. Até hoje, suas crenças são falsamente responsabilizadas pela ascensão do nazismo na Alemanha pré-guerra e até pelo Holocausto. O Livro de Enoch descreve como 200 desses progenitores da humanidade desceram sobre o Monte Hérmon depois de fazerem um juramento uns aos outros de levar a cabo seu plano para a raça humana. Na tradição judaica, os líderes dos anjos caídos, Azazel e Semiaza, primeiro pediram permissão a Yahweh para encarnar em corpos humanos. Quando ele recusou, Semiaza disse a seus companheiros anjos: "Temo que vós, de fato, não concordareis em realizar esta ação, e que deverei receber a punição de um grande pecado [desafiar Deus]". Em resposta, os Vigilantes concordaram em fazer o juramento e, assim, compartilhar a culpa (Charles 1917:34-35). Infelizmente, quando os anjos encarnaram, eles ficaram tão encantados pelas mulheres humanas que acabaram tendo relações sexuais com elas, provocando a ira de Yahweh.

Enoch faz uma lista dos anjos caídos e descreve as habilidades que trouxeram à humanidade. Azrael, seu líder, que é geralmente identificado com Lumiel, ensinou os homens a fazer espadas, facas, escudos e peitorais (armaduras). Ele também lhes ensinou a metalurgia e como fazer a mineração e usar os diferentes metais. Às mulheres, ele ensinou a arte de fazer braceletes, ornamentos e outras joias de metais e pedras preciosas. Azazel ensinou-lhes, ainda, como "embelezar suas pálpebras" e usar outros truques cosméticos para atrair e seduzir os homens. Diz Enoch que isso "causou muita impiedade e eles cometeram a fornicação e perderam-se" e foram "corrompidos em seus atos". Podemos ver, nessas condenações, a mão pesada do patriarcado, que era um aspecto da doutrina do Antigo Testamento direcionada aos adoradores hebreus dos antigos deuses pagãos.

Essa propaganda antipagã também maculou a visão da Igreja primitiva em relação às mulheres e à sexualidade. Para os pais da Igreja primitiva, o pior aspecto da Queda dos anjos foi que eles ensinaram as mulheres como se tornarem mais atraentes por meios artificiais. Tertuliano (160-230 d.C.) condenava os anjos caídos por terem dado pedras preciosas às mulheres para fazerem colares, ouro para os braceletes a serem usados nos braços, "preparados coloridos" para tingir a lã e "pó negro" (*khol*) para decorar seus olhos.

No apócrifo Testamentos dos Doze Patriarcas há um mandamento que diz que as mulheres não devem adornar suas faces, para que não sofram a condenação eterna. Isso refere-se à época em que os Vigilantes

tes “cobiçavam as mulheres antes do Dilúvio, assumindo a forma de homens” e “apareciam para elas quando estavam com seus maridos”. Em sua primeira carta aos Coríntios, São Paulo faz referência ao mandamento que diz que as mulheres deveriam cobrir a cabeça na igreja “por causa dos anjos [caídos]”. O motivo disso é que os Vigilantes eram atraídos, em especial, pelas mulheres que tinham longos cabelos esvoaçantes.

Enoch conta que Semiaza ensinou encantamentos e o uso de raízes; Armanos, a solução dos encantamentos; Baraqijel ensinou a astrologia; Kokabel, o conhecimento da astronomia e das constelações; Ezegeel, o conhecimento das nuvens (tradição da previsão do tempo); Araquel, os signos da terra (geomancia e geologia); Shamsiel, os sinais do Sol (mistérios solares); Sariel, o curso da Lua (ciclos lunares); Penemue instruiu os humanos na escrita; e Kashdejan ensinou a cura de doenças e a medicina. Em *Os Pilares de Tubalcaim*, Nigel Jackson identificou cada um dos anjos caídos com as divindades babilônicas (2000:32-33).

Embora essa seja a lista comum dos anjos caídos, no século XV, um bispo cristão afirmou que havia 133.306.668. Enoch diz que havia 200 e Davidson (1971:352-353) enumera 103. Neles incluem-se algumas singularidades como Abbadon, o Anjo Hebraico da Morte e da Destruição; Ashtaroth, que era originalmente a deusa cananita Astarte; Belzebu ou Baal; Dagon, o deus babilônico com cabeça de peixe e exemplo cultural; Leviatã, o nome bíblico da deusa Tiamat; e Mammon, a quem se supõe que crianças eram sacrificadas em tempos bíblicos. Outras autoridades afirmam que pelo menos um terço de todos os anjos do Céu pecou contra Deus e caiu na Terra.

É óbvio que os Vigilantes são exemplos culturais e os criadores da civilização, logo, parece estranho que sejam universalmente considerados corruptores perversos dos primeiros humanos. Algumas indicações de seu antigo estado de glória podem ser encontradas nos anais da tradição angélica. Por exemplo, Kokabel é descrito como “um grande príncipe angelical que reina sobre as estrelas” (Davidson 1971:164). Nos Oráculos Sibílicos, Araquel é um anjo que conduz as almas dos mortos ao julgamento. Shamshiel era, em sua origem, conhecido como “o príncipe do Paraíso” porque era um dos anjos guardiões do Éden. Ele levou Moisés para ver o jardim e protegeu os tesouros do rei Davi e de seu filho Salomão, o Sábio. No Zohar, ele era tido como o principal auxiliar de campo do poderoso arcanjo Uriel e segurava seu estandarte na batalha (Davidson 1971: 271). Sariel era um anjo associado ao equinócio

de primavera. Ele regia o signo zodiacal de Áries, o Carneiro, e quando invocado, dá proteção contra a maldição do Olho Gordo (Ibid: 260).

Como mencionamos anteriormente, Azazel é identificado como Lumiel, e Jackson (2000) o descreve como um ferreiro e mago do fogo, comparado ao primeiro ferreiro bíblico, Tubalcaim. O nome Azazel já foi traduzido de várias formas, como “Deus da Vitória”, “a Força de Deus” ou “a Vitória de Deus”, “o Deus Forte” e até “o Deus Bode”. Aben-Ezra disse sobre ele: “Se fordes capazes de compreender o mistério de Azazel, vós conhecereis o mistério de seu nome. Contar-vos-ei, por alusão, uma porção do mistério: quando tiverdes 33 anos, vós o compreenderéis”. Mackenzie (1877) considerou isso uma referência aos 33 Graus da Maçonaria, mas essa é também a idade em que outro bode expiatório, Jesus, morreu na cruz para redimir os pecados da humanidade.

Azazel é descrito como o mensageiro de Satanael, em Enoch, e identificado com o próprio Demônio no *Livro de Jó*. No *Apocalipse de Abraão* (22:6), ele é chamado o “senhor dos gentios” e identificado à serpente do Jardim do Éden. Em um texto persa conhecido como *Unm al-Kihab*, ou *O Livro Primordial*, datado do século VIII d.C., um anjo chamado Azazil recusa-se a se curvar e venerar o primeiro homem e, como resultado, ele e seus anjos são expulsos do reino celestial por Alá.

De modo mais geral, a tradição islâmica dá o nome Azazel ao anjo da morte, que vem com suas asas rápidas e silenciosas para levar a alma do corpo. Para os muçulmanos, Azazel, Azrael ou Izrail é gigantesco, tendo um pé no quarto Céu enquanto o outro fica sobre a ponte entre o Inferno e o Paraíso. Ele mantém um registro de toda a raça humana, no qual os nomes dos amaldiçoados são inscritos em luz negra, enquanto os escolhidos e abençoados são marcados com luz branca. Quarenta dias depois da morte física, Izrail corta o cordão de prata que liga a alma ao corpo e acompanha o espírito liberto à vida após a morte. Por conta da sua associação com a morte, Azazel-Azrael foi demonizado e é, em regra, visto como uma figura maléfica e satânica nas tradições islâmica e judaica.

Em Levítico 16:8-10 e nos *Manuscritos do Mar Morto*, há um ritual curioso envolvendo Azazel como o bode expiatório pelos pecados de Israel. No décimo dia do sétimo mês era celebrado o Dia da Expição, no qual quatro sacrifícios de sangue eram oferecidos a Jeová – um carneiro, um touro, sete cordeiros machos e dois bodes como “oferendas do pecado”. A Bíblia descreve como Arão, o alto sacerdote, pegou dois bodes e lançou a sorte para determinar qual seria o “bode expiatório” a

ser ofertado como “oferenda do pecado”. Os Manuscritos do Mar Morto dizem que o sacerdote confessava todas “as iniquidades dos filhos de Israel” sobre a cabeça do bode, assim como suas culpas e pecados. O bode é, então, abandonado no deserto ou, em algumas versões, atirado de um penhasco como uma oferenda a Azazel, que lá habita. Com esse ato, os pecados das pessoas escolhidas eram tirados delas, colocados no animal e lançados ao deserto.

O conceito do bode expiatório exilado no deserto é um tema poderoso e recorrente tanto na tradição bíblica como na luciferiana. Pode ser visto na história de Caim, o eterno andarilho enviado ao exílio a “leste do Éden” depois de matar Abel. Em uma lenda judaica, até o amado e exaltado rei Salomão caiu em desgraça e foi forçado a vagar como um mendigo até se arrepender. Jesus vagou no deserto por 40 dias e noites. Ele também não fora aceito como mestre em sua própria cidade, sendo rejeitado como messias por seu próprio povo. Na mitologia egípcia, o deus sombrio Set é um pária que habita o deserto e, depois de ela ter deixado Adão, sua primeira esposa, Lilith, é forçada a viver no deserto, longe das habitações humanas.

É possível que o ritual do bode expiatório associado ao deus bode Azazel tenha sido um ritual de colheita ou de equinócio outonal de origem síria, hitita ou cananita adotado pelos hebreus. Originalmente, um bode era sacrificado a um deus ou demônio do deserto que tinha de ser aplacado e tornado inofensivo pela oferenda do sangue. Mais tarde, esse sacrifício passou a ser feito ao novo deus Yahweh. Era popular a crença de que Azazel tinha um séquito de demônios peludos com feições de bode, conhecidos como seirim, que cobiçava as mulheres humanas. Não é coincidência que o Diabo da Idade Média cristã fosse representado como um bode peludo com um enorme falo erecto.

Semiaza é visto por alguns luciferianos modernos como um emissário de Lumiel ou como um de seus avatares (uma encarnação divina em forma humana). Semiaza não se apaixonou apenas por mulheres humanas, mas também pela deusa Ishtar. Ela disse que faria sexo com o anjo somente se ele lhe revelasse o nome secreto de Deus. Quando Semiaza disse-lhe o nome, ela usou esse conhecimento para ascender às estrelas e reinar na constelação das Plêiades. Enquanto os outros Vigilantes foram punidos por Deus, o próprio Semiaza arrependeu-se de seu erro e sentenciou-se a ficar pendurado de cabeça para baixo, por toda a eternidade, na constelação de Órion, o Caçador. É interessante que a mais antiga imagem conhecida de um padrão de estrelas já encontrada seja a de Órion. Está em uma pequena placa de marfim de mamute

datada de 35 mil anos e retrata um homem em pé, em uma posição de pentagrama ou estrela de cinco pontas. Ele leva uma espada, ou bastão, pendurado no cinto e tem uma perna menor que a outra, o que o torna coxo (BBC News, 21 de janeiro de 2003). Nos mitos antigos, Órion era um “poderoso caçador” que foi exilado ou preso ao céu. Em Jó 38:31, ele pergunta a Deus: “Não poderás tu ajuntar as doces influências das Pléiades [Ishtar], ou afrouxar os cordéis de Órion? [Semiaza]”.



Ishtar e a Árvore da Vida

A doutrina judaico-cristã conta-nos que o resultado final do acasalamento entre os Vigilantes e os humanos foi uma raça monstruosa de canibais gigantes bebedores de sangue, chamados Nefilins, cujas atividades depravadas tornaram-se uma ameaça à existência da raça

humana. Gênesis 6:4 é um pouco menos sensacionalista ao afirmar apenas que, “quando os filhos de Deus vieram às filhas dos homens, e elas lhes geraram filhos, eles se tornaram os poderosos da Antiguidade, homens de fama”. Em Enoch, há um relato mais chocante que diz que as mulheres “ficaram grávidas e geraram gigantes”. Essas criaturas consumiram “todas as posses dos homens” e, quando não se podia mais sustentá-los, eles se voltaram contra os humanos e os devoraram. Em seguida, eles “começaram a pecar contra as aves e os animais, os répteis e os peixes, e a devorar a carne uns dos outros e a beber o sangue” (Charles 1912:35).

Graves e Patai (1964:100-107) sugerem que, assim que os anjos assumiram a forma física, passaram a estar sujeitos à cobiça sexual e aos desejos humanos. Então, eles se viram acorrentados ao mundo material por esses desejos e não conseguiram reassumir seu antigo estado espiritual de existência. Azrael e Semiaza foram seduzidos por Ishtar, Lilith e Naamah (irmã de Tubalcaim e uma versão mais jovem da deusa da Lua negra). No princípio, os Caidos eram alimentados com maná por Yahweh para que parassem de comer carne humana, mas os anjos rejeitaram-no. Eles passaram a matar animais para comer e até caçavam e comiam humanos. Graves e Patai especulam que essa história originou-se dos hábitos culinários dos pastores hebreus, que eram vorazes comedores de carne. Foi um mito forjado que surgiu em uma comunidade com severas restrições alimentares.

Entre aqueles que escrevem sobre os anjos caídos, bem como nas páginas da internet que tratam dos Vigilantes, há muita confusão entre eles e sua “descendência monstruosa”. No original em hebraico, eles são os Nefilins, Nephilins ou Naphidin. Embora se utilize a palavra “gigantes” nas traduções, o termo significa, de fato, “caídos” e isso explica a confusão. Outros nomes usados para os descendentes dos Vigilantes incluíam Gibborim (heróis gigantes), Awwim (serpentes) e Anakim (gigantes). No texto *The Green Gospel*, ainda não publicado, os Nefilins são descritos como “Os Poderosos”. Na bruxaria moderna, essa é uma expressão usada para se referir a espíritos ancestrais. Na Bíblia, eles são os “homens poderosos” de “renome”, ou de distinção e fama, e isso sugere uma imagem muito mais positiva.

O poeta Píndaro (518-438 a.C.) descrevia os heróis da Antiguidade como “uma raça entre Deuses e homens”. Essa ideia de heróis semi-divinos nascidos da união entre Deuses e humanos estava firmemente enraizada na mitologia antiga. Um exemplo é Alexandre, o Grande, que dizem ter sido o fruto da união entre o deus Zeus e sua mãe mortal. Nos

Manuscritos do Mar Morto, os Nefilins são descritos como guardiões de um conhecimento arcano que sabiam “todos os mistérios ocultos da natureza e da ciência”. Há, também, referências sobre técnicas de criação ensinadas por eles, o que sugere que os Nefilins tenham instruído os primeiros humanos na criação e domesticação de animais. Referências adicionais, no entanto, falam de experimentos que resultaram na criação de “monstros” por meio da interreprodução de animais de espécies diferentes e não relacionadas. No ocultismo teosófico há lendas sobre a Atlântida que descrevem como seus cientistas criavam seres híbridos, metade humanos e metade animais, para ser usados como uma raça escrava. Dizem que esses experimentos foram um dos fatores que levaram à destruição do continente perdido pela ira divina. Em nossa própria era, os cientistas modernos estão envolvidos em pesquisas genéticas e de clonagem que poderão abrir uma caixa de Pandora no futuro.

São Orígenes (186-225 d.C.), da Igreja Ortodoxa Grega, afirmou: “Desde o princípio, aqueles que ocuparam os postos mais eminentes entre os homens e foram acentuadamente superiores aos outros eram os anjos na forma humana”. Nem todos concordavam com isso e, por fazer tal declaração bem como acreditar em reencarnação, o papa Vigílio e o imperador bizantino Justiniano conspiraram, no século VI, para que os ensinamentos de Orígenes fossem declarados heréticos. Entretanto, há várias referências a descendentes dos Nefilins na Bíblia e um exemplo famoso é o “poderoso caçador” Nimrod, cujo nome significa, de forma quase literal, “devemos nos rebelar”. É possível que sua lenda tenha derivado do deus mesopotâmico Ninurte, que era responsável pela fertilidade dos campos e dos rebanhos. Ele era filho de uma importante divindade chamada Enlil e um deus da guerra. Outros títulos seus incluíam “o lavrador” e isso fazia referência à invenção da agricultura, que lhe era atribuída. Supõe-se que Ninurte-Nimrod ensinou os primeiros humanos como cultivar a terra. Ele agia, também, como defensor dos humanos contra os poderes das trevas, do caos e do mal que ameaçavam a fertilidade da terra. A estrela específica desse deus era Sírius e ele era geralmente retratado como um arqueiro divino que empunha seu arco para matar monstros demoníacos. Nimrod era, ainda, associado à constelação de Órion e é interessante que uma tradução para Nefilins seja “*aqueles de Órion*”.

Em *Os Pilares de Tubalcaim*, descrevemos a construção da Torre de Babel pelo rei Nimrod, e seu significado esotérico (2000:104-107). Gurdjieff tinha conceitos interessantes com relação ao simbolismo da Torre, os quais se encaixam muito bem àqueles da tradição luciferiana. Ele acredita que o corpo físico gerava o corpo astral como um veí-

culo da alma. Para ele, a imortalidade da alma após a morte não era um direito inato, mas devia ser criada pela cristalização de um novo corpo astral dentro do corpo físico. Esse corpo resistiria à destruição no momento da morte e sobreviveria no além-vida. Gurdjieff acreditava, ainda, que a técnica espiritual para a criação desse novo “corpo da alma” estava contida na lenda de Babel. Ele se referia a essa técnica em termos alquímicos como “acender o fogo sob a retorta” e ressaltava que os construtores bíblicos usaram o fogo como uma importante fonte de energia na construção da Torre. Para Gurdjieff, a promessa da imortalidade oferecida pela serpente do Jardim do Éden estava diretamente ligada à narrativa bíblica da torre que alcançava o Céu, construída por um descendente dos Vigilantes.

O Livro de Enoch conta que, quando Yahweh viu a anarquia e a corrupção serem impostas à raça humana pelos Vigilantes e seus filhos, ele decidiu intervir por meio da ação dos arcanjos Miguel, Rafael, Gabriel e Uriel.* Ele ordenou que Rafael amarrasse Azazel pelos pés e pelas mãos e o atirasse, como o bode sacrificial, em uma fenda profunda no deserto. Gabriel foi enviado em missão para destruir “os bastardos e os depravados, e contra os filhos da fornicção e para exterminar os filhos dos Vigilantes dentre os homens” (Charles 1912:37). O arcanjo Miguel foi despachado com ordens de amarrar Semiaza “debaixo da terra” até o Dia do Juízo Final. Como vimos, em vez disso, ele se arrependeu e se exilou nas estrelas.

Em Judas 1:6 declara-se: “E os anjos que não guardaram sua própria habitação foram mantidos longe d’Ele [Deus] em prisões eternas nas trevas inferiores até o juízo do grande dia”. Do mesmo modo, *O Livro dos Jubileus* diz que Deus “ordenou-nos [os arcanjos] a os amarrarem [os Vigilantes] nas profundezas da Terra”. O Evangelho Verde afirma que os espíritos dos Vigilantes entraram nas montanhas e lugares desolados do mundo “para sonhar outra vez”. Seu novo papel era atuar como guias e protetores daqueles humanos que pertencem à Arte da Sabedoria. Na tradição judaica, os Vigilantes estão presos por toda a eternidade no segundo Céu, mas os Gibborim, descritos como “poderosos guerreiros”, têm um local especial reservado no Sheol (o submundo judeu), onde estão sepultados, à mostra, “com armaduras e lanças intactas”.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Comunicando-se com São Miguel Arcanjo*, *Comunicando-se com o Arcanjo Rafael*, *Comunicando-se com o Arcanjo Gabriel* e *Comunicando-se com o Arcanjo Uriel*, todos de Richard Webster, Madras Editora.

O'Brien (1985) sugeriu uma ligação entre os Vigilantes e a tribo semidivina e semítica dos Tuatha de Danaan (Filhos da deusa Dana), que chegaram à Irlanda na Pré-História. Eram popularmente conhecidos como "os Iluminados" e, de acordo com a lenda, desceram à Terra no Beltane (1º de maio, Festa da Primavera) no monte sagrado de Tara, o centro ritualístico da Irlanda.

Com a chegada dos missionários cristãos, os Tuatha de Danaan foram banidos às "colinas ocas", tal como os Vigilantes foram exilados debaixo da terra, e tornaram-se o povo das fadas. No entanto, eles não eram as minúsculas criaturas extravagantes dos livros infantis vitorianos, mas figuras altas e iluminadas. *O Evangelho Verde* sugere que os espíritos dos Vigilantes também entraram nas "colinas ocas" de Elfane (terra dos elfos ou fadas) e sempre existiu uma crença rural de que os anjos caídos tornaram-se fadas.

Tal crença está sintetizada na lenda irlandesa da "pergunta das fadas". Uma de suas versões refere-se a um jovem servo de São Patrício que se tornou amigo do povo das fadas porque elas ajudavam-no a executar as tarefas que seu patrão lhe dava. As fadas persuadiram o garoto a perguntar a Patrício quando o Sluagh Sidhe (A Hoste das Fadas) iria para o Céu. Essa pergunta deveria ser feita durante a Missa, quando o santo elevasse a hóstia, momento em que nenhum padre poderia mentir. Na primeira missa que assistiu, rezada pelo santo, o garoto fez a pergunta no momento devido. Patrício respondeu que as amantes de padres, os não batizados e o povo das fadas jamais entrariam pelos portões do Céu.

O santo disse ao servo que, se ele transmitisse essa mensagem às fadas, elas ficariam tão iradas que o fariam em pedaços. Patrício recomendou uma forma para que o garoto se protegesse e, assim instruído, passasse a mensagem ao povo das fadas. Como o santo previra, elas ficaram com tanta raiva que tentaram matá-lo. Seguindo as instruções do santo, o servo protegeu-se fazendo o sinal da cruz com duas pás. Às vezes, mesmo nos dias de hoje, uma cova recém-aberta na Irlanda ainda pode ser vista com duas pás cruzadas sobre ela para evitar que as fadas roubem a alma da pessoa morta (Logan 1981:16-17).

Em sua famosa obra sobre bruxaria chamada *Demonologia*, o rei Jaime I descrevia as fadas como demônios. Em Enoch afirma-se que os anjos caídos forçavam os humanos a fazer sacrifícios aos demônios como se fossem deuses. Em uma seção de seus livros dedicados ao assunto dos incubos e súcubos, os monges inimigos das bruxas (e das mulheres) autores do *Malleus Maleficarum* (1486) também descrevem os anjos caídos em termos diabólicos. Eles chegam a relacionar os gigantes

criados pelos Vigilantes com os sátiros da mitologia clássica e os seirim de Azazel, descritos no Antigo Testamento. Kramer e Sprenger referem-se a eles como “criaturas selvagens e peludas dos bosques, que são uma espécie de demônio chamado incubi”. Eles relacionam essas criaturas com o deus bode grego Pã, o deus romano Fauno e o deus gaulês Dusil em uma passagem que liga a demonologia bíblica de maneira perfeita com o paganismo antigo.

No século II, São Justino, o Mártir, atribuiu todas as ações diabólicas cometidas pelos humanos à influência maléfica de demônios que eram filhos dos anjos caídos. Ele afirmava que os Vigilantes transformavam seres humanos em seus escravos por meio de “escritas mágicas”, instruindo-os nos costumes pagãos de sacrifícios, libações e incenso. Em 170 d.C., Atenágoras afirmava que os espíritos dos Nefilins ainda vagavam pelo mundo na forma de demônios que corrompiam os seres humanos fracos e os descrentes. Tais crenças persistem até os dias de hoje nas mentes deturpadas de fundamentalistas religiosos e teóricos da conspiração que acreditam que o planeta é controlado em segredo por entidades demoníacas cuja veneração data dos dias da Babilônia.

Como vimos, a história dos anjos caídos também influenciou a crença medieval nos espíritos conhecidos como incubos e súcubos. Eles eram demônios que supostamente podiam assumir a forma humana ou semi-humana e visitavam suas vítimas durante a noite, com objetivos sexuais. Ao escrever seu *Compendium Maleficarum* (1608), Guazzo acreditava que tais espíritos podiam assumir tanto forma masculina quanto feminina. Ele dizia: “Às vezes, eles aparecem como um homem maduro, às vezes como um sátiro; e se é uma mulher que foi aceita como bruxa, etc, em geral, assume a forma completa de um bode”. Manter relações sexuais com tais demônios era considerado um crime mais grave que bestialidade, sodomia, adultério ou incesto, pelos teólogos do século XVII. Isso porque se acreditava que o incubo possuía um membro genital bifurcado, ou um pênis duplo, e, portanto, poderia dar, ao mesmo tempo, prazer duplo para uma mulher. A fim de aumentar o horror dessas relações aos olhos do povo ingênuo, contavam-se histórias do nascimento de monstros metade humanos e metade animais, gerados por mulheres que se envolveram com os demônios. Pode-se presumir que essas histórias eram corroboradas por relatos de nascimentos anormais de bebês com deformidades físicas, os quais eram, em regra, considerados trocados pelas fadas.

Uma das principais acusações feitas durante o período da caça às bruxas era de que as suspeitas tinham feito um pacto com o Diabo,

trocando suas almas por poderes mágicos ou sobrenaturais, riqueza material ou juventude eterna. O exemplo clássico disso é o tardio conto medieval de Fausto que assinou com sangue um pacto em que entrega sua alma a Mefistófeles por causa, dentre outras coisas, do amor de uma mulher. Nos julgamentos de bruxas também encontramos vários relatos de pactos feitos entre humanos e o povo das fadas para troca de conhecimentos, em especial relacionados à cura e a tradição das ervas medicinais. Em relatos europeus, o bruxo era levado à “colina oca” de Venusberg e instruído nas artes mágicas por uma espécie de deusa comumente associada a Vênus tanto por caçadores de bruxas como por suas vítimas. Julgamentos ingleses fazem menção a encontros com a rainha de Elfane ou, no caso dos famosos médicos galeses de Mydffai, com uma fada do lago. Nesses contos de pactos com o Diabo e/ou com as fadas podemos encontrar reflexos dos Vigilantes e suas relações com os humanos.

Algumas famílias aristocráticas da Irlanda e da Escócia pedem proteção às mulheres fadas, conhecidas, em irlandês, como *banshees*, e que aparentam agir como espíritos ancestrais. Outras famílias nobres europeias, tais como os controversos merovíngios, afirmam descender das relações entre criaturas sobrenaturais ou místicas. No caso dos merovíngios, que alguns acreditavam serem os portadores do sangue sagrado do Cristo, eles são provenientes do legendário Quinotauro – um animal marinho desconhecido na forma de um touro marinho ou bode marinho. Alguns ocultistas modernos de natureza imaginativa especulam que esse monstro anfíbio tem algum tipo de conexão com os deuses antigos das profundezas, descritos por escritores como H. P. Lovecraft e Kenneth Grant.

No decorrer deste capítulo, os Vigilantes têm sido constantemente mencionados como seres angelicais ou espirituais que caíram na Terra e encarnaram em corpos físicos. No entanto, nos últimos anos surgiu uma quantidade considerável de literatura especulativa que sugere que sua origem era de maior parte terrena. De fato, autores como Andrew Collins, Graham Hancock e Ian Lawton criaram um novo mito em que os Vigilantes representam a existência material de uma “raça anciã” ou civilização perdida que supostamente trouxe a tecnologia ao povo primitivo do antigo Oriente Médio. Em novembro de 2002, este autor participou de uma conferência organizada por Andrew Collins, em Londres, sobre esse assunto. Ele ficou desconcertado ao ouvir palestrante após palestrante falar sobre os Vigilantes e sua lenda bíblica de uma forma materialista. Para ser justo, Ian Lawton afirma que sua “raça anciã”,

representada pelos Vigilantes, era formada por almas espiritualmente avançadas que encarnaram para ajudar a humanidade primitiva, mas se corromperam no processo. Recentemente, Andrew Collins também lançou um novo projeto que lida com os aspectos mágicos da lenda.

A teoria de Collins de que os Vigilantes eram uma “raça anciã” de seres humanos avançados é esboçada em seu livro mais vendido, *From the Ashes of Angels* (1996). Sua premissa básica é que as narrativas bíblicas sobre os anjos caídos não se referem a criações de Deus, mas a uma raça de seres de carne e osso, embora de aparência um tanto estranha. Ele acredita que eles eram remanescentes de uma cultura perdida que existiu no Egito há cerca de 10 mil anos, no fim da última Era Glacial. Supõe-se que foram os responsáveis pela construção das pirâmides e da esfinge, antes de sua maioria ser varrida da face da Terra por um cataclismo de proporções mundiais. Os poucos que sobreviveram retiraram-se para as montanhas do Curdistão, na atual região norte do Iraque, onde estabeleceram um assentamento que mais tarde seria conhecido como o Éden mítico. Os colonos passaram a se integrar com humanos menos avançados e deram início à civilização na região.

Essa teoria é muito sedutora e tem seus méritos em uma sociedade secular que, pelo menos na superfície, rejeitou a espiritualidade em prol do materialismo consumista. Sempre existiu uma tendência a se buscar fatos lógicos e históricos para explicar os mitos, e esse é outro exemplo ajustado ao espírito do início do século XXI. Embora a pesquisa de Collins seja extensiva e o argumento que dá apoio à sua teoria seja bem fundamentado, no final das contas, ele tem fugido, até o momento, às questões mais importantes, que são: de onde os Vigilantes vieram e como desenvolveram tecnologias tão avançadas em comparação com outros humanos primitivos. A menos que, como alguns sugerem, eles tenham sido alienígenas do espaço sideral, essa “raça anciã” teve de se desenvolver em algum lugar. Os revisionistas históricos e muitos oculistas apontam o Antigo Egito como sua origem, mas pesquisas recentes sugerem que a civilização do delta do Nilo desenvolveu-se a partir de uma cultura antiga que ficava além do Saara. O egiptólogo da Universidade de Cambridge Toby Wilkinson publicou recentemente suas descobertas sobre a arte em pedra deixada por esse povo em seu livro *The Genesis of the Pharaohs* (Thames & Hudson, 2003).

De acordo com Wilkinson, os primeiros egípcios eram criadores de gado nômades na Idade da Pedra e viviam em um Saara fértil, de clima subtropical. Todo verão, esses nômades deixavam sua terra e viajavam até o delta do Nilo, na época da cheia, para tirar proveito da

nova pastagem. Há pelo menos 6 mil anos, esse povo esculpiu imagens de deuses com cabeças de animais nas pedras. Wilkinson acredita que essas imagens foram os protótipos das divindades egípcias. Eles também praticavam uma forma primitiva de mumificação e tinham um culto sacrificial de veneração ao gado. Com a mudança climática e a transformação do antes verde e fértil Saara em um deserto árido, esse povo mudou-se permanentemente para o que é, hoje, o atual Egito, e estabeleceu-se às margens do Nilo em comunidades diversas. É por esse motivo, argumenta Wilkinson, que os faraós são retratados portando um mangual e um cajado de pastor e os antigos egípcios veneravam deuses com cabeças de animais, inclusive Hathor, que era representada como uma vaca.

No entanto, Andrew Collins talvez esteja certo ao identificar a Turquia e o Curdistão como o lugar de origem da civilização. Uma reportagem do jornal *The Daily Telegraph* (15 de dezembro de 1997) identificou essa região como o lugar especial onde os primeiros caçadores-coletores nômades instalaram-se em assentamentos permanentes e tornaram-se agricultores. Análises de DNA de trigo do sudeste da Ásia indicaram que, há 9 mil anos, o cereal originou-se nas montanhas turco-curdas. Cientistas acreditam que um único grupo de humanos era responsável pelo cultivo de plantas silvestres e, então, exportou suas técnicas em um período de dois séculos. Essa atividade de cultivo em assentamentos permanentes levaria, por fim, à fundação de cidades, reinos e ao que hoje chamamos de civilização.

Arqueólogos alternativos e revisionistas históricos também estão corretos em suas pesquisas sobre um cataclismo global que pode ter destruído as primeiras culturas. A Bíblia fala de um Dilúvio ou Grande Enchente que quase destruiu a raça humana inteira, deixando apenas poucos sobreviventes. Esse mito também é encontrado em diferentes culturas ao redor do mundo e parece refletir um evento muito grave que ocorreu de fato na história antiga. A ideia de civilizações perdidas que existiram em uma Era Dourada e foram destruídas pela ira divina por terem afundado na perversão não é nova. É um tema arquetípico poderoso que pode lançar uma luz nova e surpreendente sobre a lenda dos Vigilantes, como veremos no próximo capítulo, ao examinarmos o mito do Dilúvio.

Capítulo Quatro

Os Mitos do Dilúvio

Quebre a lâmpada; a luz continua. Anôn.

O *Livro de Enoch* descreve como os Vigilantes ou anjos caídos foram amarrados ou exilados por causa de sua rebelião contra Yahweh. Conta, também, que Enoch tentou interceder em favor deles, apresentando uma súplica dos anjos a Deus, visto que eles não podiam se dirigir diretamente a Ele por causa de sua vergonha. Enoch caiu em sono profundo e teve um sonho visionário do encontro com o Divino em um palácio de cristal. Foi-lhe dito que os Vigilantes estavam condenados por toda a eternidade, pois se mancharam com “o sangue das mulheres” e geraram gigantes que no futuro seriam “os espíritos malévolos sobre a Terra” (Charles 1912:39-44).

Em Gênesis 6:5-7 conta-se como Yahweh viu a maldade da raça humana depois da Queda dos Vigilantes e arrependeu-se de tê-los criado. Yahweh diz: “... destruirei o homem, que criei, da face da Terra; desde o homem até o animal, e os animais rastejantes, e as aves do céu; porque arrependo-me de os haver feito”. Então, segue-se a famosa narrativa de Noé e a Arca, da qual a maioria de nós que fomos criados como cristãos se lembra, da escola dominical ou das aulas de educação religiosa. Noé salva a humanidade e “duas de cada criatura” para criar um novo mundo pós-diluviano.

Há séculos que a crença em uma antiga civilização “perdida” é objeto de interesse ocultista e, mais recentemente, científico. Hoje, a pesquisa arqueológica ortodoxa continua expandindo-se de volta às origens e ao desenvolvimento evolucionário da raça humana. Por exemplo, o jornal *The Times* (18 de abril de 2002) publicou uma reportagem dizendo que o primeiro ancestral conhecido do moderno *Homo sapiens* pode ter caminhado sobre a Terra na mesma época que os dinossauros.

Uma pesquisa norte-americana sugere que nossos ancestrais símios surgiram por volta de 85 milhões de anos atrás como uma espécie separada dos macacos, cerca de 20 milhões de anos antes do que fora previamente calculado ou imaginado pelos cientistas. Há apenas alguns anos, essa ideia teria sido rejeitada de imediato, como ficção científica.

O professor Jeffrey Laitman, da Escola de Medicina Monte Sinai, nos Estados Unidos, passou muitos anos examinando os crânios dos primeiros hominídeos. Como resultado dessa pesquisa aprofundada, ele acredita que a laringe humana desenvolveu-se muito antes do que se pensava. Isso significa que, já há 200 mil anos, os proto-humanos tinham a capacidade da fala e podiam falar idiomas (*Horizon* BBC 2, documentário televisivo, 20 de fevereiro de 2003). Na África do Sul, o professor Richard Henshilwood, do African Heritage Research Institute, afirma ter descoberto pinturas rupestres e peças de ocre marcadas com desenhos geométricos abstratos feitos pelos primeiros humanos há cerca de 80 mil anos. De acordo com o professor Richard Klein, da Universidade de Stanford, Estados Unidos, um gene criativo evoluiu nos seres humanos cerca de 50 mil anos atrás, desencadeando mudanças biológicas dramáticas no cérebro. Essa mutação genética levou a uma explosão de arte e cultura, bem como ao desenvolvimento da mente humana moderna (*The Times*, 17 de fevereiro de 2003).

Sabe-se que, por volta de 10 mil anos atrás, no fim da última Era Glacial, os primeiros sinais de agricultura surgiram no Oriente Médio. Isso foi seguido pela invenção da roda, da cerâmica, do arado, da escrita, dos calendários, da matemática, da astronomia e, por fim, da metalurgia. Com um excedente de alimentos, por conta da produção agrícola organizada, surgiram as primeiras cidades-Estado e, em seguida, o conceito de nação Estado. Muitos ocultistas e arqueólogos alternativos, entretanto, acreditam que exemplos anteriores de civilização existiram no fim da Era Glacial e foram destruídos pelas enchentes resultantes das mudanças climáticas, quando as calotas polares derreteram. Essa teoria será examinada com maior profundidade mais adiante neste capítulo, mas essa crença em uma cultura ou civilização perdida, considerada, em regra, uma Era Dourada da humanidade, está sintetizada na seguinte citação extraída dos escritos do paisagista e místico Jill Smith, que passou muitos anos investigando os Mistérios da Terra e a espiritualidade da deusa nas Ilhas Britânicas:

“Por muito tempo, desde que comecei a conhecer nossas paisagens sagradas, senti que, em algum ponto de nosso passado remoto, existiu um conhecimento global de tais coisas e, talvez, também

uma espécie de sistema universal de crenças ou espiritualidade. Pode parecer fantasioso mas, se os mitos e lendas evoluíram daquilo que era verdadeiro conhecimento observado, então isso seria possível, especialmente se o conhecimento fosse transmitido em histórias, e mais ainda se aderirmos à teoria de que todos nós saímos 'da África' há não muito tempo atrás na história evolutiva. Se não é possível que tenha existido um conhecimento relevante ao primeiro grupo de pessoas, o conhecimento enriqueceu-se por meio das observações meticolosas feitas por vastos períodos do tempo, da marcação precisa dos movimentos aparentes das estrelas, da codificação dessas observações, por cada geração, em narrativas de mitos para que cada uma soubesse o que se conquistara antes; conhecimento que foi acrescentado e, em seguida, transmitido à medida que esses povos se espalhavam pela Terra e seus pontos de referência mudavam ao se instalarem em diferentes climas e paisagens e sob padrões diversos de estrelas" (2003:3).

O mito de uma Era Dourada pré-histórica é uma metáfora poderosa e pode ser encontrada na arqueologia alternativa, na filosofia feminista (em que é representada como um matriarcado antigo) e em alguns círculos ocultistas e neopagãos. Não se trata de um conceito novo, já que também era conhecido dos escritores clássicos que voltavam os olhos com afeto e nostalgia romântica a um passado mítico no qual humanos e animais viviam em paz e harmonia em um paraíso terreno. Talvez o exemplo mais conhecido e batido seja a história tão popular do continente perdido da Atlântida. Supõe-se que o filósofo grego Platão tenha ouvido a história quando criança. Ele é considerado a primeira pessoa a escrever um relato sobre a história da Atlântida na forma de um diálogo fictício entre Sócrates e três amigos. De acordo com Platão, o mito originou-se com o legislador grego Sólon (640-559 a.C.), que por sua vez ouvira-o de um sacerdote egípcio no templo de Sais, onde supostamente estava preservado em registros antigos.

Esses registros do Antigo Egito falavam de um grande império atlante que floresceu por volta de 9.600 anos atrás e se localizava em uma enorme ilha-continente "além dos Pilares de Hércules", o atual Estreito de Gibraltar, no Oceano Atlântico. Era governado por uma poderosa dinastia real que controlava um império que incluía a África do Norte, partes do sul da Europa e a Itália. Supõe-se que a cidade grega de Atenas tenha liderado uma revolta contra o reinado atlante e libertado todos os povos que ele escravizara.

A Atlântida era uma ilha muito fértil, rica em madeira, minérios e vida silvestre. Seu nome era uma homenagem ao titã chamado Atlas e seu

povo era fruto da união entre uma mortal e um deus marinho identificado com Poseidon pelos gregos. A ilha tinha uma capital rodeada por muralhas douradas (não fica claro se elas eram realmente feitas de ouro ou de pedras da cor do ouro) e fontes de águas quentes e frias que alimentavam piscinas ao ar livre para os banhos de verão e banhos quentes para o inverno. A cidade tinha forma circular e era fortificada por uma série de fossos e canais ligados por pontes de defesa. A cada seis anos, os dez reis da Atlântida reuniam-se no templo principal, dedicado a seu deus marinho, no centro da ilha. Munidos de cordas e cassetetes, eles faziam caçadas rituais a touros sagrados e os sacrificavam a Poseidon.

Com o passar dos séculos, os atlantes, que eram, em sua origem, uma raça espiritualmente avançada, tornaram-se cada vez mais materialistas, corruptos, belicosos e degenerados. Por fim, Zeus, o pai dos deuses, ficou farto de seus costumes perversos e decidiu puni-los por suas transgressões. No ponto em que ele convoca uma assembleia de deuses para discutir o que fazer, o diálogo de Platão termina de forma abrupta. No entanto, versões populares do mito, e supostamente os registros egípcios, dizem que a Atlântida foi destruída por terremotos e erupções vulcânicas. A maioria de seus habitantes morreu afogada quando as águas avançaram e cobriram toda a ilha.

No início, a ideia de que a Atlântida existiu de fato era largamente aceita. Sugeriu-se até que o principal objetivo da jornada de Cristóvão Colombo ao oeste era descobrir as ruínas da Atlântida e seus tesouros. Um escritor norte-americano do século XIX, Ignatius Donnelly, tinha a crença firme de que as ilhas dos Açores eram remanescentes dos topos das montanhas atlantes. Contrariando essa teoria, uma pesquisa conduzida na década de 1960, na chamada crista oceânica do Atlântico, sugeriu que o solo oceânico nunca fora um continente submerso e que os picos vulcânicos dos Açores eram relativamente novos em termos geológicos. Essa descoberta levou a especulações de que a Atlântida mítica teria existido no Mediterrâneo e guardava algum tipo de ligação com a lendária cultura minoica de Creta ou a ilha vulcânica de Thera, destruída em 1.400 a.C. Teorias mais recentes se mostram ainda mais imaginativas, dando a localização do continente perdido como a Antártica, o Caribe ou até a América do Sul.

Em 2000, arqueólogos descobriram a cidade antiga de Helike, no litoral sul do Golfo de Corinto, na Grécia. Essa cidade desapareceu sob as águas no século IV a.C., como resultado de um terremoto e um tsunami. A imprensa imediatamente ligou essa descoberta com a Atlântida por causa da maneira como fora destruída e também porque seus

habitantes cultuavam o deus marinho Poseidon. Por muitos anos depois de sua destruição, as ruínas de suas muralhas ainda podiam ser vistas sob as águas e especialistas acreditam que isso tenha alimentado histórias sobre a Atlântida mítica.

A crença na Atlântida era muito forte entre os ocultistas do século XIX e do início do século XX, incluindo Dion Fortune e Madame Blavatsky. Controvérsias cercam Blavatsky por causa das suas afirmações de manter contato astral com a Grande Fraternidade Branca dos Mestres Ascencionados que viviam no Tibete. Ela é amplamente considerada uma charlatã e trapaceira. No entanto, pesquisas recentes vinculam-na a vários mestres ocultistas reais, dentre eles cabalistas, rosacrucianos, maçons, cristãos coptas, gurus indianos e sufistas. Kenneth Johnson (1994) propôs a ideia de que os chamados "Mestres Ascencionados" aos quais se referia ela eram, na verdade, mestres físicos das artes ocultas que Blavatsky realmente encontrara em suas várias viagens pela Europa e o Oriente.

Uma das primeiras influências de Blavatsky foi, de fato, seu bisavô materno. Ele era um príncipe russo que praticava uma forma obscura de Maçonaria Rosacruciana e possuía uma biblioteca com obras sobre ocultismo, magia e alquimia. O príncipe era um iniciado do Rito da Estrita Observância, fundado na Alemanha em 1754, e responsável pelo crescimento moderno do neotemplarismo. Supõe-se que ele conheceu o lendário conde de Saint Germain, um primo da dinastia real dos Stuart, e o conde Cagliostro, o fundador mouro-siciliano do Rito Maçônico Egípcio. Os detentores dos Graus mais elevados do Rito Estrito eram considerados ocultistas experientes que praticavam a alquimia, a magia e o estudo da Cabala (Ibid: 4,19-20).

Os Mestres maçônicos, rosacrucianos e sufistas, que eram as influências ocultas por trás de Blavatsky e da Sociedade Teosófica, tinham uma agenda oculta. Eles queriam criar uma fraternidade universal para estudar ciência, religião e filosofia. Isso também envolveria a pesquisa das leis secretas (ocultas) da Natureza e das forças psíquicas inerentes à humanidade. Seu objetivo principal, que alcançaram até certo ponto, era revitalizar as artes ocultistas no Ocidente como um baluarte contra a onda crescente de Cristianismo fundamentalista. Isso seria alcançado com a combinação de ensinamentos hindus e budistas e crenças esotéricas e heréticas cristãs. O mito da Atlântida e um antigo continente pan-Pacífico chamado Lemúria ou Mu destacavam-se nesses ensinamentos. Além disso, os mahatmas indianos, ou "grandes almas", que Blavatsky conheceu em suas andanças apoiavam o objetivo político de

independência da Índia do domínio colonial britânico (Ibid: 7-8). Portanto, não é surpresa que a sucessora de Blavatsky, Annie Besant, fosse uma defensora incansável dessa questão em particular.

Blavatsky baseou muitas de suas teorias e ensinamentos em um misterioso manuscrito conhecido como *As Estâncias de Dzryan*, que muitos de seus seguidores acreditam ser de origem atlante. Na realidade, muito dele deriva das escrituras hindus conhecidas como *Rig Veda*. A médium russa afirmava que os atlantes eram descendentes da raça ainda mais antiga dos lemurianos (nome baseado nos lêmures de Madagascar, com que eles supostamente se assemelhavam), que viveram no Pacífico. Blavatsky e seus discípulos acreditavam que os primeiros lemurianos possuíam apenas corpos etéreos. À medida que cada "raça raiz" subsequente evoluiu, esses corpos espirituais também se densificaram até que os humanos modernos desenvolveram "túnicas de carne". Ideias semelhantes sobre a Atlântida foram propostas por ocultistas como Rudolf Steiner e Max Heindel e podem ter influenciado Madeline Montalban a respeito do Povo do Raio e do Éden, existentes no plano astral.

O próprio Aleister Crowley foi seduzido pelo mito da Atlântida. Em sua pouco conhecida obra *Liber Li*, ele descreve um continente perdido governado por uma elite nobre que praticava a alquimia e a magia sexual. Os problemas surgem quando a classe baixa, que levava uma vida de servidão trabalhando nas minas e fábricas, revolta-se contra seus mestres. A Atlântida de Crowley era governada por um misterioso Conselho dos Sete, cujo objetivo mágico final era encarnar no planeta Vênus. Ao que parece, esse planeta era muito mais desenvolvido que a Terra e, simbolicamente, representava o próximo estágio na evolução humana. Esse estágio seria de iluminação espiritual e libertação dos corpos físicos. Como veremos adiante, Vênus tem um papel muito importante na tradição luciferiana. Essa crença no mito da Atlântida foi adotada pelo discípulo de Crowley, o mago thelemita Kenneth Grant. Ele cita o ocultista Michael Bertiaux, que escreveu sobre o assim chamado Templo Negro na Atlântida, onde se supõe que os magos fizessem rituais necromânticos com as cascas astrais dos mortos. Grant afirma que os sacerdotes do correlato Templo Vermelho do continente perdido praticavam magia sexual (*The Nightside of Eden*, Muller, 1977). O que causou a destruição da Atlântida? A pista encontra-se nos comentários de Grant, visto que, na tradição ocultista, muitos acreditam que eles começaram a praticar "magia negra" e sacrifícios humanos. Além disso, havia os programas de procriação que criavam híbridos monstruosos,

nem humanos nem animais, que eram usados como trabalho escravo. Teorias mais modernas sobre sua queda apontam para a má utilização de tecnologia e até a produção de armas de destruição em massa.

Há várias referências sobre a Atlântida em *Os Pilares de Tubalcaim*, mas são necessárias maiores explicações de seu significado. Afirma-se que “os primeiros deuses e deusas da Egito dinástico eram visitantes de uma ilha destruída por um cataclismo. Muitos ocultistas identificam essa ilha com o mítico continente perdido da Atlântida, cuja existência ainda é debatida” (2000:7). O livro também afirma que, depois do Dilúvio, o gigante Albion, cujo nome é um título mágico para a Bretanha, liderou sua raça até essas ilhas e que os reis-sacerdotes atlantes eram descendentes dos Vigilantes (Ibid: 42,48).

Já mencionamos a teoria moderna de que a civilização egípcia e seus deuses se originaram de uma cultura primitiva “transaariana”. No entanto, Madeline Montalban acreditava com fervor que os mitos de Osíris, Ísis, Toth e Anúbis eram antigas memórias da chegada de exemplos culturais que fugiram da destruição de Atlântida durante o Primeiro Período (Egito Pré-Dinástico). Esses sobreviventes atlantes, que representavam os “mocinhos”, haviam sido avisados, como Noé, da vinda da destruição e planejaram fugir da ilha antes que o pior acontecesse. Osíris, por exemplo, ensinou a agricultura aos primeiros egípcios e Toth (Tehuti) inventou a escrita, a astronomia e a matemática. Independentemente do que pensarmos com o decorrer do tempo, essa crença era um ponto central na OMS, expressa a seus discípulos por meio do curso e de seus ensinamentos internos. Estava, também, ligada à afirmação de Madeline de que os discípulos seniores da Ordem eram encarnações da classe sacerdotal do Antigo Egito.

Alguns ocultistas contemporâneos da “velha escola” ligados à Sociedade da Luz Interior, tais como Dion Fortune, sua discípula Christine Hartley (com quem este autor trabalhou na década de 1970 em um contexto maçônico) e Gareth Knight acreditavam que os Mistérios britânicos eram de origem atlante. Em seu famoso romance ocultista *A Sacerdotisa do Mar*, Dion Fortune apresentou sua protagonista Vivien Le Fay Morgan como a encarnação de uma sacerdotisa atlante dedicada ao culto da deusa da Lua negra. Fortune propõe em seu romance que a rainha Igraine, amante de Uther Pendragon e mãe do rei Arthur, era também uma sacerdotisa atlante do mar e que Merlin era um seus sacerdotes.

Tais crenças foram adotadas pelo ocultista contemporâneo Gareth Knight, que diz que Igraine era “uma sacerdotisa atlante trazida da antiga civilização para unir-se a um homem da linhagem governante da nova

civilização. Arthur, portanto, leva o sangue dos antigos reis britânicos e também o sangue sagrado dos reis sacerdotes atlantes” (1983:43). Knight chega a dizer que o anterior e futuro rei deveria ser um rei-sacerdote na antiga tradição atlante. Ele foi escolhido como resultado de questões genéticas. Seu pai, Uther, era de linhagem atlante e isso estava simbolizado em seu título de Pedragon ou “Dragão Chefe”. De acordo com Knight, isso aludia à constelação de Draco que, como sabemos, tem seu próprio significado esotérico na tradição luciferiana. O nascimento de Arthur foi precedido pelo avistamento de uma estrela incomum, ou um cometa, no céu. De um de seus raios surgiu uma bola de fogo que assumiu a forma de um dragão (Ibid: 124-125).

Knight afirma que o sistema de procriação na Atlântida também era usado no Egito, onde irmãos e irmãs casavam-se nas famílias reais e nobres. Ao alcovitar o encontro entre Igraine e Uther, o objetivo de Merlin era a seleção e reprodução cruzada de certas linhagens para criar um rei-sacerdote nos moldes atlantes. Uma qualidade dessa linhagem sagrada seria a de possuir habilidades avançadas de clarividência e isso facilitaria o contato entre a família real e os guias espirituais da terra. Knight diz que essa é a base espiritual para o conceito do “sangreal” ou “sangue sagrado” das lendas do Graal. Em épocas posteriores, esse conceito assumiu “a forma individualizada mais elevada de realização da expressão consciente individual dos poderes espirituais mais profundos do corpo físico” (Ibid: 146). Em termos herméticos e sufistas, essa é a criação do “Homem de Luz” ou do ser humano aperfeiçoado.

No último capítulo, mencionamos a relação entre o povo das fadas (em especial as mulheres fadas) e os mortais, que levava à transmissão de conhecimento. Esse é um aspecto importante da tradição luciferiana e da verdadeira bruxaria tradicional. Referindo-se uma vez mais aos mitos arthurianos, Knight diz que as várias Damas do Lago são “vestígios da memória de uma grande hierarquia de poderes matriarcais que eram antigos até na Atlântida” (Ibid: 184). Seu papel era ajudar os primeiros humanos na época remota em que os sexos foram separados pela primeira vez, como um meio de dar continuidade à procriação da espécie. Quando Merlin buscou restabelecer a tradição de mistério atlante nessas ilhas sagradas, foi auxiliado em sua tarefa por mulheres fadas, incluindo Morgana Le Fay e a Dama do Lago, que deu a Arthur a espada para proteger seu reino. Knight identifica essas mulheres fadas como encarnações de antigas sacerdotisas atlantes e chefes mulheres de clãs sagrados da ilha.

Outra dessas mulheres fadas é a metade serpente Melusina (“névoa do mar”), cujo nome sugere que talvez seja de origem atlante. Melusina casou-se com um antigo rei da Escócia chamado Elinas e tornou-se um espírito ancestral e guardiã aos nascidos de sua linhagem. Tem sido considerada como a memória de uma divindade celta, ou pré-celta, equivalente natural das sereias, *banshees* e Damas do Lago, que são espíritos guardiões de Albion. Deve haver também uma ligação com o povo Naga (serpente) do mito hindu, visto que se diz que alguém de seu povo se casou com um rei e tornou-se o espírito guardião de sua família. O rei do povo da serpente é Vishnu, o equivalente hindu de Poseidon.

Em artigo chamado “The Sea Mysteries”, publicado na revista *New Dimensions*, na década de 1960, Gareth Knight esboçou o antigo culto atlante do mar. Ele afirma que esse culto é muito mais antigo que o culto ao Sol, também realizado no continente perdido, e isso se dava porque os atlantes dedicavam-se ao antigo deus marinho como seu patrono cultural. Knight refere-se a ele como um culto antigo, uma antiga forma de adoração relacionada ao nascimento, à morte e à vida, e ligada ao Cosmos. Esse culto primitivo não apenas conecta os humanos ao Logos Solar (o deus de nosso sistema solar que os luciferianos diriam ser Lumiel), mas ao universo cósmico além, “o mar de espaço que é a mãe e a geradora de toda a vida”, onde nascem as estrelas ou aonde são trituradas no Moinho Cósmico pelos gigantes ou deuses anciãos.

Knight afirma que esse culto antigo do mar existiu em toda a Grã-Bretanha, mas que memórias ancestrais dele persistem, atualmente, apenas nas margens ocidentais da Irlanda, do País de Gales, da Cornualha e da Bretanha. A destruição da Atlântida é recordada nos mitos relacionados às terras perdidas de Lyonesse e Ys, cuja princesa se envolveu com magia negra e incorreu na ira de Deus. Ele conclui o artigo dizendo que, enquanto os humanos jamais poderão ter o controle absoluto do poder do mar, por meio do conhecimento obtido do passado antigo eles podem entrar em acordo com as grandes forças elementares por trás dele. Apenas por esse conhecimento proibido, e às vezes oculto, como descrito por Knight, é que podemos evoluir espiritualmente. Esse é o legado dos Vigilantes. Entretanto, existe o risco de seguirmos a trilha destrutiva dos atlantes, tornando-nos obcecados pelo poder e sendo a causa da nossa própria extinção.

Madeline teria concordado com a observação de Knight de que a Gales Ocidental e a Cornualha ainda apresentam forte influência atlante. Qualquer pessoa que tenha vivido nesses lugares ou os visitado fora de

época, depois de as massas de turistas terem ido para casa, concordará que são áreas de grande espiritualidade. Não é coincidência que os construtores megalíticos do Stonehenge tenham levado as pedras azuis das Colinas Preseli, na Gales Ocidental, ao reconhecerem tal fato. Madeline levou este autor em uma viagem de mistérios mágicos pelo West Country, que incluiu sua primeira visita a Tintagel e Boscastle. Já no fim de sua vida, ela tinha grandes planos, ainda que irremediavelmente românticos, de comprar uma antiga propriedade no País de Gales.

Christine Hartley, que além de amiga e estudante de Dion Fortune foi um dos guias físicos deste autor no Caminho, afirmava que Merlin e Morgana Le Fay eram sobreviventes do desastre atlante que acabaram alcançando a costa britânica. Ela ressalta que esses são nomes genéricos e significam “homem do mar” e “mulher do mar”. Le Fay, é claro, significa apenas “a Fada”. Eram nomes provavelmente partilhados por uma vasta linhagem de antigos sacerdotes e sacerdotisas que seguiam o culto à Lua e ao mar. Hartley dizia que, pelo fato de Morgana ser treinada nas artes mágicas, ela recebeu o título *Fay*, que se refere ao povo das fadas. Outra possibilidade poderia ser o fato de ela pertencer à raça de elfos descendentes dos Vigilantes. Mais uma vez, com a propaganda patriarcal e cristã, Morgana foi demonizada e transformada na figura de uma mulher fatal maléfica, responsável pela destruição da Távola Redonda. Na realidade, as sementes de tal destino já haviam sido semeadas pelo caso entre Lancelot do Lago, que foi criado por uma Dama do Lago bretã, e a rainha Guinevere. De acordo com Hartley, alguns dos sacerdotes atlantes já haviam previsto a destruição de sua terra e reconhecido a Grã-Bretanha como a próxima portadora da Sabedoria Antiga (1968:25-27).

Hartley identifica Merlin, o mago arquetípico, com Mercúrio, e sua irmã gêmea Gweddud-Morgana com Vênus. Eles são equivalentes aos símbolos das energias masculinas e femininas e o matrimônio sagrado dos opostos encontrados nos ensinamentos alquímicos e herméticos. Ela também identificava Merlin (como fez Madeline) a Toth e a Hermes, como Mestre da sabedoria divina. Merlin e Morgana (Mercúrio e Vênus) representam “o momento entre o sono e a vigília, o momento em que as almas estão melhor preparadas para receber impressões das terras iluminadas além do nosso conhecimento humano” (Ibid: 28). A meia-luz da aurora e do crepúsculo também são instantes intimamente associados à manifestação de Lumiel e sua consorte feminina Vênus, como estrela da manhã e da tarde. Não admira que Madeline Montalban

fosse fascinada pelas lendas arthurianas e introduzisse seu simbolismo em seus ensinamentos.

A ideia de uma dinastia real fundada por uma raça marítima de atlantes que veneravam um deus marinho também está presente nas origens lendárias dos merovíngios, mencionados anteriormente. Como vimos, eles diziam descender da união entre uma criatura marinha desconhecida chamada Quinotauro e uma mulher mortal, enquanto ela nadava. Dessa relação nasceu uma criança conhecida como Meroveu, que fundou a dinastia. Na época, ela já estava grávida, assim, o garoto herdou características de seu amante com traços de peixe e de seu pai franco. Essa interessante combinação genética dotou o novo rei com poderes sobrenaturais e sobre-humanos e deu aos merovíngios a reputação de “reis feiticeiros” detentores de conhecimento oculto. Além disso, é interessante notar que a dinastia real também reivindicava descender de Noé. No período pré-cristão, eram conhecidos como adoradores da deusa Lua Diana (outra consorte de Lúcifer), e escritores modernos consideram-nos herdeiros diretos da linhagem sagrada de Jesus e sua esposa, Maria Madalena (Baigent, Leigh e Lincoln 1982: 202-203, 205-206).

Especula-se que a palavra “Quinotauro” seja equivalente do deus Poseidon grego e atlante. Foi, também, separada etimologicamente em “Quino”, de parentesco [do inglês *kin*] e rei [do inglês *king*] e, é possível, até Caim, e “tauro” significando touro, ou seja, rei-touro. Isso é relevante ao considerarmos a lenda do sacrifício de touros sagrados pelos reis atlantes e a importância do culto ao touro na Idade do Bronze. Baal, por exemplo, era venerado como um touro, que era um animal sagrado para a cultura transaariana, para os antigos egípcios e para os minoicos. Quando Moisés retornou do Monte Sinai ao campo israelita, encontrou o povo cultuando um novilho dourado (touro). Ele ficou tão irado com essa idolatria que quebrou de imediato o mandamento “Não matarás” e massacrou 3 mil transgressores (Êxodo 32: 27-28).

Escrevendo para a revista norte-americana *Dagobert's Revenge*, Tracey R. Twyman sugeriu que a lenda do Quinotauro refere-se a uma dinastia de reis sacerdotes que reinaram no mundo antediluviano e estavam associados ao simbolismo do mar, bem como do touro/bode. Ela cita o fato de que muitas culturas têm mitos relacionados a deuses que vieram do mar e ensinaram à humanidade as artes da civilização. Ela menciona Enki, Dagon, Oannes e Marduk como exemplos. Em cada caso, eles são representados como metade homem, metade peixe ou com características metade touro ou metade bode. Não é mera coincidência que dois dos aspectos animais do deus das bruxas sejam de touro e

de bode. Twyman também sugere que esse efeito fora alcançado pelos "reis deuses" humanos que usavam um traje ou máscara ritualística para representar suas origens marítimas ou animalescas.

Na mitologia suméria, uma raça de seres semidivinos chamados de Sete Sábios, que eram metade homem e metade peixe, deu início à civilização. Eles foram enviados pelos deuses antes do Dilúvio, emergindo do mar. Seu líder, Oannes, ensinou aos primeiros humanos a escrita, a matemática, a legislação, a agricultura, a divisão da terra em fronteiras e a construção de cidades e templos. Alguns escritores acreditam que essa seja uma memória remota de uma raça de seres humanos avançados que veio do Vale do Indus no atual Paquistão, da Arábia ou até mesmo de uma terra perdida no Ocidente.

Uma pesquisa realizada nos últimos cinco anos pelo historiador alternativo Graham Hancock tomou por foco a teoria de que, depois da Era Glacial, quando as vastas calotas polares derreteram e as geleiras retraíram-se, cerca de 15 mil a 8 mil anos atrás, grandes regiões foram completamente submersas, o que alterou as linhas costeiras do mundo. Hancock afirma ter descoberto ruínas de cidades perdidas submersas nas costas da Arábia, da Índia e do Japão. Alega-se que elas existiram em uma época na qual os humanos supostamente não eram avançados tecnologicamente a ponto de construir cidades. Ele acredita que a destruição dessas cidades por tsunamis está registrada no mito conhecido em todo o mundo como a Grande Enchente, ou o Dilúvio. Como Andrew Collins, ele afirma que essas culturas representam uma civilização perdida governada por uma "raça antiga" que existiu na pré-história. Sobreviventes dessas terras submersas podem ter fugido antes de as águas engolirem suas pátrias por completo. Eles foram responsáveis por civilizar os povos mais primitivos que encontraram em outras partes do mundo não afetadas pelo Dilúvio.

Uma das cidades perdidas pesquisada por Hancock, na Índia, chamava-se Dwarka. Antigos escritos hindus contam que foi fundada e governada pelo próprio deus Krishna. Ostentava belos parques e construções decoradas com ouro, prata, cristais e esmeraldas. No entanto, "no mesmo dia em que o rei Krishna partiu da Terra", no início da Era de Kali (das Trevas), o oceano subiu e submergiu a cidade sagrada. De acordo com o calendário indiano, isso ocorreu por volta de 3.000 a.C. (2002:108-109). Outra lenda indiana sobre uma "cidade perdida" fala de um lugar chamado Mahabipuram, que recebeu o nome de um famoso gigante de tempos remotos. Os deuses ficaram com inveja de

sua magnificência e deram ordens para que o deus marinho elevasse as ondas e a inundasse.

Nas antigas lendas védicas relacionadas ao Dilúvio, um dos primeiros reis era chamado Manu, que significa, literalmente, "homem". Ele é conhecido como o pai da raça humana e o primeiro sacerdote com um papel na mitologia hindu que é semelhante ao do deus Osíris, no Egito. Enquanto trabalhava em suas terras, Manu deparou-se com um peixe falante (o deus Vishnu disfarçado) que o avisou sobre uma inundação iminente. Por ter criado o peixe como um animal de estimação, Manu foi instruído por ele a construir uma embarcação que fosse forte o suficiente para sobreviver ao dilúvio e semear as sementes para o futuro da raça humana. Quando chegou o dilúvio, o peixe já havia ficado gigantesco e foi capaz de puxar a embarcação até encontrar terra firme no pico de uma montanha que sobressaía das águas. Esse era o ponto mais alto da cordilheira conhecida hoje como Himalaia. A embarcação também carregava provisões de sementes e plantas e os Sete Sábios, seres sobrenaturais que agiriam como exemplos culturais para a nova raça humana (Ibid: 2002).

As antigas histórias chinesas sobre o Dilúvio contam que ele aconteceu cerca de 10 mil anos atrás e faziam menção a uma raça de seres altos vindos do outro lado do mar, chamados Filhos da Luz Perfeita. Esse nome lhes foi dado porque usavam mantos brancos cintilantes e de seus corpos emanava uma luz brilhante. Esses seres reuniram um grupo com as pessoas mais inteligentes e talentosas que encontraram entre os humanos primitivos. Os Iluminados ensinaram-lhes, então, as artes e os ofícios da vidraçaria, tecelagem de seda, cerâmica, metalurgia, uso de plantas medicinais e alquimia. Esses conhecimentos foram, então, transmitidos como habilidades hereditárias em suas tradições familiares.

A mitologia chinesa tem, também, seu próprio mito da Guerra nos Céus, destacando um elenco de gigantes e um rei serpente-dragão. O líder dos gigantes chamava-se Chi 'ih Yu, ou "serpente da montanha". De modo geral, é retratado como um homem colossal com chifres de touro. Foi o inventor das armas de metal. A raça de gigantes que esse rei-serpente liderava tinha "crânios tão duros quanto o ferro" e eles eram habilidosos na confecção de espadas, lanças, machados, escudos e pontas de flecha. Pelo fato de a maioria dos povos civilizados da época considerar armas como violentas e desumanas, o rei e sua raça foram demonizados como figuras malévolas, personificando os poderes do caos e das trevas. Dizem que, quando o rei serpente lutou contra o Imperador Amarelo humano Hang-Ti, ele teria usado magia negra em seu

favor. Historiadores chineses propõem que, na realidade, essa batalha foi um combate ritualístico realizado durante a estação da seca e incluía orações para a chuva. A batalha simbolizava a luta entre o rei humano e o deus da tempestade/trovão para que liberasse das nuvens a tão necessitada chuva para fertilizar a terra (Hean-Tatt 1995:210-214).

Até nos mitos aborígenes da Austrália encontramos referências ao Dilúvio. Hancock acredita que o continente foi reduzido em pelo menos 3 milhões de quilômetros quadrados quando os mares elevaram-se, depois da Era Glacial. Naquela época, a Austrália ainda estava ligada à Nova Guiné, ao norte, e à Tasmânia, ao sul. Embora não haja indícios de uma civilização avançada na Austrália, Hancock diz ser uma "coincidência" interessante o fato de que, nas antigas culturas da América do Norte, Sibéria, Europa e Austrália, as Plêiades fossem comumente conhecidas como as Sete Irmãs (Hancock 2002:56-57). Nos mitos aborígenes há, também, histórias do povo do espírito que desceu do céu no Tempo do Sonho e que assumiu formas humanas. Eles governaram a Terra até que fosse destruída por uma grande inundação que cobriu até as montanhas. Muitas pessoas do povo do espírito afogaram-se nas águas, mas alguns sobreviveram e fugiram de volta para as estrelas.

Em uma versão grega do mito do Dilúvio, Zeus (mais uma vez) estava, um dia, no Monte Olimpo, e inspecionava o mundo quando percebeu que os seres humanos eram fundamentalmente perversos em seu desdém pelos deuses, seu amor pela violência e seu desejo de guerra. Ele convocou uma assembleia com os deuses e decidiu-se que a raça humana tinha de ser exterminada. A princípio, as outras divindades estavam relutantes em tomar uma medida tão drástica pois, sem a humanidade, não haveria ninguém para venerá-los. No entanto, Zeus foi persistente e, ao final, prometeu que criaria uma nova raça superior para substituir as formas primitivas de vida humana. Eles, então, concordaram com o plano. Zeus libertou os ventos e ordenou que o deus marinho Tritão produzisse ondas colossais para cobrir a terra. Nem todos os deuses concordaram com o plano e Prometeu, que criara a raça humana e dera-lhe o fogo, avisou um casal chamado Deucalião e Pirra sobre o plano divino de extinção. Eles construíram uma embarcação e navegaram sobre as águas até alcançarem o Monte Parnaso, onde ofertaram sacrifícios aos deuses em agradecimento por terem se salvado. Zeus, então, fez com que a tempestade diminuísse, dizendo a Tritão que asso-prasse sua concha para acalmar as águas turbulentas, e permitiu que os humanos sobreviventes repovoassem o mundo (Cohn 1996:8-9).

O exemplo mais conhecido da lenda do Dilúvio, e que influenciou diretamente a narrativa bíblica de Noé e sua Arca, pode ser encontrado na Suméria. Escavações feitas entre 1889 e 1900 na cidade de Nippur, no atual Iraque, revelaram um dos mais antigos relatos do mito, inscrito em uma tábua de argila. Essa descoberta extraordinária é aceita hoje pelos estudiosos do Oriente Médio como a fonte original da posterior narrativa babilônica, conhecida como *A Epopeia de Gilgamesh*, embora o mito também possa ser encontrado em uma versão ainda anterior, chamada de o *Épico de Adapa*. A versão de Gilgamesh está escrita em 12 tábuas de argila e foi descoberta na cidade de Nínive em 1853.

O texto sumério contém referências a uma civilização avançada que existiu antes do Dilúvio e cujo reino tinha origem nos céus. Seu regente divino era responsável pela criação dos ritos religiosos, leis, construção de cidades e dos chamados “centros de culto” para adoração. Entretanto, os humanos recém-criados que viviam nessas cidades estavam se reproduzindo em um ritmo alarmante e rebelando-se. O deus Enlil, cansado da baderna que faziam, tentou primeiro limitar seu número crescente com secas, pragas e fome. Quando viu que isso não funcionou, decidiu varrer a raça humana da face da terra com uma grande inundação. Para a felicidade dos humanos, nem todos os deuses o apoiaram e seu irmão e rival Ea (Enki) alertou um homem chamado Utanapishti, a versão suméria de Noé, que era rei da cidade de Shuruppak. O rei foi informado de que uma assembleia dos deuses decidira “destruir a semente da humanidade” em uma enchente. Ele foi instruído a construir uma arca ou embarcação de juncos e carregá-la com sua família e espécimes de todas as criaturas vivas. O navegador da arca chamava-se Puzur-Amurri, um nome que significa “estrela ocidental” e refere-se a Vênus em seu aspecto noturno.

Como previra Ea, as chuvas vieram e as águas dos rios e oceanos começaram a subir, inundando a terra. A tempestade assolou a terra por sete dias e, no oitavo dia, o Sol surgiu em meio às nuvens e a chuva parou. A arca atracou no Monte Nisir e o grato rei fez sacrifícios em agradecimento ao deus Sol. Como resultado, Enlil arrependeu-se e permitiu que a raça humana continuasse existindo. Na verdade, os deuses ficaram tão gratos ao rei por ter salvado a raça humana que o transformaram em um ser imortal como eles (George 1999 e Hancock 2002).

A versão da lenda do Dilúvio na Bíblia denota uma forte influência dos relatos que a antecedem e começa com Yahweh reconhecendo que “a maldade do homem era grande na Terra”. Ele se arrepende, como em versões anteriores, de ter criado a raça humana e promete destruí-la.

Nos *Manuscritos do Mar Morto*, conta-se que o Dilúvio foi previsto em sonho por Hiwa, dos filhos gigantes do anjo caído Semiaza. Ele sonhou com uma rocha colossal suspensa sobre a Terra, como a tábua de uma mesa, a qual estava gravada com quatro letras. Quando contou esse sonho a seu pai, Semiaza disse que isso significava que Yahweh destruiria a humanidade. Os únicos que sobreviveriam para repovoar o mundo seriam Noé, sua esposa e seus três filhos, Sem, Cam e Jafé.

Noé parece ter sido uma criança estranha, pois um relato do século II a.C. conta que ele tinha uma “pele branca e avermelhada” e “cabelos brancos longos e belos” quando nasceu. Seus olhos também tinham um “brilho como o Sol” e seu pai, Lameque, ficou tão preocupado com sua aparência peculiar que acreditava que sua esposa dormira com um dos Vigilantes ou Nefilins. Nos *Contos do Patriarca*, Lameque especificamente acusa sua esposa de ter tido relações sexuais com um dos “filhos do Céu”, mas ela nega. Lameque, então, consulta seu pai, o idoso Matusalém, em busca de conselho. O ancião, por sua vez, consulta seu pai, Enoch, que está no Céu. Enoch conta que, por terem os anjos caídos desafiado as leis do Céu, a Terra será purgada da corrupção por uma grande inundação. Noé, no entanto, será um homem justo e digno, escolhido por Yahweh para iniciar uma nova raça humana.

Em Gênesis 6:13-22 e 7:1-10 podemos ler a famosa história de como Noé construiu uma arca e reuniu sua família e dois espécimes de cada criatura viva. Os *Manuscritos do Mar Morto* descrevem como Yahweh, então, fez tremer as fundações da Terra (terremoto), fazendo as águas brotarem das profundezas (tsunamis) e “as janelas do Céu se esvaziarem” (chuva). Em consequência, “tudo que se encontrava em solo seco desapareceu, homem e animal, ave e criatura alada – tudo morreu; nem mesmo os gigantes [nefilins] escaparam”.

Em 2000, arqueólogos anunciaram a descoberta das ruínas de uma vila do início da Idade do Bronze, ou, em alguns relatos, do Neolítico, a mais de 300 pés de profundidade, no Mar Negro. Essa descoberta parecia provar que existiram assentamentos humanos na costa do mar cerca de 7.500 anos atrás, quando ainda se tratava de um lago de água doce. Indícios obtidos por um oceanógrafo norte-americano, dr. Robert Ballard, sugeriram que, no fim da Era Glacial, os níveis crescentes do mar fizeram com que o Mediterrâneo irrompesse e inundasse o Mar Negro. Ele acredita que esse evento serve de base para o mito do Dilúvio (*The Times*, 4 de setembro de 2000). É interessante observar que o folclore da região da Abecásia, na Cordilheira do Cáucaso, próxima ao Mar Negro, conta que as pessoas sobreviveram ao dilúvio na região do

Hindu Kush do Himalaia, na Cordilheira dos Andes, na América do Sul e no Cáucaso (Yagon 1994).

Os primeiros pais da Igreja, tais como São Agostinho, viam Noé como uma figura como Manu, o “pai da humanidade”, e consideravam a Arca como um símbolo da Cidade de Deus ou até como o Corpo de Cristo. Para esses primeiros cristãos, a Arca também representava a nova Igreja, que salvava as almas ameaçadas por uma inundação do Paganismo. São Jerônimo, por exemplo, escreveu que a Igreja era como “a arca de Noé, e aquele que não está nela, perecerá” (Cohn 1996:28-29). Aos pagãos, é claro, a arca já era um símbolo antigo e muito reverenciado. Era, originalmente, o barco da Grande Deusa Mãe, com formato de lua crescente, e simbolizava o ventre do qual todas as criaturas vivas da Terra nasceram.

Talvez a última palavra sobre o mito do Dilúvio deva ser a da psicóloga norte-americana Eleanor Bertine, como foi citada em Cohn (1996:132). Ela diz que o Dilúvio representava o renascimento do herói que usa a fagulha divina da sabedoria dentro dele para conquistar as águas crescentes. Ele aceita o Dilúvio como “a realidade suprapessoal capaz de trazer a renovação”, como simbolizado pela Arca. Ao fim do Dilúvio, ele emerge dela para um novo Céu e uma nova Terra e torna-se, assim, um “duas vezes nascido” [iniciado nos Mistérios].



Lilith, por Andrew D. Chumbley. Direitos Autorais ADC (2003).

Capítulo Cinco

A Dama da Estrela Vespertina

*Como uma estrela que irradia do céu... – O Caminho do Mago,
Aleister Crowley*

Madeline Montalban ensinava que vibrações femininas atraíam as forças angelicais. Ela acreditava que as mulheres podiam criar o campo de força pelo qual o poder mágico se manifestava no plano material com mais facilidade do que os magos homens. Ela descrevia esse campo de força, em termos cabalísticos, como Shekinah, ou “Noiva de Deus”, o aspecto feminino do Criador cósmico. Ela também identificava essa energia com as antigas deusas das Luas negra e cheia – Diana, Tanit, Ishtar, Hécate e Lilith.

Segundo a tradição, a Dama Lilith é um dos nomes sumério-hebraicos da consorte de Lumiel. Nos textos cabalísticos esotéricos, ela é considerada a primeira mulher de Adão, antes da criação de Eva. Quando Lilith tentou passar ensinamentos a seu marido humano em estado de inocência e ignorância primitiva, ele a rejeitou. Um motivo curioso de por que isso ocorreu é que Lilith recusou-se a aceitar a conhecida posição em que o homem fica em cima da mulher na relação sexual. Em vez disso, ela insistia em assumir a posição feminina dominante durante o ato amoroso.

Um antigo escritor cristão, Metódio de Olimpo, atribuía o Dilúvio ao pecado das mulheres “que se sentavam em cima” de seus maridos durante o ato sexual (citação em Millis 1998:141). Essa posição dominante fora ensinada às mulheres por seus amantes angelicais, os *Vigilantes*. Bruxas da Grécia antiga que veneravam a deusa Hécate também eram castigadas por preferirem a posição sexual superior. *Representações da*

posição dominante feminina também se destacam na arte suméria. Graves e Patai (1964:69) sugerem que a história de Adão e Lilith simboliza a queda e substituição da deusa suméria Lilitu por outra deusa chamada Heba, que, por fim, acabou chegando ao Gênesis como Eva.

O texto hebraico mais antigo e conhecido que faz menção ao casamento de Adão e Lilith era *O Alfabeto de Ben Sira*, que data do período entre os séculos VIII e X a.C. Ele reproduz o conto do rei Nabucodonosor, da Babilônia, e seu médico da corte, Ben Sira. O jovem filho do rei ficou doente e ele insistiu que o médico curasse o garoto, ou sofreria a morte. Ben Sira sentou-se e fez um amuleto no qual escreveu o Santo Nome de Deus e os nomes de três anjos responsáveis por assuntos médicos. O rei perguntou quem eram eles e o médico contou a seguinte história.

Depois que Yahweh criou o primeiro homem, ele estava sozinho, então Lilith foi feita do barro para ser sua companheira. O casal começou a discutir sobre quem deveria assumir a posição dominante no sexo e Lilith recusou-se a se deitar sob Adão. Ela argumentou que ambos eram iguais pois foram criados da terra. Por fim, Lilith ficou zangada. Ela pronunciou o Nome Inefável [de Deus] e fugiu. Adão ficou consternado com a perda de sua parceira sexual e não queria voltar a fornicar com animais. Ele orou a Yahweh, contando que sua mulher fugira. Imediatamente, Deus enviou os três anjos responsáveis pela medicina, Sanvi, Sansavi e Seronqeiaf, para que trouxessem a transgressora Lilith de volta ao Jardim do Éden. Yahweh disse que, se ela não retornasse, uma centena de seus futuros filhos morreria todos os dias. Os anjos encontraram Lilith à margem do Mar Vermelho [ou Mar dos Juncos], onde, bem mais tarde, Moisés separaria as águas e destruiria o exército egípcio. Eles contaram a Lilith o que Yahweh dissera e ameaçaram afogá-la no mar se ela se recusasse a voltar. Lilith apenas riu em seus rostos angelicais e os amaldiçoou.

Lilith disse aos anjos que tinha o poder de causar doenças em bebês recém-nascidos. Se a criança fosse do sexo masculino, ela teria, então, domínio sobre ele por oito dias após seu nascimento. Se fosse do sexo feminino, seu poder se estenderia por 20 dias. No entanto, como consequência por não voltar ao Éden, Lilith concordou que uma centena de seus filhos morreria todos os dias. Em troca, ela assumiu o papel de assassina de bebês humanos recém-nascidos. Ela também concordou que, se os nomes dos três anjos aparecessem em um amuleto, protegendo um bebê, ela não teria poder sobre ele. Desde então, cem filhos de Lilith morrem todos os dias e, quando ela vê os nomes angelicais em um amuleto, ela poupa a criança que ele protege.

O mito de Lilith ou Lilitu remonta a pelo menos 3.000 a.C., na Suméria, e ela pode estar relacionada à deusa babilônica Belitili e à deusa cananita Baalat, a “Dama Divina” que era consorte do deus da tempestade, Baal. Lilith pode ter sido, em sua origem, um aspecto da Grande Deusa Mãe cultuada pelos primeiros agricultores, representados na Bíblia pelo Mestre Caim. Os hebreus não gostavam dessa deusa porque ela bebera o sangue do pastor Abel depois que ele foi assassinado pelo antigo deus da agricultura e dos ferreiros. Alguns cabalistas acreditavam que Caim era filho de Eva e o consorte de Lilith, Samael (Lumiel).

Na tradição judaica, Lilith era a “velha feiticeira da noite” ou a “coruja que pia”. Em Isaías 34:13-15 há referências ao reino de Israel tornando-se a “habitação dos dragões e uma corte para corujas”. O texto prossegue, dizendo: “...o sátiro [o seirim de Azazel] clamará por seu companheiro; a coruja que pia repousará ali também... A grande coruja [Lilith] fará ali seu ninho e botará seus ovos e eles eclodirão [demônios] e os reunirá debaixo de sua sombra”. No Talmude, Lilith era descrita como uma figura demoníaca com pés de coruja, longos cabelos esvoaçantes e asas. Na Idade Média, sua transformação de deusa em demônio estava completa. Ela era conhecida, popularmente, como duende, “fantasma da noite” (termo também usado para descrever as corujas), vampira, avó do Diabo e mãe de todas as bruxas. Enquanto na antiga Grécia a coruja era considerada um pássaro sagrado e símbolo de sabedoria, na mitologia cristã ela se tornou sinal de infortúnio e pássaro de mau agouro e morte.

Um exemplo de como a imagem de Lilith foi depreciada é ilustrado em um artigo do jornal *The Times* (2 de abril de 2003). O artigo tratava de uma oferta feita pelo Museu Britânico para arrecadar fundos para comprar um relevo em terracota atualmente na posse de um colecionador de arte japonês. A gravura fora encontrada na Babilônia, no atual Iraque, e foi descrita pelo jornal como a representação de “uma prostituta de alta classe que talvez circulasse do lado de fora de um bordel”. O jornal intitulou sua matéria: “Museu na corrida para salvar a Prostituta da Babilônia”. Entretanto, a reportagem acrescentava que poderia ser uma imagem da irmã de Ishtar, Ereshkigal, a deusa do submundo e dos mortos. Na realidade, o que publicaram foi uma imagem famosa de Lilith. Ela é mostrada como uma figura feminina nua com cabelos longos. Ela tem garras de coruja e é flanqueada, de ambos os lados, por corujas. Felizmente, alguns dias depois, uma carta de um acadêmico universitário foi publicada na página de correspondências, apontando o erro gritante do jornal e identificando corretamente a imagem como sendo de Lilith.

Se Lilith tem má reputação nos estudos mitológicos e na cultura popular, sua imagem na astrologia é igualmente negativa. Na tradição de nomear planetas com nomes de deuses e deusas pagãs, Lilith é o nome dado a uma “lua negra” ou asteroide descoberto em 1720. Afirmase que Lilith tem um terço do tamanho da nossa Lua e sua órbita é três vezes mais distante da Terra. Pode ser vista, a princípio, em intervalos de seis meses, nunca diretamente, mas apenas quando sua sombra cruza o Sol. O grande Sepherial foi quem escreveu sobre esse asteroide pela primeira vez em termos astrológicos e, em um mapa astral, representa a vingança (supõe-se que ela tenha começado a briga entre Caim e Abel), degradação (especialmente de natureza sexual), tentação (mesma conotação anterior), sedução, traição e compulsões. Ela também governa os partos de natimortos, envenenamento, aborto, morte no parto e desenvolvimento físico e emocional anormais.

O único aspecto positivo é que a pessoa que tem a Lua negra destacada de forma proeminente em seu mapa natal será vista como alguém misterioso e fascinante ao sexo oposto. No entanto, se infligida, a influência nefasta de Lilith acarreta ciúmes nos relacionamentos e problemas matrimoniais. Ela também pode levar os homens a situações comprometedoras de natureza sexual, em especial se for moralmente correto ou de caráter reprimido. A Lua negra representa o que Jung chamou de “a sombra”, ou o lado sombrio da natureza humana, que buscamos reprimir em vez de trabalhar de maneira positiva. Ao abraçar a sombra, podemos entender melhor seu alter ego masculino, o Senhor da Luz.

É muito fácil ver por que a deusa Lilith foi transformada em uma figura malévola e demoníaca. No livro *Os Pilares de Tubalcaim*, este autor descreveu como Lilitu, ou Lilu, era, em sua origem, a líder de uma raça de vampiras que eram predadoras sexuais dos humanos. O livro também mostra como o mito de Lilith representava uma metáfora do poder decrescente das deusas do Oriente Médio quando o patriarcado assumiu o controle (2000:135). A sexualidade e a independência dessas poderosas divindades femininas eram temidas e, eventualmente, qualquer mulher que exibisse atributos do tipo Lilith – que fosse sexualmente ativa e que não tivesse instintos maternos considerados “normais” – era marginalizada como infanticida malévola e meretriz.

Como observamos, o pássaro sagrado de Lilith era a coruja, que, de modo geral, era considerada um símbolo da sabedoria, ou seja, “a velha e sábia coruja”. Os gnósticos associavam Lilith a Sophia, a personificação feminina da sabedoria, e diziam: “Ela conhece os segredos da escuridão e da luz e une o Céu e a Terra”. O Zohar diz que ela tem

“domínio sobre todas as criaturas vivas que rastejam”, enquanto outros textos associam-na a Shekinah. É por esse motivo que ela conhecia o Nome Inefável e pronunciou-o para escapar das garras de Adão. Ela também foi personificada pela rainha de Sabá, que impressionou o rei Salomão com a profundidade de sua sabedoria. Supunha-se que Sabá tivesse as pernas peludas e isso era um traço físico associado à deusa sombria.

No livro *Os Pilares de Tubalcaim*, associamos Lilith a Ereshkigal, a irmã mais velha de Inanna, e a Ishtar (2000:137-138). Tradicionalmente, Ishtar é um dos aspectos da consorte de Lumiel e seu símbolo é a estrela vespertina, Vênus. Como deusa do amor sexual, da fertilidade e da guerra (logo, negando subversivamente o antigo slogan hippie “Faça amor, não faça guerra”), Ishtar governa sobre as forças da vida e da morte, do ventre e da tumba. Ela é conhecida por vários títulos, incluindo “Rainha dos Deuses”, “Dama dos Céus Estrelados”, “A Grande Mãe”, “Destruidora da Vida”, “Terror da Noite”, “Abridora do Ventre”, “Rainha da Noite”, “Rainha da Terra”, “Regente do Tempo”, “Nascida do Mar” e “Senhora dos Espíritos”.

Ishtar é, em regra, retratada com as mãos elevadas e as palmas apontando para fora, em um gesto universal de bênção e amizade. Por vezes, como a Grande Deusa Mãe, ela oferece seus seios com as mãos a seus adoradores, para sua nutrição espiritual e física. Como patrona da guerra, ela conduz uma carruagem puxada por leões e, como uma sereia, é parte mulher e parte peixe. Nessa última forma, pode ser associada à deusa síria Atargatis, que também era vista na forma de uma sereia. No folclore, a sereia é vista como sedutora de homens mortais, mas aqueles que se casaram com sereias lamentaram a decisão.

Essa deusa combina os aspectos duais da deusa lunar clara e escura. Ela é tanto a provedora da vida quanto a destruidora, que a tira. Como tal, ela regia os ciclos lunares mensais, a menstruação e a mudança das estações e é por isso que era chamada de “A Regente do Tempo”. Ishtar também assumia um papel simbólico como a consorte divina do rei mortal, que lhe concedia seu poder e autoridade. Por meio do “matrimônio sagrado”, realizado pelo rei sacerdote e pela sacerdotisa, como substitutos, Ishtar concede o reino e garante a prosperidade econômica, a vitória na batalha e a fertilidade da terra. Essa aliança ou pacto entre o divino e o mortal era simbolizado na antiga Babilônia em uma cerimônia anual especial. Uma vez por ano, uma carruagem vazia, representando o término do governo do rei e o deus sol, era conduzida pelas ruas movimentadas. Um garoto era eleito rei por um dia e agia

como um substituto ritual do rei verdadeiro. Ao fim do dia, ele era sacrificado a Ishtar.

O matrimônio sagrado era um ritual importante no antigo Oriente Médio. Ester Harding diz sobre o ritual: "Para simbolizar essa verdade, Deus manifestado, poderoso, na união do homem e da mulher, a união dos princípios masculino e feminino, as mulheres que recebiam sua iniciação nos Mistérios da Grande Deusa sacrificavam sua virgindade no templo, ao entrar no *hieros gamos*, ou matrimônio sagrado, que era consumado, às vezes, com o sacerdote, como representante do poder fálico do deus, às vezes com a própria imagem fálica e, às vezes, com qualquer estranho que estivesse passando a noite nos recintos do templo" (1977:134). Era essa prática de prostituição sagrada que tanto horrorizava os patriarcas hebreus, embora haja evidência de que fosse tolerado do lado de fora dos portões do templo do rei Salomão. Na verdade, as mulheres hebreias cultuavam Ishtar como a "Rainha do Céu" e, nas referências bíblicas, elas ofereciam bolos e queimavam incensos em sacrifício (Jeremias 44:14-19).

Como regente das estações, Ishtar tinha um consorte chamado Tamuz, seu filho-amante, que era um belo garoto. Ele era uma divindade agrícola e deus da vegetação que ensinava os humanos a cultivar árvores frutíferas e a plantar grãos. Às vezes, ele era conhecido como Urkittu, ou "O Verde", e o Bom Pastor. Tamuz morria e renascia, e Ezequiel descreve como viu as mulheres hebreias lamentarem Tamuz, em luto, do lado de fora dos portões do templo de Salomão. Quando o deus morria, Ishtar ficava viúva (uma metáfora poderosa na tradição luciferiana) e descia ao submundo para resgatar sua "luz celestial". Enquanto descia pelos vários portões até o reino dos mortos, ela era forçada a tirar uma peça de roupa até chegar à entrada do submundo completamente nua. Ali, ela tem de lutar contra a Rainha dos Mortos, seu próprio lado negro, pela posse do espírito de seu amante.

A versão suméria do mito mostra Inanna (Ishtar) visitando sua irmã sombria Ereshkigal para participar do funeral de seu marido morto, o deus dos mortos. Ela colocara suas melhores roupas e joias, mas, em cada um dos sete portões para o submundo, ela é desafiada por seu guardião e forçada a tirar uma peça por vez. Quando chega ao submundo, está desprovida de todas as suas roupas e joias. Isso simboliza a luta mensal pela ascensão entre os aspectos escuros e claros da Lua, e os sete portões representam os ciclos lunares. Uma explicação alternativa associa a descida de Inanna-Ishtar ao submundo ao nascer e se pôr do planeta Vênus.

Na mitologia cananita, a Rainha do Céu era Astarte, que também é identificada como Vênus, Afrodite e Ishtar. Astarte era outra deusa do amor e da guerra e pode estar associada à deusa lunar árabe pré-islâmica, Al-Uzza. Baal e Astarte eram cultuados juntos nos “lugares altos” (montes) e em bosques sagrados onde havia mastros de madeira, chamados aserá, pedras erguidas e plataformas ou altares para oferendas sacrificiais. A aserá é aceita, de modo geral, como uma imagem da Grande Deusa Mãe na Idade do Bronze e, possivelmente, tinha a forma de árvore. Também era associada ao culto à “Hoste do Céu” (os deuses ou anjos planetários). Pode ter sido um aspecto da deusa cananita Athirat, que era casada com o deus chefe El, e seu nome tem sido traduzido como “aquela que cavalga um dragão”. Ela é, às vezes, ilustrada como uma mulher nua montada sobre um leão, segurando uma serpente e um lótus, com a lua crescente e o Sol sobre sua cabeça. Todos esses símbolos são importantes na tradição luciferiana.

A escritora feminista Asphodel, em uma palestra apresentada na faculdade de St. Mark e St. John em Plymouth, Devon, em dezembro de 1996, associou a *aserá* com a Árvore da Vida do Éden e o conceito hebraico de sabedoria. Ela vê a aserá como um símbolo do “conceito da vida, sua fisicalidade, sua sacralidade, sua renovação cíclica na natureza e a esperança dos seres humanos que a cultuavam de que tal renovação fosse algum tipo de símbolo da vida eterna”.

Asphodel mencionou uma escavação arqueológica no Sinai, na década de 1970, que descobriu um antigo santuário hebraico. Dentre as inscrições e ilustrações em suas paredes, havia uma figura feminina sentada em um trono e servida por uma figura masculina e por criaturas metade humanas e metade animais. Uma inscrição dizia: “Que sejais abençoados por Javé e Aserá”. Isso sugere que Yahweh tinha, de fato, uma consorte, que era deusa da guerra e da fertilidade. Isso é apoiado pelas incursões organizadas por Josias quando se tornou rei. Ele ordenou que os bosques sagrados onde os hebreus cultuavam Baal, Astarte e as “Hostes do Céu” fossem destruídos e seus sacerdotes assassinados (2 Reis 23:4-25).

A deusa lunar Tanit, ou Tanith, foi associada por Asphodel a deusas como Anat, Aserá e Astarte. Em sua origem, Tanit era cultuada pelos fenícios, mas uma estela datada do século I d.C. foi encontrada em Cartago, no norte da África, provando que seu culto era largamente difundido. A estela possui um triângulo, uma lua crescente e um disco lunar, que dizem representar a deusa. Simbolismo semelhante foi descoberto em templos da Idade do Bronze do período cananita, junto

com urnas funerárias contendo os restos cremados de bebês e animais. Não se sabe se eram natimortos ou verdadeiros sacrifícios a Tanit (Tubb 1998:144-145). Alguns afirmam que os mercadores fenícios de estanho levaram o culto de Tanit ao Reino Unido. Pelo menos um grupo mágico com supostas conotações luciferianas ainda reverencia a deusa na Cornualha.

No livro de Charles Godfrey Leland, *Aradia: O Evangelho das Bruxas* (1899), a deusa romana da Lua e da caça, Diana, é considerada a consorte amante-irmã do deus sol Lúcifer. No mito da criação da *stregheria* (bruxaria) italiana do século XIX, Diana seduz seu irmão na forma de uma gata. De sua união incestuosa nasce uma filha, Aradia, que encarna na Terra, em forma humana, como a personificação da deusa das bruxas. O *Evangelho* também descreve como Diana possui a Roda do Destino (possivelmente uma roca de fiar) e Lúcifer a gira. Essa é a imagem tradicional da deusa das bruxas como Parca ou Moira, tecendo os destinos da humanidade. Na Bíblia, a irmã do primeiro ferreiro, Tubalcaim, é chamada Naamah ou Noema e, diz a tradição, foi a primeira fiadora e tecelã. Naamah é, também, uma versão mais jovem de Lilith.

A Igreja primitiva reconheceu que o culto a Diana sobreviveu quando de sua primeira tentativa de suprimir as antigas religiões pagãs. No século X, ela condenava aquelas “mulheres perversas” que, seduzidas pelo Diabo, acreditavam que vagavam à noite em companhia de Diana. No sul da Europa, Diana ou Herodiades, a esposa do rei Herodes, tornou-se a líder feminina da Caça Selvagem e percorria os céus de inverno caçando as almas dos mortos. Já no início da época medieval, Diana tornara-se uma feiticeira e demônio da floresta (Millis 1998:135). Em sua influente obra *História Noturna: Decifrando o Sabá* (Hutchinson Radius, 1990), o historiador italiano Carlo Ginzburg propõe sua teoria de que o papel de Diana-Ártemis no culto medieval das bruxas era reminiscência do culto xamânico de uma deusa urso pré-histórica. Até o século XV, a Igreja ainda pregava contra as “mulheres selvagens” e camponeses supersticiosos acreditavam que Diana e seu “exército” fantasma viajavam “enormes distâncias” à noite. O dr. Ginzburg associa a deusa com a figura folclórica da Europa central, a Senhora ou Dama Holda, que liderava a Caça Selvagem. Ele também faz uma ligação com a lenda de Venuberg, em que a deusa do amor habitava um morro oco, e com o sabá das bruxas supostamente realizado na Noite da Santa Valburga (véspera de 1º de maio), na montanha sagrada de Brocken.

Apesar de ser amplamente desacreditado pela atual geração de antropólogos e historiadores, *sir* James Frazer descreve, em seu livro clássico *O Ramo de Ouro*, o bosque sagrado no Lago Nemi, na Itália, que era dedicado a Diana. O lago era conhecido no folclore local como o “Espelho de Diana” e, em épocas remotas, era o santuário oculto de Diana Nemorensis, ou “Diana dos Bosques”. Na lenda, o bosque era protegido por um sacerdote armado conhecido como Rex Nemorensis ou o “Rei dos Bosques”. Ele só conseguiu a função depois de matar o titular anterior em um combate ritualístico. Em Nemi, a deusa era venerada como a protetora da mata e de seus animais e era cultuada por sacerdotisas virgens que cuidavam de um fogo perpétuo em seu nome. Supõe-se que o ofício de Rex Nemorensis tenha surgido da história de que Diana encarnara na forma humana e unira-se a um antigo rei romano. Em outra versão, ela se casa com um mortal chamado Vírbio, que teria sido o primeiro rei sacerdote a governar seu bosque. Frazer compara o papel de Vírbio ao relacionamento entre Vênus e Adônis, ou Cibele e Átis. É interessante como a lenda de Nemi avançou até o mito de Diana e Lúcifer, contado pelas bruxas italianas do século XIX.

Na mitologia romana clássica, Diana era geralmente associada à divindade grega Hécate, ou Hekate, e eram vistas, respectivamente, como aspectos da lua cheia e lua negra. Hécate era conhecida como a “Sombria”, “Rainha das Bruxas”, “Rainha do Céu, da Terra e do Inferno”, “Provedora de Visões” e até como “Portadora da Luz”. De modo geral, era representada segurando uma tocha flamejante como símbolo de iluminação espiritual. Seu nome tem sido traduzido de formas variadas, como “Aquele que opera de acordo com sua vontade”, “A Distante”, “A Iluminada” ou “A que se move rapidamente”. Alguns escritores acreditam que ela tenha evoluído da deusa rã Heket, do Antigo Egito. Outra possibilidade é que descendesse da raça dos titãs ou gigantes que se rebelaram contra Zeus. Sua mãe era Astéria, uma deusa estrela, que se uniu a um dos titãs.

As primeiras imagens de Hécate são de uma jovem ou donzela usando uma coroa de estrelas, mas fontes posteriores clássicas e neopagãs modernas representam-na como uma deusa anciã ou figura de velha bruxa. Mais tarde, ela também foi retratada com três cabeças ou faces – um cão, um cavalo e uma mulher. Ela também era associada de perto a cobras e dragões, como convém a uma divindade ctônica. Embora fosse, em regra, uma deusa solitária, Hécate era, às vezes, associada a Pã, ao deus Sol Apolo e a Hermes, e seus símbolos principais eram a roca de fiar, o fuso e a tocha.

O papel posterior de Hécate parece ter sido o de deusa bruxa e regente dos mortos e do submundo. Como tal, era cultuada nas encruzilhadas e essa ideia sobreviveu até a Idade Média, quando se acreditava que as bruxas reuniam-se onde dois ou três caminhos se cruzavam para praticar seus rituais sombrios. A deusa era, também, uma líder da Caça Selvagem, uma vez que havia a crença de que ela vagava a esmo com uma matilha de cães de caça e os espíritos dos “mortos sem descanso”. Eles eram os espíritos presos à terra daqueles que morreram prematuramente, durante o nascimento, foram assassinados ou não receberam os rituais funerários corretos. Na Europa cristã, era Diana que liderava a companhia da Caça Selvagem, que consistia de bruxas, demônios da mata, as almas dos não batizados e os espíritos presos à terra.

Quando os romanos adotaram Hécate, ela se tornou um dos aspectos da deusa tríplice Diana Trimorfe, que eram Diana Lucífera (a lua cheia), Luna (a lua crescente) e Hécate (a lua nova ou negra). Em um artigo sobre Hécate publicado na revista *The Cauldron* (novembro de 2003), Shani Oates, a atual Dama do Clã de Tubalcaim, fala: “... ela continua sendo a derradeira Deusa das Trevas, a serpente primitiva da iluminação cósmica, um papel que ela compartilha com Lúcifer, o portador da luz, juntos, os gêmeos do Fósforo [Vênus], os portadores da tocha da verdadeira Gnose”.

Já foi dito que Madeline Montalban simbolizava a força energética usada em magia como Shekinah ou “Noiva de Deus”. No Judaísmo esotérico, Shekinah é a presença feminina de Deus no Universo e os israelitas acreditavam que estava encerrada dentro da Arca da Aliança. Como os judeus eram monoteístas, essa crença em Shekinah representa a sobrevivência do culto de seus ancestrais à antiga deusa. Portanto, não é de pouca importância que o templo de Salomão tenha sido dedicado a Shekinah. Afinal, quando o rei Josias destruiu os bosques sagrados, foi dito que “Ele maculou os lugares elevados que Salomão construiu para Astarote” (2 Reis 23:4-7).

A tradição cabalística ensina que a posição sexual “normal” para o homem e a mulher é face a face pois assim disse Shekinah a Adão. Esse aspecto erótico é enfatizado na história em que Moisés separa-se de sua esposa porque tivera intimidade com a Noiva de Deus. Na cerimônia da noite de sexta-feira do sabá, a “Noiva ou Rainha de Sabá” é reverenciada no que parece ser uma forma do matrimônio sagrado. Sexta-feira é um dia associado à deusa do amor, Vênus, e sua correspondente nórdica, Friga. No livro *Os Pilares de Tubalcaim*, mencionamos que Lilith

fora associada a Shekinah, e alguns comentaristas viram nessa forma judaica do matrimônio sagrado alusões ao mito de Inanna e Dumuzi, ou Ishtar e Tamuz.

Vários dos rabinos medievais que seguiam o caminho místico relataram visões de Shekinah como uma figura feminina que, como a Virgem Maria no Cristianismo, intercedia junto a Yahweh em nome da humanidade. Visões semelhantes foram relatadas por devotos muçulmanos e, no século XIII, o místico sufista Ibn Arabi disse ter visto uma imagem de Sophia (a Dama Sabedoria) enquanto caminhava ao redor da famosa pedra Caaba, em Meca. Um antigo texto cabalístico conhecido como *O Bakir*, datado do mesmo período, identifica, de forma clara, Shekinah com Sophia. Em orações judaicas datadas do século II d.C., Sophia é descrita como a filha de Deus que o auxiliou na criação do Universo. A Sabedoria de Salomão, escrita no século I d.C. por um judeu da Alexandria, diz que Sophia “é o sopro do poder de Deus, emanção pura da glória do Todo-Poderoso... um reflexo da Luz Eterna, espelho imaculado do poder ativo de Deus, a imagem de sua bondade”. No texto gnóstico da Pistis Sophia, ela é chamada de deusa da sabedoria e, de forma significativa, reside no planeta Vênus.

Sophia era uma figura importante para os gnósticos e tinha um filho chamado Ialdoboath, que gerou os sete arcontes, governantes ou regentes dos planetas. Ele é descrito como “uma serpente com cabeça de leão e olhos reluzentes” e foi criado do fogo e das trevas (veja a capa do livro *Os Pilares de Tubalcain*). Em algumas versões do mito, há 12 arcontes e cada um possui a regência das constelações e dos signos zodiacais. O escritor holandês Gilles Quispel, que era partidário de Jung, tentou ressuscitar uma versão judaico-gnóstica do mito da criação de Sophia. Nele, Deus cria do caos os sete arcontes por meio do intermediário de Hokmah (Chokmah) ou Sabedoria. Então, esses seres angelicais, por sua vez, criam o mundo e os primeiros humanos (citação em Gouliano 1992:83). Alguns gnósticos acreditavam até que os arcontes que regiam os signos do zodíaco também controlavam os seres humanos ao negar-lhes o livre-arbítrio por meio da astrologia.

O dr. Stephen A. Hoeller descreve o mito de Sophia como “um dos mais importantes dentre os grandes mitos em que os gnósticos converteram suas experiências filosóficas” (em McDermott 2001:9). Ele aponta que os escritos gnósticos, tais como *O Evangelho de Felipe*, afirmam que a queda de Adão e Eva envolvia a separação do masculino e do feminino. Ele afirma que, como Jesus ensinou, “a tarefa da salvação é reunificar a alma ao espírito e o masculino ao feminino [o matrimônio

sagrado]. Queda e salvação, pecado e redenção, tudo vincula-se à perda e retomada do princípio feminino” (Ibid:17).

Essa visão é também encontrada no mito gnóstico/luciferiano em que Sophia, representando a sabedoria divina, cai de seu lugar exaltado no Céu ao caos do mundo material e é atacada por forças hostis. O motivo de cair de seu estado de graça é seu desejo de agir independentemente dos poderes divinos e tornar-se uma mestra e intermediária da humanidade (soa familiar). Na crença gnóstica, apenas o Cristo, como a Palavra de Deus encarnada, foi capaz de restaurar Sophia ao seu status celestial anterior. A redenção, portanto, é vista como um ato mútuo na medida em que o redentor torna-se o redimido.

No livro *Os Pilares de Tubalcaim*, este autor dedica um capítulo à importante figura de Santa Maria Madalena e seu relacionamento singular com Jesus, tanto na tradição luciferiana como no Cristianismo esotérico. Esse papel único justifica sua inclusão neste capítulo como uma das consortes de Lumiel. Ela não era apenas a esposa de Jesus, mas também uma sacerdotisa real para seu sagrado rei e uma discípula a quem ele ofereceu seus ensinamentos mais profundos relacionados à obtenção da “luz interior” ou do reino de Deus dentro de nós. Essa ideia vem sendo adotada por outros e, recentemente, a autora e pesquisadora Lynn Pickett afirmou ser Maria uma sacerdotisa negra etíope que se casou com Jesus e gerou seus filhos. Ela sugere que Maria não era apenas sua parceira sexual, mas também sua sucessora espiritual verdadeira, cuja imagem é denegrida pela Igreja para esconder esse fato (Mary Magdalene: *Christianity's Hidden Goddess* 2003).

Pickett diz em seu livro que as várias estátuas das assim chamadas Madonas Negras encontradas nas igrejas de toda a Europa retratariam Maria com um de seus filhos com Jesus. Essa ideia foi sugerida por este autor em seus artigos publicados na revista *The Cauldron* sob a denominação de Frater Ashtan, na década de 1990. Em *Os Pilares de Tubalcaim*, descrevemos como a Maria Negra fugiu da Terra Santa depois da morte de seu marido, acompanhada por sua criada egípcia Maria Jacó, que poderia ser sua filha secreta. Em alguns contos folclóricos, “Maria dos Ciganos”, como era chamada, é descrita como uma sereia com cauda de peixe. Afirmou-se até que ela era o protótipo da personagem feminina da donzela Marian na lenda do fora-da-lei medieval e suposto representante do deus das bruxas, Robin Hood. Embora o imperador Constantino – convertido tardiamente à nova religião, no leito de morte – tivesse banido seu culto, Maria Jacó continuou como uma figura importante para adoradores inconformistas. Ela era, às vezes, identificada com

Afrodite e Vênus, por isso seu símbolo pessoal é uma concha de vieira em forma de yoni (Gardner 2000:47-48).

Vênus também pode ser incluída nessa lista de consortes luciferianas por causa de seus símbolos: a Estrela Vespertina e a rosa. Se fôssemos forçados a escolher apenas um símbolo da tradição luciferiana, então uma rosa Tudor sobreposta ao centro de um pentagrama seria uma forte candidata. A rosa de cinco pétalas representa tanto a ressurreição quanto o renascimento e identifica-se perfeitamente com o mito do rei sagrado. É, também, um sinal de sigilo, daí o termo “sub-rosa”, ou “sob a rosa”, indicar assuntos que devem ser mantidos confidenciais. Isso refere-se a um ornamento que se encontrava nas tavernas romanas e qualquer coisa dita sob ele nunca seria repetida do lado de fora. A rosa é uma versão ocidental da flor de lótus egípcia ou oriental e tem o mesmo significado como símbolo do yoni [útero] da Grande Deusa ou do princípio divino feminino. Combinada com a cruz de braços iguais dos elementos, representa o matrimônio ou união sagrada dos opostos, que é tão importante na filosofia alquímica e magística.

Escrevendo sobre a grande popularidade das imagens de Vênus no início da arte moderna, Joscelyn Godwin afirmou: “Fica evidente que ela preencheu uma carência que se sente da Deusa, que fora banida dos panteões judaicos, cristãos e muçumanos, mas que nunca deixou de existir para seus devotos” (2000:10). Godwin associa a veneração cultural de Vênus ao culto da Virgem Maria e à tradição trovadoresca do amor cortês, no sul da França. Durante a Renascença, Lourenço de Médici aclamou Vênus como a encarnação da beleza divina e Giovanni Nesi, amigo de Marsílio Fieino e famoso poeta, afirmou que as esferas do Céu estavam sob a regência dos anjos e dos espíritos planetários. Ele acreditava que eles eram “expressões da vontade do Deus único e que Vênus era o poder por meio do qual todas as coisas são trazidas à existência e preservadas” (Hutton 2003:288).

O professor Hutton (Ibid: 306) diz que no seio do Cristianismo medieval existia uma crença de que o Sol, a Lua e os planetas eram divindades identificadas com as divindades clássicas pagãs, mas comumente descritas como forças angelicais. Aceitava-se, de forma geral, e especialmente os magos cerimoniais, que rituais podiam ser realizados para atrair o poder celestial dessas divindades ao mundo físico para ser usado em benefício do mago. Eles também acreditavam em uma figura feminina mediadora que ficava entre Deus e a humanidade. No Cristianismo ortodoxo, a Virgem Maria assumiu esse papel, entretanto, em círculos mais heréticos e quase pagãos, essa figura era Natura, Vênus e Sophia.

Na Antiguidade, Vênus, como a estrela matutina e vespertina, era um dos planetas mais importantes na mitologia e era, em regra, conhecida com a irmã da Terra. Isso se deve provavelmente ao fato de, na maioria das vezes, ela ser o objeto celestial mais brilhante, depois da Lua, no céu noturno, e a primeira “estrela” a ser vista no crepúsculo e na aurora. A tradição esotérica afirma que almas avançadas de Vênus encarnaram na Terra em tempos remotos para ensinar a humanidade primitiva. Supõe-se que esses Mestres venusianos trouxeram consigo as abelhas, o trigo e o amianto, que não eram nativos deste planeta. Essa ideia foi descartada como fantasia digna de riso depois que a recente exploração espacial do século XX revelou que Vênus era um planeta quente, tóxico, árido, incapaz de sustentar a vida.

No entanto, recentemente, dois cientistas britânicos utilizaram técnicas de radar para sondar a superfície de Vênus e obtiveram alguns resultados surpreendentes. Eles afirmam ter encontrado evidências na superfície do planeta de que, um dia, ele fora um mundo verdejante e agradável. Talvez até com florestas primitivas, rios volumosos, mais largos que o Amazonas, e oceanos repletos de vida. Os cientistas especulam que, cerca de 500 mil anos atrás, Vênus experimentou um evento desconhecido que desencadeou o aquecimento global e uma mudança climática que destruiu seu biosistema (*The Sunday Times*, 22 de dezembro de 2002). Se isso for verdade, então serve como um alerta sinistro do que poderia acontecer ao nosso próprio planeta verdejante no futuro caso a humanidade não corrija seus hábitos poluentes.

Capítulo Seis

Avatares de Luz

Aquele que conhece a si mesmo, conhece a Deus.

Bispo Clemente de Alexandria

O Livro de Lumiel conta que o arcanjo caído está destinado a renascer inúmeras vezes na forma humana, a fim de atuar como salvador e tomar sobre si mesmo a dor, a aflição e o sofrimento da humanidade. “Enquanto a humanidade não soubesse quem e o que eu sou, ela deveria aprender e compreender, mas meus próprios sofrimentos, que devem ser físicos, como os sofrimentos da humanidade devem ser... esses mesmos sofrimentos e sacrifícios devem redimir a humanidade. Eu fui o bode expiatório, que seria conduzido ao deserto para sofrer a vergonha e a ignorância vida após vida, até que o erro que perpetrei se tenha reparado por si só, quando a humanidade tornar-se sábia e completamente boa por meio da experiência.”

Essa declaração de Lumiel sintetiza um dos ensinamentos mais importantes da tradição luciferiana, propagada por Madeline Montalban. E é, também, a mais controversa e teologicamente explosiva de todas, por causa das suas implicações para as religiões mundiais e estimadas crenças de milhões de pessoas. Madeline acreditava e ensinava que, no passado, Lumiel encarnara inúmeras vezes, em forma humana, neste planeta. Dentre suas encarnações podem-se apontar os vários deuses pagãos salvadores, quando assumia o papel de rei divino e deus sacrificado. Eles incluíam Tamuz, Osiris, Adônis, Quetzalcoatl, o Anjo Pavão e, o mais controverso e polêmico, o Cristo.

A monarquia sagrada e a crença de que o regente é um Deus encarnado são duas das crenças mais antigas da humanidade e sobreviveram até o início da história moderna no suposto “direito divino dos reis”. É provável que o último monarca a partilhar dessa visão tenha sido Carlos I,



Tubalo-Lúcifer por Andrew D. Chumbley. Direitos Autorais ADC 2003

perdendo a cabeça por conta disso. Os mitos babilônicos contam que os primeiros reis “desceram do Céu” antes do Dilúvio. Em *Os Pilares de Tubalcaim* e anteriormente neste livro, tratamos do significado esotérico do rei sacerdote no mito e na história. Em um aspecto material, vários escritores tentaram traçar uma dinastia de reis sacerdotes, às vezes chamada de a Ordem de Draco ou Ordem do Dragão, a Família do Graal, ou simplesmente a “linhagem sagrada” dos tempos remotos no mundo moderno. Supõe-se que essa linhagem seja a guardiã de um conhecimento oculto e uma sabedoria antiga desde a época da Mesopotâmia. Afirmam-se que essa linhagem pode ser delineada desde personagens bíblicos como Caim, o rei Davi e seu filho Salomão, os faraós egípcios, os merovíngios, a dinastia arthuriana, os Stuart e daí às famílias reais e à nobreza da Europa atual. Essa ideia também já alimentou inúmeras teorias conspiratórias e gerou especulações extravagantes, que beiravam a fantasia.

Na Babilônia, um festival era realizado na primavera, por volta da data do equinócio vernal (21 de março), para marcar o início do novo ano do reinado do monarca. Um bode expiatório humano, representando o ano velho, era sacrificado e um falso rei era coroado para reinar por um dia. Esse era um ritual religioso criado para reproduzir a batalha cósmica entre os poderes das trevas e da destruição e as forças da luz e da criação. O rei verdadeiro era restituído a seu trono no fim do dia e coroado novamente para indicar que tudo estava bem no mundo.

Reminiscências desses antigos rituais emergiram na Idade Média com festivais de primavera nos quais o Cristianismo era escarneado e um “Rei dos Tolos” ou “Senhor da Desordem” era eleito para governar temporariamente sobre um estado de caos e anarquia. Às vezes, esse ritual folclórico era encenado durante os Doze Dias do Yule e representava a morte do Ano Velho e o início do Ano-Novo.

Já mencionamos, no capítulo anterior, Tamuz e seu relacionamento com a deusa Ishtar, como um avatar de Lumiel. O historiador maçônico Kenneth Mackenzie compara Tamuz ao deus salvador Adônis e também afirma que seu mito é semelhante ao de Osíris, do mito egípcio, e Hiram Abiff, da lenda maçônica. São Melito afirma que Tamuz-Adônis era um belo jovem amado por Ishtar-Afrodite-Vênus. Ele foi morto por um javali enquanto caçava no Monte Líbano e condenado a passar metade do ano no submundo e a outra metade, na Terra. Os rituais anuais de luto por Tamuz envolviam uma semana de jejum e lamentações até que o deus ressuscitasse dos mortos. Seu renascimento era celebrado com uma orgia sagrada em sua homenagem (Mackenzie 1887:714-715).

Outro historiador maçônico, Robert Macoy, também identificou Tamuz-Adônís com Osiris. No livro *Mistérios de Adônís*, ele fala que os adoradores cobriam suas casas de preto e flagelavam-se em lamentação por sua morte. Quando os sacerdotes declaravam sua ressurreição, eles cantavam e dançavam de alegria pelas ruas. O escritor cristão Firmico comparou esses Mistérios à sua própria religião. Ele notou que uma imagem do jovem deus era colocada sobre uma cama e seus devotos choravam sobre ela. Em seguida, uma luz era levada ao templo e o sacerdote dizia: “Confiai, discípulos. Pois, tendo o deus sido salvo de seus sofrimentos, a salvação será vossa”. (1895:76-77).

O mito de Osiris foi bastante discutido por este autor no livro *Os Pilares de Tubalcaim*. Trata-se de uma história arquetípica da derrota do deus solar nas mãos do deus das trevas (representado por seu irmão gêmeo e alter ego Set), sua morte e seu desmembramento ritualísticos, sua descida ao submundo e sua ressurreição. Nos Mistérios de Osiris, o deus era o símbolo de um exemplo cultural que libertara os egípcios primitivos de sua existência animalésca. Ele lhes ensinou a agricultura e a fabricação de vinho, estabeleceu leis e os instruiu na construção de cidades e templos para honrar os deuses.

Nesses Mistérios, o candidato à iniciação era primeiro batizado e, em seguida, tomava parte em um drama ritualístico, no qual encenava ambos os papéis de Osiris e Set. Isso incluía uma provação que utilizava os quatro elementos: fogo, terra, ar e água. De acordo com Plutarco, o iniciado vestia uma túnica especial descrita como “semelhante à luz” ou “semelhante ao raio” porque reluzia e refletia luz. Ele também portava uma tocha acesa, um símbolo universal da gnose e da iluminação espiritual. Outros símbolos usados também têm um significado luciferiano e incluíam uma serpente enrolada em círculo, mordendo a própria cauda, e uma cruz Tau. Trigo e abelhas – supostamente trazidos de Vênus à Terra – também eram usados nos ritos, pois eram sagrados para os egípcios. No fim da cerimônia, o iniciado era vestido com um manto decorado com os signos do zodíaco e os céus estrelados, onde os espíritos e os deuses fazem sua morada (Macoy 1895:124-129).

Madeline Montalban acreditava que Lumiel encarnara, no México, como o sábio regente Quetzalcoatl, a Serpente Arco-Íris Emplumada. Seu nome deriva de *Quetzal* – um pássaro da selva de coloração esplêndida – e *coatl* – uma serpente ou gêmeo. Na cultura maia, ele era conhecido como Kukulcan ou Kukuulkaan, um nome derivado de *Ku* ou sagrado, *kuul*, a base da coluna, e *kan*, que significa serpente. Em seu livro *The Mayan Shamans* (Vega, 2002), Aloa Patricia Mercier diz

que esses nomes se referem ao “relâmpago do corpo” ou força kundalini (serpente) que reside na base da espinha dorsal. À medida que essa energia sobe pela coluna em certas técnicas iogues e mágicas, ela é capaz de produzir visões e até a iluminação espiritual.

Os nativos acreditavam que Quetzalcoatl era um homem alto, de pele clara, com longos cabelos loiros, barba e olhos azuis e, nesse aspecto, era muito diferente do povo que governava. Ele era reverenciado tanto como um sábio mestre espiritual quanto como um rei justo, e também como exemplo cultural que ensinou os segredos do calendário, das artes e ciências e, o mais importante, como cultivar o milho. Quetzalcoatl, como tantas outras figuras salvadoras, teve um nascimento virginal e veio ao mundo com o poder da fala, além de todo o conhecimento e sabedoria. Infelizmente, como Osiris, ele teve problemas com um irmão sombrio, Tezcatlipoca, que fez com que ficasse tão embriagado que se esqueceu de suas responsabilidades. O rei ficou tão envergonhado de seu comportamento e fraqueza ao ser enganado que desapareceu no submundo.

Antes de desaparecer, Quetzalcoatl foi desafiado por um grupo de magos. Eles não o deixaram partir enquanto não lhes desse os segredos de como trabalhar com prata, madeira, plumas e a arte de pintar. Quanto finalmente emergiu de seu retiro no submundo, o rei viajou a um lugar no limiar, “onde o céu, a terra e a água” se encontravam, e navegou em direção ao pôr do sol em uma balsa feita de serpentes. Seu coração, ao que parece, surgiu no céu três dias depois como a reluzente estrela da manhã, Vênus. Como Jesus e o rei Arthur, sempre se acreditou que Quetzalcoatl retornaria um dia. Na realidade, quando o barbudo e bronzeado conquistador espanhol Cortéz desembarcou em Vera Cruz, em 1519, ele conseguiu dominar os nativos com mais facilidade porque, a princípio, eles pensaram que ele fosse seu antigo rei sacerdote que retornara do outro lado do mar.

Os discípulos da Serpente Emplumada usavam cogumelos sagrados com propriedades psicodélicas para obter visões e alcançar a união com o Divino. Esses cogumelos eram chamados, popularmente, de “a carne de Quetzalcoatl” e eram comidos como um sacramento ritualístico. Mercier identificou o deus com a constelação de Draconis (o Dragão) e também com Vênus. Mais uma vez, como já observamos, Draco tem um papel importante na mitologia luciferiana. Em seu simbolismo serpentina, ela vê uma constante mudança entre o humano e o animal, a dualidade da vida e da morte e o potencial para o renascimento (Ibid: 105).

Um provável candidato a figura luciferiana na mitologia grega é o andrógino deus menino Dionísio. Robert Graves o descreve como “uma criança com cornos coroada de serpentes” (1966 I:103). Como Caim, Dionísio vagava pelo mundo e, como Azazel, era acompanhado por sátiros em suas andanças. Ele visitou o Egito e apresentou-lhes o vinho e lutou, junto com as amazonas, contra os titãs ou gigantes. Na Índia, não apenas ensinou a vinicultura a seus habitantes, mas também fundou cidades e era reconhecido como um legislador. Dionísio casou-se com Aracne, a deusa aranha cretense que governava o labirinto. Por fim, o deus menino ascendeu aos Céus e sentou-se à direita de seu pai, Zeus. Os Mistérios Dionisiacos atraíam muitas mulheres devotas e eram centrados em uma cobra sagrada e um ritual de morte e renascimento representando o desmembramento do deus.

Outra figura luciferiana já mencionada é Prometeu (“Previsão”), que assumiu o papel duplo de exemplo cultural e *trickster*. O suposto criador da raça humana, a quem ele servia como protetor e guardião, pertencia à raça dos titãs e era irmão de Atlas, que deu seu nome à Atlântida. Antes de Prometeu roubar fogo do Céu em benefício dos humanos, eles eram forçados a viver como formigas debaixo da terra. Ele roubou o fogo divino “para permitir que os homens procedessem com consciência no caminho da evolução espiritual, transformando, assim, o mais perfeito dos animais [humanos] da Terra em um deus potencial...” (Blavatsky 1921 II:255). Ele também ensinou aos primeiros humanos como usar o calendário, a astronomia, números, agricultura, escrita, adestramento de cavalos, metalurgia, medicina, adivinhação, navegação e arte. Em mais de uma ocasião, ele intercedeu em favor da raça humana quando o vingativo Zeus ameaçou destruí-la.

Prometeu roubou o fogo sagrado da forja do deus ferreiro Hefesto (Vulcano) e, por causa disso, foi punido por Zeus. Ele foi acorrentado a um pilar enquanto um abutre bicava seu fígado. Quando o pássaro partia, durante a noite, o fígado crescia novamente, de modo que o abutre recomeçava sua aterradora tarefa, uma vez mais, na aurora. É interessante especular que o fogo divino que Prometeu rouba da forja do deus ferreiro representa a chama da gnose ou do conhecimento. Graves (1960 I:149) chega até a sugerir que Prometeu e Hefesto sejam a mesma figura. Na mitologia romana, seu equivalente, Vulcano, era um dos amantes de Vênus-Afrodite.

Na antiga região soviética da Geórgia, ainda se contam histórias sobre as aventuras de Prometeu e de como criou o primeiro homem do barro e soprou a vida dentro dele. Os georgianos e alguns escritores

como Tony Anderson (2003) dizem que o local onde Prometeu foi acorrentado depois de ter roubado o fogo é o Monte Kazbek, na cordilheira do Cáucaso. Na Antiguidade, os habitantes da região adoravam o ladrão do fogo e seu salvador, Hércules, em vez de Zeus, que o aprisionara. No mito georgiano, há também a história de um herói guerreiro chamado Amirani, que era filho ou marido da deusa da caça, Dali. Amirani herdou alguns dos poderes sobrenaturais da mãe e teve muitas aventuras enfrentando dragões e uma raça de gigantes chamada Deri. Ele se tornou tão poderoso que chegou até a desafiar o Deus Supremo e, como Prometeu, foi aprisionado no Monte Kazbek. Ambas as lendas destacam correntes de bronze e ferro especialmente forjadas por ferreiros.

Joseph Campbell comparou a figura de Prometeu à do mago ou magista todo-poderoso que sabe (ou pelo menos acredita) que é muito mais velho, sábio, poderoso e, de modo geral, maior que os Deuses. Campbell afirma que isso se dá pois os deuses inferiores são criações humanas, “enquanto o Poder que criou o Universo é nada mais que a vontade que opera no próprio homem e apenas no homem esse Poder alcançou a consciência do reino, do poder e da glória” (1984:280). Esse é um ponto de vista interessante.

A figura do *trickster* opera em nossas vidas como um agente do caos e, quanto mais perturbadora é sua influência, tanto mais começamos a vê-la como sinistra ou até demoníaca. Na realidade, o *trickster* é a criatura de Lúcifer porque, às vezes, ele engana para destruir a ordem existente, desafiar ideias reacionárias ou estabelecidas ou iluminar, trazer luz, como seu nome sugere (Harpur 1995:171-172). Na Santeria, o *trickster* luciferiano é o deus Exu do panteão iorubá da Nigéria. Ele tem um papel dual como o líder dos orixás “bons” (espíritos ou anjos) e como os ojoguns “maus” ou demônios. Os orixás são os protetores e guias da humanidade, enquanto os ojoguns têm a tarefa divina de nos colocar diante de desafios, obstáculos e tentações. Isso é duplamente verdadeiro se a pessoa em questão está seguindo um caminho oculto ou espiritual. Quando chegamos a uma bifurcação nesse caminho é Exu, o Senhor das Encruzilhadas, que está sempre pronto a nos oferecer uma escolha.

Como a maioria dos *tricksters*, Exu é um metamorfo e pode assumir muitas formas como, por exemplo, de um velho, uma criança ou um animal. Sua imagem arquetípica é a de um homem mais velho com barba pontuda, falo ereto e vestido com um manto negro e cartola. Ele geralmente carrega uma bengala revestida de prata ou, às vezes, com menos sutileza, um tridente. Por causa dessa imagem, os missionários

cristãos confundiam-no com o Diabo. Como Senhor do Destino e Revelador dos Segredos, ele atua, como Lumiel, no papel de intermediário que representa a humanidade perante Deus. Exu é uma força neutra e não é bom nem mal, da forma como entendemos esses termos, mas apenas responde à natureza das orações de seus adoradores e às oferendas sacrificiais que fazem. Como exemplo cultural, ele ensinou os humanos a adestrar cavalos, construir casas, fazer móveis, fiar o algodão, cultivar frutas e usar armas. Como o Senhor do Paradoxo, é tarefa de Exu desafiar nossas ideias preconcebidas sobre a realidade com sua mistura de esperteza e sabedoria. Esse paradoxo é resumido na frase: “Exu atira uma pedra hoje e mata um pássaro amanhã” (Canizares 2000).

Na mitologia nórdica, a figura do *trickster* é o deus fogo Loki que é “irmão gêmeo” e alter ego de Odin, tal qual a relação de Set com Osiris. Loki era um deus ancião que pertencia à raça primitiva dos gigantes do gelo. Ele desempenha um papel crucial no mito do filho de Odin, Baldur, o Luminoso (visto por alguns como uma figura semelhante ao Cristo), equivalente à figura de Judas no mito de Jesus. Ambos são essenciais para que o destino cósmico se desenrole. Loki convence o deus cego, Hodr, a atirar um dardo de visco em seu irmão Baldur e ele morre. A morte de Baldur leva ao Ragnarok ou “fim do mundo”, embora alguns escritores acreditem que essa parte do mito fora influenciada pelos mitos cristãos do Dia do Juízo Final, visto que sua fonte data apenas da época medieval. No Ragnarok, Odin sairá de Asgard (céu) para lutar contra Loki, os gigantes congelados e a deusa da morte, Hel, com seu exército de mortos. Depois que o mundo é destruído, Baldur renascerá para criar um novo mundo e uma nova raça humana.

Em *Os Pilares de Tubalcaim*, dissemos que um aspecto de Lumiel era Melek Taus, ou o Anjo Pavão, cultuado pelos yezidis no atual Iraque. Na mitologia hindu, Mitra ou Mayura, um dos filhos do casal divino Shakti e Shiva, foi descrito no *Rig Veda*, de 5 mil anos de idade, como o Filho de Deus e seu nome significa “pavão”. Pinkham (2002:19) afirma que Mitra era andrógino, a encarnação da polaridade universal, encerrando em si mesmo a luz e as trevas, o bem e o mal. Antigos iogues e alquimistas hindus cultuavam Mitra como a força da vida cósmica e o foco de seus rituais era o despertar do chamado “poder da serpente” na base da coluna. Eles acreditavam que podiam usar essa energia para transformar, de forma alquímica, suas formas físicas em “corpos de luz” e tornar-se imortais como os Deuses. Como patrono dessa forma avançada de ioga, Mitra era visto como o salvador, protetor e redentor da humanidade.

Mitra recebeu o nome em homenagem ao pavão porque as iridescentes plumas azuis e verdes da ave simbolizavam a união do Céu e da Terra, ou espírito e matéria unidos. Pinkham (113-114) vê os "olhos" da cauda do pavão como os olhos do Filho de Deus ou Rei do Mundo (os dois títulos são intercambiáveis), que supervisionam o planeta. Ele também descreve a versão tibetana do Anjo Pavão, chamada Amitbha ou Amitayus, e conhecida popularmente como Buda (O Iluminado) da Luz Infinita. Esse Buda é retratado montado em um pavão ou cercado por plumas de pavão. Pinkham conta que, ao visitar o mosteiro Tashi Lumpo, viu imagens de um jovem com um motivo decorativo de pavão. Como resultado disso, ele teve uma visão do Anjo Pavão emergindo do fogo cósmico como um símbolo das polaridades (Ibid: 78-82). Ele ainda afirma que os monges de Tashi Lumpo praticam uma forma de alquimia tântrica. Essas técnicas ocultas têm a função de liberar a energia kundalini e libertar seus praticantes das limitações do tempo (Ibid:140).

Na iconografia hindu, Mitra é, às vezes, representado como Rudra, o deus do fogo. Ele compartilha com Exu o tridente como sua arma lendária, e suas três pontas simbolizam a criação, a preservação e a destruição. Dizem que Rudra gerou os outros deuses e anjos que regem o Universo. Pinkham (23) compara o flamejante Rudra com o deus ferreiro romano Vulcano e com Caím. Mitra também foi associado ao misterioso Rei do Mundo que governa o reino do subterrâneo de Shambala, como abordamos em *Os Pilares de Tubalcaim*. O explorador alemão Theodore Illian viajou ao Tibete na década de 1930, quando o país ainda era uma sociedade feudal fechada. Naquela época, os nazistas estavam interessados na "terra no topo do mundo" porque acreditavam que fosse a mítica terra natal da raça ariana. Herr Illian afirmou ter encontrado iniciados ocultistas no Tibete que pertenciam a uma fraternidade secreta com templo e sedes subterrâneos. Dizem que ele entrou em um de seus túneis, construídos sob a cidade sagrada de Lhasa, que levava ao reino secreto de um personagem conhecido como o "Senhor da Luz". O alemão diz que encontrou e conversou com essa pessoa, que afirmava ser o Rei do Mundo e que o controlava em segredo. O explorador ficou aterrorizado e fugiu de volta à superfície, convencido de que acabara de ter um encontro com Lúcifer.

Pode ser significativo que a antiga Igreja romana tenha adotado o símbolo do cristograma Chi-Ro cercado por plumas de pavão, para representar Jesus, como parte do vestuário cerimonial do papa. Madeline Montalban sempre afirmou que Lumiel e Jesus eram a mesma pessoa. Essa ideia recebe o apoio de Pinkham (103-104), que, de forma explícita,

afirma a seus leitores que Lúcifer e Jesus são as metades gêmeas do andrógino Filho de Deus, o “primogênito da criação”, e que representam o espírito e a matéria. No Credo Niceno, Jesus é chamado a “Luz das Luzes” que “nasceu do Pai antes de todos os mundos”. Ele também é comumente conhecido como a “Luz do Mundo” e o Apocalipse 22:16 diz o seguinte: “Eu sou a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã”. Isso se refere tanto à sua natureza espiritual (luciferiana) como ao seu papel de nobre descendente da família real de Davi e herdeiro do trono de Israel por sua linhagem física.

Esse papel dual do Jesus histórico e do Cristo mítico sempre foi um problema para os teólogos. É difícil, para eles, conciliar o príncipe de sangue real e líder rebelde da resistência judaica contra os romanos, com seus seguidores armados (veja Mateus 26:51-52), com o Deus Encarnado dócil e ameno. Tão logo a primeira congregação comandada pelo irmão de Jesus, Tiago, foi estabelecida em Jerusalém, surgiram disputas sobre sua verdadeira natureza e herança. No século IV d.C., o Bispo de Alexandria compilou uma lista oficial de textos “autorizados” que seriam incluídos no que se tornou o Novo Testamento. Essa lista recebeu aprovação imediata do Concílio de Hipona, em 393, e do Concílio de Cartago, em 397. Outros concílios reuniram-se e decidiram se Jesus era um homem ou Deus encarnado e, desse modo, ocultaram a verdadeira realidade sobre sua missão na Terra.

Mesmo as circunstâncias reais da concepção de Jesus são dúbias e confusas. Em Lucas 1:26-38, a Virgem Maria é visitada pelo arcanjo Gabriel e ele anuncia que ela dará à luz a Jesus. Afirma-se que ela está prometida a José, um homem velho que é “da casa [real] de Davi”, e Gabriel promete que Deus dará a seu filho “o trono de seu pai Davi”. O Evangelho apócrifo do nascimento de Maria conta que a própria Virgem “escendia da raça e família reais de Davi”, então, presume-se que ela e José eram parentes. Esse texto ainda diz que ela fora educada em Jerusalém, “no templo do Senhor”. Em um incidente que muito se assemelha ao mito de Caim e Abel, o pai de Maria, Joaquim (que incidentalmente é descrito como um homem rico, como convém a alguém de sangue real), visita o templo para oferecer um sacrifício. Infelizmente, o sumo sacerdote recusa a oferenda e manda-o embora. Dizem-lhe que seu sacrifício não é aceitável porque, naquele instante, não tinha um herdeiro masculino (ou seja, para o trono de Israel). Logo depois disso, Maria nasce e, apesar da proibição sacerdotal, ela é aceita, aos 3 anos de idade, na escola do templo.

Dizem que, até os 14 anos de idade (puberdade?), Maria tinha conversas diárias com anjos. Quando fez 14 anos, os sacerdotes consultaram a Arca da Aliança e ouviram da “voz de Deus” que Maria seria desposada por “um dos homens da casa e família de Davi”. Esse veio a ser um velho cavalheiro chamado José, que, a princípio, se recusou a desposar uma garota tão jovem para não ser ridicularizado por seus colegas. Por fim, ele concordou após ser ameaçado pelos sacerdotes com a ira de Yahweh. Uma versão alternativa conta que Maria veio da “raiz de Jessé”. No hebraico, “Jes” significa “fogo” e pertencer à raça de Jessé é ser “como o Sol ou o fogo”. A Virgem Maria era, às vezes, chamada “Salve Radix” ou raiz, como em “Salve raiz, pela qual a Luz brilhou no mundo...”.

Muitos escritores apontaram as semelhanças óbvias entre o mito de Cristo e os mitos dos deuses salvadores pagãos, tais como Adônis, Átis, Tamuz, Osíris e Mitra. O último, por exemplo, nasceu de uma virgem, que era conhecida pelos persas como a “Virgem Mãe Imaculada”, e seu nascimento deu-se em um estábulo ou caverna cercada de animais, no solstício de inverno (21 de dezembro no hemisfério Norte). Supõe-se que o profeta Zaratustra, ou Zoroastro, previu que ele nasceria e que três magos, ou mágicos, seguiriam uma estrela até seu local de nascimento. Mitra era filho do deus pai persa, a encarnação da luz, e lutou contra seu irmão gêmeo Ahriman, o princípio do mal e o deus das trevas.

Há, também, similaridades entre o nascimento de Abraão, patriarca da religião judaica, e Jesus que talvez não sejam total coincidência. O nascimento de Abraão foi previsto por ninguém menos que o rei Nimrod, que era um “sábio astrólogo” e também “grande caçador”. Ele viu nas estrelas que uma alma majestosa estava prestes a nascer e ela iria desafiar seu reino e sua religião. Em um evento que é quase idêntico ao Massacre dos Inocentes promovido pelo rei Herodes, Nimrod ordenou que todos os recém-nascidos do sexo masculino em seu reino deveriam ser mortos.

Dez dias depois de Abraão nascer, o bebê prodígio levantou-se e rejeitou a religião estelar caldeia de sua terra natal. Ao anoitecer, ele vira as estrelas surgindo e pensara, a princípio, que elas fossem deuses poderosos no céu. Quando veio a aurora, elas desapareceram e ele percebeu que elas não eram divinas. Em seguida, o Sol nasceu e Abraão pensou que poderia idolatrá-lo, mas, ao anoitecer, ele desapareceu abaixo do horizonte. O mesmo aconteceu com a Lua. Então, o arcanjo Gabriel apareceu e anunciou que Abraão era o mensageiro do Deus único e verdadeiro, que era maior que o Sol, a Lua e as estrelas porque ele os

criara e guiava-os pelo céu. Abraão ajoelhou-se de imediato e rendeu sua devoção a esse Deus todo-poderoso. Esse conto simplista explica a passagem das primeiras tribos da devoção aos deuses caldeus à devoção ao deus monoteísta do Antigo Testamento.

O nascimento de Jesus foi quase literalmente anunciado por forças angelicais, uma vez que o misterioso "Anjo do Senhor" apareceu aos pastores que cuidavam de seus rebanhos e anunciou o evento (Lucas 2:8-9). Logo após o nascimento, "três magos" vieram do Oriente à procura do novo rei dos judeus (Mateus 2:1-2). Eles são, por vezes, descritos como três astrólogos ou três reis, mas essas celebridades eram, de fato, Magi persas, embora também se tenha afirmado que eram sacerdotes yezidis que viajaram para idolatrar o Anjo Pavão. Os Magi eram magos sacerdotes renomados por seus talentos proféticos, poderes sobrenaturais, conhecimento da sabedoria oculta, perícia em astrologia e habilidade de controlar as forças da Natureza. No século VII a.C., o profeta Zaratustra reformou a Ordem dos Magi, dividindo-a em três graus de iniciação: Aprendizes, Mestres e Mestres Perfeitos. Existem semelhanças óbvias com os três Graus da Maçonaria Especulativa: Aprendiz, Companheiro e Mestre. Na realidade, no século XVII, tanto as Lojas Maçônicas como as Rosacrucianas tinham Graus relacionados aos Magi (Macy 1895:232).

O explorador Marco Polo visitou a cidade de Saba, na Pérsia, durante suas famosas viagens e, dizem, foi lá que os três Magi nasceram e foram enterrados. Ali, Polo conheceu uma lenda de que o bebê Jesus deu aos Magi uma pedra mágica que eles deveriam reverenciar, pois era sagrada. No caminho de volta para casa, eles descuidadamente jogaram-na à beira da estrada e ela explodiu em chamas. Os Magi conseguiram recuperar a pedra ardente e retornaram para casa com ela. Ela foi colocada no templo zoroastrino, em Saba, como uma chama eterna (Pinkham 2002:14).

A propaganda cristã teve bons motivos para retratar Jesus como um carpinteiro pobre e humilde, ainda que os evangelhos de Mateus e Lucas deixem claro que ele era um príncipe de sangue real, descendente do rei Davi. A Igreja também ignora o fato de que muitos de seus discípulos e seguidores eram pessoas ricas e que ele era mais do que um simples carpinteiro de empreita. O reverendo Gordon Strachan, um clérigo escocês, observou que a palavra grega *tekton*, usada em Marcos e Mateus para descrever o ofício de Jesus e de seu pai, José, significa mestre artesão. O reverendo Strachan diz que se trata de uma palavra que era aplicada aos pedreiros, marceneiros e até ferreiros. Ele cita Justino, escritor cristão primitivo do século II d.C., que diz que Jesus

era metalúrgico e fazia arados, cangas ou jugos e outros implementos agrícolas (1998:141). Os antigos gregos também usavam a palavra *tekton* para se referir a Deus como o construtor da cidade sagrada, e o reverendo Strachan associa Jesus, como um mestre artesão, à geometria espiritual e arquitetura sagrada. Ele acredita que Jesus, como Hiram Abiff, que ajudou na construção do templo de Salomão, era pedreiro e também carpinteiro.

Nos eventos que levaram à execução de Jesus, uma figura importante, e negligenciada, é Judas. De fato, nesse mito cristão da morte e ressurreição do deus sacrificado, ele desempenha um papel crucial como instrumento do destino e da sorte. Sugere-se que Judas atuava como o tesoureiro de Jesus e seu grupo de discípulos e que, nessa posição, tinha contatos diretos no templo (*The Son of God*, Angela Tilbay. BBC Publications, 2001:141). É evidente que Jesus sabia que seria traído por um de seus discípulos e que este seria Judas (Mateus 26:20-25). Considerando esse pré-conhecimento, é estranho que, quando Judas chega ao jardim do Getsêmani, Jesus saúde o traidor como a um amigo. Jesus sabia que seria crucificado e, portanto, sem a intervenção de Judas, o mito não estaria completo. Em João 13:27, Jesus diz a Judas: "O que tu farás, faze-o depressa". É provável que o fato de Judas logo se tornar uma figura malévola, supostamente possuído por Satanás, tenha mais a ver com o antissemitismo da Igreja do que qualquer outra coisa.

No texto gnóstico herético *O Livro Secreto de Judas*, ou *O Evangelho de Judas*, ele é visto não apenas como um discípulo dedicado, mas também como alguém que pertencia ao "círculo interno" que estava a par dos ensinamentos esotéricos de Jesus relacionados à "luz interna", ou ao reino de Deus dentro de cada um. Isso se reflete no fato de que as seitas ofidianas dentro do movimento gnóstico reverenciavam Judas como um santo. Uma seita chamada os judaritas reverenciava-o como o agente escolhido para a salvação da humanidade e consideravam sua traição a Jesus como um ato essencial no plano cósmico. O Evangelho também afirma que Jesus criou a situação para que Judas o entregasse aos sacerdotes do templo, visto que isso tudo fazia parte do plano preparado com cuidado, o qual levaria ao seu martírio.

Sempre houve lendas que insistem que Jesus sobreviveu à morte física na cruz e fugiu para a França com sua esposa Maria Madalena, ou mesmo para a Índia, onde turistas modernos podem ver sua suposta tumba. Knight (1983:122) refere-se à crucificação como representação de um padrão de origem estelar. Esse padrão diz respeito à transformação da consciência humana e era associado às forças internas de Vênus.

Ele afirma que, no século XVII, esses Mistérios eram simbolizados por uma rosa de cujas pétalas irradiavam fochos de luz branca. Knight diz que isso “indica o Mistério espiritual criativo das energias cósmicas internas que encontram seu verdadeiro destino ao serem empaladas sobre a cruz de braços iguais do espaço e do mundo da matéria”.

Após sua morte, Jesus desceu ao Inferno para libertar as almas dos pecadores e, então, no terceiro dia, ele “se ergueu dos mortos”. Mais uma vez, as semelhanças com os deuses salvadores pagãos que sofrem morte ritualística, descem ao submundo e renascem são impressionantes. Mateus 28:2 descreve como o “Anjo do Senhor” (outra vez) desceu do Céu e removeu a pedra que bloqueava a entrada da tumba. Mateus descreve o semblante do anjo como “semelhante ao relâmpago, e suas vestes brancas como a neve”, e essa descrição nos é familiar dos relatos dos Vigilantes. Várias fontes oferecem visões contraditórias sobre quem era esse anjo, mas os favoritos são Gabriel e Miguel.

Fica evidente nos evangelhos apócrifos e gnósticos proibidos que Jesus tinha ensinamentos secretos que só transmitiu a seus discípulos mais próximos, tais como Judas e Madalena, e isso se aplica a todos os Mestres espirituais. Ao povo e aos marginalizados, ele falava em parábolas simples que ocultavam verdades espirituais que ele esperava que entendessem em seu próprio nível de compreensão. No *Evangelho Segundo Marcos* gnóstico, Jesus disse a seus discípulos: “A vós é confiado o mistério do Reino de Deus. Mas, aos de fora, tudo se lhes diz por parábolas; para que vendo, vejam, e não percebam; e ouvindo, ouçam, e não entendam”. Em outro texto gnóstico, *O Apocalipse de Pedro*, Jesus alerta seus discípulos: “Agora, ouvi as coisas que vos estão contando em mistério e guardai-as. Não as conteis aos filhos da terra [os nascidos do barro], pois eles vos blasfemarão nesta geração, pois são ignorantes de vós... E eles apegar-se-ão ao nome de um homem morto, pensando que tornar-se-ão puros”. De modo estranho, Jesus está prevendo o tempo em que estaria morto e seus ensinamentos seriam mal-entendidos e mal interpretados por aqueles que criariam uma falsa religião em seu nome.

Jesus dizia com muita frequência que “o reino de Deus está dentro de vós”. Joseph Campbell diz que Deus desperta a alma e isso é representado, nos contos de fadas, pela princesa aprisionada ou adormecida que é acordada pelo beijo do príncipe. Na lenda, “a vida é seu sono e a morte, o seu despertar, assim como o nascimento, a vida e a morte de qualquer indivíduo representam a ‘queda’ ou a descida ao materialismo ou à inconsciência e, em seguida, o retorno a um estado espiritual mais exaltado” (1975:224).

Se os ensinamentos de Jesus foram distorcidos, até quase ficarem irreconhecíveis, pela organização sedenta de poder que usou seu nome, o mesmo ocorreu com sua imagem física. Ele tinha só pouco mais de 30 anos quando morreu e, em pinturas encontradas nas catacumbas cristãs datadas dos séculos III e IV d.C., ele é retratado como um jovem sem barba e de cabelos curtos. Em um sarcófago de pedra encontrado em Roma, ele é mostrado entre Pedro e Paulo. Os discípulos são homens mais velhos com barbas cerradas, mas Jesus é um jovem, barbeado e com o cabelo cortado ao estilo romano. Uma imagem semelhante, extraída de um piso de mosaico romano encontrado em Dorset e datado do século IV, pode ser vista no Museu Britânico. Gradualmente, essa imagem da representação jovial de Jesus mudou e, já no século XII, os ícones retratavam-no como um homem mais velho, com barba e cabelos longos.

Mesmo depois da época dos gnósticos, tradições heréticas que sobreviveram na clandestinidade dentro da Igreja medieval tentaram preservar uma imagem alternativa de Jesus. Trifão, o Judeu, descreveu-o como um “mago” e o filósofo platônico Celso afirmava que Jesus trabalhara no Egito quando jovem e recebera os ensinamentos das artes mágicas. De forma bizarra, considerando seu ódio por todas as coisas pagãs, os pais da Igreja primitiva também fizeram a conexão óbvia entre Jesus e os deuses salvadores pagãos. O escritor cristão Tertuliano chegou até a ressaltar a ligação entre ele e Mitra. No entanto, para explicar a situação, ele afirmou que Satanás copiara a história da vida de Jesus e antecipara o Cristianismo, imitando-o no Mitraísmo e em outras religiões pagãs que tinham deuses salvadores nascidos de mães virgens.

No século XX, o historiador de arte Kenneth Clark afirmou que o artista renascentista Piero della Francesca deliberadamente representou a Virgem Maria como uma Grande Deusa Mãe e o Cristo ressuscitado como o deus assassinado que renasce (citação em Goldwin 2002:135). Em tempos mais recentes, o estudioso do Novo Testamento, John O’Neil, da Faculdade de Trinity, em Dublin, acreditava que o conceito da Trindade era pré-cristão (*The Times*, página de obituário, 8 de abril de 2003). Ele afirmou que, no Antigo Egito, o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram representados pela família divina de Osíris, Hórus e Ísis. Imagens de Ísis amamentando seu filho com certeza influenciaram estátuas medievais da Virgem Maria com Jesus, visto que são praticamente idênticas.

Baigent, Leigh e Lincoln (1982) popularizaram a ideia de que Jesus sobreviveu à morte e deu início a uma linhagem física que sobrevive até hoje. Esse conceito foi adotado por vários outros escritores. Este

autor tem reservas quanto à realidade física de tal linhagem sagrada no mundo moderno, mas a reconhece como uma poderosa metáfora para a sobrevivência de uma corrente clandestina de ideias heréticas e de conhecimento oculto transmitidos ao longo dos séculos. Anderson (1953:193-194), por exemplo, cita certo professor Leonardo Olschiki que afirmava que uma tradição do Graal foi transmitida na Idade Média por um grupo secreto de hereges que praticavam rituais gnósticos ou neomaniqueístas. Esses hereges viam o Cristo literalmente como a Luz do Mundo e tinham a figura de uma quase deusa chamada Sapiencia ou Maria, que era chamada de Lumn de Lumene ou “Luz das Luzes”. Seu símbolo era uma flor-de-lis e essa “flor da luz” era, em regra, representada por um lírio branco. Essa flor é frequentemente relacionada à Virgem Maria, à família real francesa e a Lilith.

Se considerarmos as evidências, é fácil ver Jesus como um avatar luciferiano. No Evangelho Gnóstico de Jesus Cristo, o Cristo Resuscitado aparece a seus discípulos como um “anjo de luz”. Em outro texto apócrifo, Maria Madalena afirma que Jesus “trouxe as chaves dos Mistérios do reino da luz”. Algumas seitas gnósticas viam-no como um princípio cósmico que representava a “luz de Deus” e chamavam-no pelo título sufista, “Homem de Luz”. Cristo prometeu a seus seguidores que eles encontrariam o Reino de Deus dentro deles mesmos e, como *O Evangelho Verde* diz: “Mesmo entre os nascidos do barro, aqueles que labutarem nas Provações do Eu logo poderão acender a chama do conhecimento dentro de si. Portanto, servi com tua própria carne, pois dentro dela está o domínio do Barro e o lugar de repouso da Antiga Sabedoria não reivindicada”.

Os Filhos de Caim

Crede na luz, para que sejais filhos da luz. João 12:36

Ao longo dos séculos, muitas seitas heréticas, grupos ocultistas e sociedades secretas afirmaram preservar crenças luciferianas. Outros, com ou sem justiça, foram acusados por seus críticos de serem luciferianos em sua natureza ou origem. Alguns exemplos clássicos são os gnósticos, os Cavaleiros Templários, os Illuminati, os maçons e várias organizações satânicas modernas. Um dos primeiros movimentos esotéricos a ser acusado de luciferianismo por seus inimigos foi o gnosticismo. Ele se desenvolveu nos séculos I e II d.C. e combinava paganismo clássico e do Antigo Egito com um Cristianismo-judaico herético.

Embora houvesse muitas linhas diferentes de pensamento gnóstico, a maioria acreditava em uma Divindade transcendental divorciada do Universo que criara. Sua crença era de que o mundo fora criado por um demiurgo (artesão), subordinado ao Criador cósmico, e que poderia ou não ter sido um ser malévolo. Muitos gnósticos rejeitavam a ideia do mundo material como uma ilusão e acreditavam que as almas da humanidade estavam presas nos corpos materiais. Elas poderiam escapar dessa prisão da carne apenas se compreendessem a gnose ou o conhecimento direto da Divindade. Assim que esse estado fosse alcançado, o espírito humano estaria livre das amarras da vida, da morte e do renascimento. Nesse aspecto, algumas formas de gnosticismo apresentavam semelhanças com o Budismo e, na realidade, podem ter sido influenciadas por suas doutrinas.

O dualismo era um aspecto importante dos ensinamentos gnósticos e, em sua forma mais extrema, representava o Universo como um campo de batalha cósmico entre os poderes do bem e do mal. Nesse aspecto, as crenças gnósticas foram influenciadas pelo dualismo persa

e pela heresia maniqueísta. Os humanos tinham de rejeitar o mundo material e entrar uma vez mais no “reino eterno da luz”. Alguns filósofos gnósticos acreditavam que podiam encontrar essa “luz interior” por meio do Cristo, enquanto outros pensavam que Jesus era um fantoche satânico do demiurgo. Nessa perversão da tradição luciferiana, gnósticos como o bispo bogomilo Nazário acreditavam que Satanael criara o mundo (Link 1995:83) e por isso o materialismo deveria ser renunciado como malévolo. Ainda no século III, o bispo Irineu de Lyon acusou os gnósticos de extraírem seu poder “daquele anjo caído e ainda poderoso, Azazel”. Em algumas tradições gnósticas, a serpente do mito do Jardim do Éden era uma encarnação do Cristo que oferecia a libertação espiritual à humanidade primitiva.

Os gnósticos, entretanto, acreditavam na doutrina luciferiana de que “tudo neste mundo manifesto existe porque carrega uma fagulha da vida – ou luz – que emana da Luz Divina ou energia que fortalece o Universo e tudo que há nele” (Singer 1987). Eles também acreditavam que a fagulha divina fora obscurecida ou perdida no mundo material e era dever daquele que busca a espiritualidade encontrá-la e redimi-la. Na tradição luciferiana, essa fagulha divina da forja é representada por Lumiel. No entanto, os gnósticos viam uma divisão clara entre a Divindade e sua criação, entre o espírito e a matéria, o corpo e a alma e entre a humanidade e a natureza. Essa divisão nem sempre é encontrada na tradição luciferiana. Os gnósticos também dividiam a humanidade em três grupos: os espiritualmente conscientes, aqueles com poderes psíquicos e os “adormecidos” ou totalmente imersos no materialismo. Tal crença também foi adotada por alguns luciferianos modernos.

Duas seitas “gnósticas” ainda existem no Oriente Médio: os drusos (ofitas), no Líbano, e os mandeístas (nazarenos), no Iraque. Os últimos afirmam que são descendentes dos discípulos de São João Batista e são cristãos apenas no nome, já que não aceitam Jesus como o Messias. Sua lealdade é declarada ao Rex Lucis, ou o “Rei da Luz”, que é o supremo criador, e a sete espíritos planetários. Os ofitas são mais conhecidos como “adoradores de serpentes” e seu símbolo é aquele luciferiano da serpente enrolada em torno da cruz tau. Em sua versão do mito do Éden, o fruto proibido representa a sabedoria divina. Eles também acreditam no conceito caldeu dos sete gênios ou anjos planetários, mas, ao contrário da tradição luciferiana, eles os veem como entidades maléficas.

Enquanto o gnosticismo foi bastante influenciado por ideias judaico-cristãs e pagãs, também foi enriquecido por conceitos heréticos do

Islã. Essa nova religião foi fundada no século VII por um mercador árabe chamado Mohammed ibn Abdullah, de Meca. O profeta teve uma visão do arcanjo Gabriel na qual foi nomeado um apóstolo de Alá. Na época pré-islâmica, *Al-lah* era o deus chefe da Arábia pagã, mas Maomé identificou-o ao Deus único venerado por judeus e cristãos. Dentre as outras divindades pré-islâmicas, três eram idolatradas em especial – Al-lat, “a Deusa”, Al-Uzza e Npkhelh. Em conjunto, essas três divindades eram conhecidas como as “filhas de *Al-lah*” ou as “filhas do Destino” e eram simbolizadas por pedras erguidas. Sugeriu-se que essas deusas árabes eram equivalentes às moiras romanas, às parcas gregas, às nornas nórdicas e às irmãs Wyrd anglo-saxônicas. Por conta de sua contínua popularidade, Maomé foi supostamente inspirado por Satanás a incluir vários versos sobre elas no Alcorão, permitindo que fossem veneradas como intermediárias entre Deus e a humanidade. Gabriel apontou o erro e os supostos “versos satânicos” (que ficaram famosos na literatura moderna por Salman Rushdie) foram excluídos do Alcorão e dos textos islâmicos ortodoxos.

Com a ascensão do Islã, os estudiosos árabes traduziram antigos textos gregos e hindus e escreveram tratados originais sobre astrologia, medicina, geografia, agricultura, botânica, ciência, astronomia, matemática, topografia, navegação, filosofia, química, metalurgia, farmacologia, horticultura e música. No século VIII, a cidade de Bagdá foi construída para substituir Damasco como capital da Pérsia. No período de 765 a 1000, Bagdá tornou-se um centro cosmopolita de cultura e aprendizagem que atraía indianos, chineses, judeus e pagãos. Uma dessas figuras era Tabit ibn Qura, um adorador de estrelas sabeu que traduziu muitos trabalhos gregos de filosofia e astronomia para o árabe. Infelizmente, em 1065, fundamentalistas islâmicos assumiram o poder e o mundo muçulmano começou a se fechar sobre si mesmo.

Maomé morreu em 632 d.C. e, como no Cristianismo primitivo, seitas heréticas começaram a surgir para desafiar as crenças ortodoxas islâmicas. Do século IX ao século XII: “Uma concepção de Alá como uma divindade transcendente que irradiou o Cosmos por meio de uma hierarquia de seres divinos, descendo até o mundo material, tornou-se um traço característico do pensamento muçulmano... As divindades pré-cristãs e pré-islâmicas desapareceram desses modelos do Universo e foram substituídas, nos graus mais inferiores da hierarquia divina, por abstrações cósmicas ou anjos extraídos ou desenvolvidos a partir das teologias hebraica, cristã ou islâmica” (Hutton 2003:238).

Um estudioso islâmico do século X, Abu Nasar al-Farabi, acreditava que Alá criara dez emanções associadas aos céus, “à esfera das estrelas fixas” e aos sete planetas conhecidos pelos antigos. Duzentos anos mais tarde, o filósofo e Mestre espiritual iraniano Yahya Suhrawardi associou o ensinamento de al-Farabi ao misticismo islâmico e ao conceito de uma única doutrina universal da sabedoria antiga. Ele propôs que isso fora originalmente revelado ao deus grego Hermes (conhecido pelos muçulmanos como Idris ou Enoch) e traduzido por meio do zoroastrismo. Suhrawardi ensinava que, como toda a verdade vem de Deus, ela pode ser encontrada em todas as religiões. Por esse motivo, ele ensinava o preceito sufista de que todos os caminhos levam a Alá.

Um dos títulos de Suhrawardi era Sheik al-Ishraq, ou o “Mestre da Iluminação”, porque ele imaginava Deus como pura luz. Em árabe, “Ishraq” é a primeira luz da aurora, que anuncia o Sol nascente, e é considerada um símbolo de iluminação espiritual. De acordo com Suhrawardi, Deus, ou a “Luz das Luzes”, gerou uma série de luzes menores ou emanções. Ele também acreditava que a luz ou alma de um ser humano era dada ao embrião ainda no ventre por um ser angelical conhecido como a Luz do Mundo.

As tradições esotéricas do Islã eram guardadas dentro das várias ordens secretas do sufismo. Há teorias de que os sufistas influenciaram os cavaleiros templários, os trovadores franceses e os rosacrucianos. Eles acreditavam que a humanidade existe em um estado de sono profundo do qual só poderá despertar e perceber a verdadeira realidade por meio de práticas espirituais. Na realidade, o profeta Maomé ensinava uma doutrina parecida, pois dizia que os seres humanos estavam adormecidos e acordariam somente quando morressem (citação em Cohn 1986:114). Isso se refere ao estado de existência material que cerca a alma quando encarna no mundo físico.

As tradições heréticas muçulmanas incorporaram aspectos do tantra, da ioga, do Hinduísmo e, supõe-se, das chamadas “práticas demoníacas” (Lamborn Wilson 1987). Como dissemos em *Os Pilares de Tubalcaim*, a tradição luciferiana sobreviveu dentro do Islã nos ensinamentos proibidos dos yezidis ou seguidores do Anjo Pavão, Melek Taus. No Islamismo ortodoxo, Lúcifer é chamado Iblis ou Azazel. Essa tradição afirma que ele se recusou a curvar-se diante do recém-criado Adão e, por isso, foi amaldiçoado por Alá. O herético sufista Husayin ibn al-Hallaj foi executado em 922 d.C., em Bagdá, por escrever uma narrativa sobre um encontro entre Moisés e Iblis no Monte Sinai. Em 1100, um xeique libanês chamado Adi ibn Musafir retirou-se para um

vale remoto no Curdistão e fundou sua própria seita de veneração ao Anjo Pavão. Os curdos que ele converteu já eram praticantes de crenças pré-islâmicas, com as quais combinavam o sufismo e o misticismo iraniano. Pinkham (2002:32) afirma que os profetas yezidis identificavam Melek Taus com o deus gnóstico Satanael, com o anjo judeu Samael (marido de Lilith) e com Azazel. Na realidade, ele diz que os yezidis eram, às vezes, chamados de “filhos de Azazel”.

Os yezidis veem o Anjo Pavão como um ser andrógino que representa a união das energias masculinas e femininas. Acredita-se que sua queda da graça fora o resultado de uma luta entre seu eu negro e seu eu luminoso. Pinkham diz que, quando Melek Taus caiu, ele arrastou a humanidade consigo, como está descrito no mito de Adão e Eva. Isso se deu porque o Anjo Pavão era Sanat Kumara ou *anima mundi* (a alma do mundo), que representa o inconsciente coletivo da raça humana. Os yezidis afirmam que Melek Taus está conquistando sua redenção e logo reivindicará sua antiga posição exaltada como o maior de todos os anjos.

Em dezembro de 2002, alguns meses antes da segunda Guerra do Golfo, o jornal *National Post* de Toronto, Canadá, publicou um artigo sobre o moderno templo yezidi em Basiqa, no norte do Iraque. A cidade tem uma população de várias crenças religiosas incluindo muçulmanos sunitas e xiitas, católicos caldeus e cristãos ortodoxos sírios. De acordo com a reportagem, há entre 250 mil e 1 milhão de yezidis espalhados pelo Iraque, Síria, Turquia e Irã. Seu líder em Basiqa disse que eles cultuam Alá e os sete anjos que governam o mundo, inclusive seu chefe Melek Taus, ou Lúcifer, que é considerado uma figura do bem.

Durante o regime repressivo de Saddam Hussein e sua família no Iraque, os yezidis eram perseguidos por causa de suas crenças heréticas e não ortodoxas, embora o governo fosse secular. Na década de 1970, o exército forçou-os a abandonar 20 vilarejos, em um programa deliberado de limpeza étnica. Cerca de 3 mil yezidis foram mortos e suas casas foram entregues a iraquianos árabes. Por isso, eles receberam com alegria a invasão das forças aliadas e a ocupação do Iraque e, agora, reivindicaram suas terras e repovoaram os vilarejos que foram tomados deles durante os expurgos de Saddam. Hoje, eles planejam abrir escolas para educar seus filhos na cultura e religião yezidi. Os anciãos tribais também querem fazer parte do novo movimento político no Iraque pós-guerra e eleger políticos yezidis quando eleições livres enfim se realizarem (*The Times*, 5 de junho de 2003). Os yezidis esperam não ser mais perseguidos no novo Iraque, mas, com a ascensão do fundamentalismo

islâmico depois da guerra, é possível que ainda sejam hostilizados por seus vizinhos muçulmanos. Mesmo os moderados ainda os consideram com suspeita como “adoradores do Diabo”.

Pinkham (2002:145-146) descreve um antigo ritual conhecido como a Dança do Pavão. Ele afirma que é semelhante às danças espiraladas ou circulares praticadas pelos sufistas, pelos dervixes rodopiantes e pelas bruxas medievais. Segundo ele, a Dança do Pavão foi introduzida na Europa pelas tribos sufistas de Meskara e Aniza (Dois Chifres) e é realizada por dançarinos que se movem no sentido horário (direção do Sol) ao redor de uma imagem de pavão em um padrão espiral. À medida que os dançarinos giram em torno da imagem central, eles espiralam em direção ao centro e, em seguida, retornam à parte externa do círculo. Enquanto dançam, eles focam seus pensamentos na imagem e agradecem por estar se comunicando com o Senhor do Mundo. O objetivo da dança é elevar a energia kundalini, aumentar o ritmo da evolução espiritual do dançarino, despertar poderes psíquicos latentes e agir como um expurgo emocional, liberando o carma “negativo” de vidas passadas. A melhor época para celebrar a Dança do Pavão é quando a força da vida (representada por Lúcifer) está em seu ponto mais elevado durante a lua cheia, os equinócios e solstícios.

De forma curiosa, Pinkham também se refere a uma seita muçulmana herética chamada Roshaniya ou “Iluminados”. Esse grupo foi fundado no século XI d.C. por um afegão chamado Bayezid Ansari e seu propósito era criar seres humanos espiritualmente aperfeiçoados. Eles, então, governariam o planeta em nome do suposto “Senhor do Mundo”. Pinkham conta que essa seita tinha objetivos muito parecidos com os da sociedade secreta europeia do século XVIII, conhecida como Illuminati, que se destaca em quase todas as teorias conspiratórias modernas como os vilões arquetípicos (Ibid: 36-37).

Como discutimos de maneira ampla em *Os Pilares de Tubalcaim*, os Templários eram os principais candidatos a transmissores da tradição luciferiana do Oriente Médio para a Europa, onde influenciaram o culto das bruxas. Madeline Montalban certamente considerava o deus deles, Baphomet, como um símbolo abstrato de certos princípios luciferianos, como descrevemos. As ligações dos Templários com seus inimigos muçulmanos são bem conhecidas e acredita-se que, por meio de tais contatos clandestinos, eles foram expostos ao misticismo sufista e a ideias islâmicas heréticas. Associações também foram feitas, talvez de forma mais especulativa, entre a Ordem e os essênios, a seita que escreveu os *Manuscritos do Mar Morto*, cujos membros, alguns escritores bíblicos acreditam, incluíam João Batista e Jesus.

No século XVIII, um pastor luterano chamado Johannes Starck afirmou ter descoberto uma coletânea de documentos que pertencia a uma misteriosa fraternidade medieval conhecida como os Cânones do Santo Sepulcro. Estabeleceram-se na Palestina durante as Cruzadas e afirmavam ser descendentes diretos dos essênios por intermédio de sete eremitas. Tais homens agiam como priores na igreja construída no local no templo de Salomão em Jerusalém e, supostamente, iniciaram Hugo de Payens, o primeiro Grão-Mestre da Ordem dos Templários, em sua fraternidade. Uma lenda alternativa conta que os Templários originaram-se de uma Ordem sufista mística conhecida como os Cavaleiros ou Guerreiros de Ishtaq (a luz da aurora). Essa Ordem também reivindicava descendência dos essênios e do rei sacerdote bíblico Melquisedeque (Corbin 1986:347-348).

Em *Os Pilares de Tubalcain*, especulamos sobre a natureza das escavações realizadas pelos primeiros Templários nas fundações do templo de Salomão e sua importância na tradição luciferiana. No fim da década de 1860, uma escavação arqueológica foi realizada no mesmo local pelo tenente Charles Warren, um jovem oficial da Engenharia do Exército Real, em nome do Fundo de Exploração da Palestina. O tenente Warren servira antes em Gibraltar e fora o responsável pelo projeto e construção de novas baterias de armas e por escavações sob rochas para armazenamento. Anos depois, ele se tornou comissário da Polícia Metropolitana de Londres e foi o responsável pela investigação dos assassinatos de Jack, o Estripador. O tenente Warren era, também, um maçom hereditário e, em 1861, tornou-se Grão-Mestre da Loja de Gibraltar. Dois anos depois, foi iniciado como Templário maçônico, mas manteve seus interesses maçônicos em segredo. Mesmo após sua morte, em 1927, a sede da Maçonaria Britânica continuou mantendo suas atividades confidenciais na Terra Santa. Em 1936, escreveram para seu neto e biógrafo, Watkins William, dizendo que seria "inapropriado que muita coisa fosse dita sobre sua carreira maçônica".

No entanto, em 1885, Warren deu uma palestra a companheiros maçônicos e contou-lhes que, durante sua estada na Palestina, ele abriu uma Loja Maçônica Templária que se reunia perto do Monte do Templo. Em 1870, ele também fundou a Loja Quatuor Coronati, a primeira Loja Maçônica de pesquisa do mundo, para investigar as origens e a história da Maçonaria. Além de supostamente ter descoberto passagens secretas debaixo do Monte do Templo, o tenente Warren também disse ter encontrado uma "marca maçônica" nas pedras que, segundo ele, datavam da época da construção do templo original. Ele acreditava que isso provava

que maçons fenícios estiveram envolvidos em sua construção (Andrew 1999: 11, 30-31, 225-226, 232-233).

Afirma-se que, depois que os hebreus retornaram de seu exílio na Babilônia, uma pedra foi colocada nas fundações do templo. Nessa pedra foram feitas três cavidades, que continham três discos. Dentro deles havia sal, enxofre e mercúrio, que eram os elementos principais usados em experimentos alquímicos. Em *Os Pilares de Tubalcaim*, especula-se que os Templários possuíam um conhecimento de alquimia obtido de mestres árabes e que essa era a fonte de parte de sua grande riqueza. Afirma-se que, entre os séculos XII e XIII, essa misteriosa pedra alquímica caiu nas mãos dos Templários escoceses, que a levaram consigo a fim de protegê-la (Corbin 1986:346).

Houve sempre uma grande controvérsia quanto ao fato de os Templários terem sido considerados culpados de heresia ou apenas acusados pelo papa e pelo rei Felipe da França por causa de suas riquezas e influência. Em março de 2002, o Vaticano revelou documentos que lançaram uma nova luz sobre a perseguição da Ordem. Os documentos dizem que o papa Clemente V conduziu sua própria investigação dos Templários franceses. Enviados do papa interrogaram secretamente o último Grão-Mestre, Jacques de Molay, e outros Templários mantidos prisioneiros em um castelo na França, em 1308. Os Templários disseram que as acusações de sodomia e blasfêmia eram baseadas em uma incompreensão, por parte de seus acusadores, de certos rituais secretos que praticavam. Estes incluíam a negação de Cristo, cuspir na cruz e beijar outro Cavaleiro nas nádegas. Alegaram que essas práticas eram realizadas para ensinar os Cavaleiros novatos a resistir à tortura dos sarracenos caso fossem capturados na Terra Santa (*The Times*, 30 de março de 2002). Essa explicação parece improvável, senão ingênua, mas prova que a Ordem realizava as práticas pelas quais fora condenada pela Igreja.

Em junho de 1233, outro papa, Gregório IX, emitiu uma bula papal comandando que seus bispos alemães apoiassem a Inquisição para caçar uma seita luciferiana que cultuava o “Senhor do Mundo” na forma de um diabólico gato negro. O Vox do papa Gregório em Roma descreveu como os membros da seita idolatravam um “homem delgado de rosto pálido” conhecido como o Mestre, ou o Diabo, e tinham de beijar o traseiro de um enorme gato negro. Às vezes, Lúcifer aparecia no meio deles como um homem com a parte superior de seu corpo brilhando com “raios mais reluzentes que o Sol” e a parte inferior escura e peluda. De acordo com os luciferianos, seu Senhor e Mestre foi expulso do Céu

injustamente e, um dia, retornará para governá-lo (Engels 1999:183-188). A seita também acreditava que Lúcifer criara os corpos celestiais e que, por meio dele, alcançariam a felicidade eterna.

Embora qualquer crença em Lúcifer pudesse levar a torturas horríveis e à morte na fogueira, muitos dos conceitos associados à tradição luciferiana permeavam a alquimia e o hermetismo, possivelmente por meio de fontes árabes e gnósticas. Por exemplo, na operação da Grande Obra alquímica, o chamado Vaso Hermético, no qual o alquimista tentava criar a famosa Pedra Filosofal, era sempre decorado com o símbolo de uma serpente. Um manuscrito antigo preservado no Museu Britânico mostra um vaso desse tipo posicionado entre dois pilares (de Tubalcaim ou do templo de Salomão). Dentro do vaso há a imagem de um pavão, uma das primeiras imagens de Lúcifer.

Na tradição hermética ensinava-se que Deus criou o mundo por meio de um demiurgo andrógino. Como o *Corpus Hermeticum* diz: “A mente que é Deus, sendo andrógina [macho e fêmea] e existindo como luz e vida, ao falar deu à luz uma segunda mente, um artesão que, como deus de fogo e espírito, criou sete governantes [arcanjos]; eles englobam o mundo sensível em círculo, e o governo deles é chamado Destino”. No século IV, o escritor romano Fírmico Materno descreveu os planetas como deuses que serviam ao Supremo Criador e executavam sua vontade. Um escritor medieval, Guilherme de Conches, acreditava, como Platão, que Deus fizera a alma humana enquanto o corpo físico fora criado por seres inferiores, que eram os anjos ou espíritos planetários.

Outro teólogo medieval, Bernardo Silvestre, também acreditava que os deuses planetários controlavam o mundo sob o poder de um Deus supremo. O mago Michael Scot afirmava que espíritos poderosos governavam os planetas e atenderiam aos pedidos dos humanos se invocados com os nomes dos anjos hebraicos. Escrevendo no século XIII, Tomás de Cantyle concordava com Scot e dizia que todas as coisas na Terra foram geradas por influência da deusa e do planeta Vênus (Hutton 2003:249-253). Essa última visão foi defendida pelo cabalista inglês Robert Fludd e pelo jesuíta Atanásio Kircher. Ambos representaram a *anima mundi*, ou “espírito da terra”, como uma “figura [feminina] nua identificada com a Lua, coroada de estrelas e que ligava o Céu e a Terra e Deus e a humanidade. Como deusa estrela e deusa terra ao mesmo tempo, portanto, literalmente poder intermediário responsável pela existência terrena” (Ibid: 295).

No século XVI, Cornélio Agrippa, autor da famosa *Filosofia Oculta* (1533), falava de um criador cósmico cujas emanções ou poderes

desciam, por intermédio de forças angelicais, ao mundo material. Agrippa usava a doutrina das correspondências ocultas extraída de antigas fontes hebraicas, cristãs, gnósticas, árabes e herméticas e declarava que “um bom mago tinha o poder de ascender pelas esferas do Cosmos à presença do Deus único” (citação em Hutton 2003:289). Com essa declaração, Agrippa seguia os passos dos magos renascentistas que tiravam sua inspiração das mesmas fontes antigas, inclusive, e a mais importante de todas, o paganismo clássico.

Como Jocelyn Godwin diz: “Um estado de mente e espírito... surgiu na Itália do século XV e espalhou-se pela Europa de acordo com certas divisões claramente definidas, e persistiu por cerca de 200 anos, durante os quais, embora ninguém acreditasse nos deuses [pagãos], muitas pessoas agiam como se eles existissem” (2002:1). Uma dessas pessoas era Marsílio Ficino, que traduziu o *Corpus Hermeticum* ao latim para a rica família Médici de Florença. Ficino acreditava firmemente em magia angelical e astrologia e, em 1489, escreveu sua obra-prima relacionada à descida dos “*poderes celestiais*” ou dos espíritos regentes dos planetas e estrelas em imagens que serviam como talismãs de cura (Hutton 2003:282-283).

Godwin faz alusão a uma “*tradição secreta de sabedoria esotérica*” transmitida dentro da família dos Médici e de outras famílias nobres europeias. É difícil saber quão viável seria essa ideia, e Godwin admite que faltam provas para satisfazer os acadêmicos mais exigentes. No entanto, Cosme de Médici decorou seus quartos privados com símbolos e imagens pagãs e ocultistas. Uma sala foi pintada com cenas que retratavam as forças elementais: fogo (a forja de Vulcano), terra (o reino de Saturno) e água (o nascimento de Afrodite). Um comentarista contemporâneo interpretou essas pinturas como representações simbólicas das *sephiroth* ou esferas da Árvore da Vida cabalística, os planetas e seus regentes angelicais (Godwin 2002:74,77).

O herdeiro da dinastia Médici era o grão-duque Francisco I da Toscana (1541-1587), um patrono dos alquimistas e colecionador de porcelanas raras, pedras semipreciosas e vitrais. Em seu estúdio no Palazzo Vecchio [Palácio Velho] havia oito estátuas de bronze de deuses e deusas clássicas, a Mãe natureza e Prometeu. Entre os deuses retratados estava Apolo (o deus Sol e irmão de Diana), Vulcano (descrito como o patrono dos metais, travas, autômatos e relógios), Vênus, Bóreas (o espírito do vento do norte) e Plutão (Azrael). O grão-duque também possuía uma vasta coleção de joias, metais, cristais, pedras preciosas e vasos guardados em armários. Eles eram classificados de acordo com

suas correspondências planetárias e astrológicas, como descrito em textos mágicos e herméticos (Ibid: 102-104).

Outra famosa família nobre europeia que levantou rumores de ter ligações com a tradição esotérica clandestina era a dos Habsburgo (veja Howard 1989). No século XVI, o arquiduque Fernando II, cuja família se uniu, pelo casamento, à dinastia Médici, decorou o interior de seu palácio de verão com estrelas, planetas e os signos do zodíaco. No grande salão havia uma estátua de Bóreas, que seduziu Eurínome na forma de uma serpente. Ela era a “deusa de todas as coisas” e de sua união foram criados o Sol, a Lua, os planetas e todas as criaturas vivas. O arquiduque também construiu um abrigo de caça chamado Castelo da Estrela, nos arredores de Praga, na atual República Tcheca. Como o próprio nome sugere, o castelo foi construído no formato de uma estrela de seis pontas ou hexagrama. Para os ocultistas, os triângulos entrelaçados do hexagrama são um símbolo da dualidade e da união dos opostos, encontrado na alquimia, na magia e na tradição luciferiana. Por dentro, o castelo foi suntuosamente decorado com cenas da mitologia clássica e da história da Antiguidade, indicando o interesse do arquiduque por tais assuntos. As decorações incluíam representações de deuses planetários como Júpiter-Zeus se acasalando com uma águia, Hermes cavalcando um carneiro, Vênus e Netuno. Godwin (83) descreve a atmosfera do Castelo da Estrela como de conto de fadas em um cenário de uma floresta assombrada por ursos e javalis.

Outro membro da família Habsburgo fascinado pelo ocultismo era o imperador Rodolfo II. Ele era patrono de alquimistas e magos, inclusive o mago galês dr. John Dee e seu parceiro Edward Kelly. Rodolfo possuía um incrível chafariz mecânico com formato de um templo clássico. Apresentava as quatro estações, simbolizadas pela deusa Flora (primavera), Ceres (verão), Baco (outono) e Vulcano (inverno). As forças elementais eram representadas pela deusa síria Cibele (terra), Netuno-Poseidon (água), Júpiter (fogo) e Mercúrio-Hermes (ar). Incluía também o Sol e a Lua (a união dos opostos) e os quatro arcanjos: Miguel, Gabriel, Rafael e Uriel (Ibid: 113-114).

Em *Os Pilares de Tubalcain*, dedicamos espaço considerável ao lado esotérico da Maçonaria e suas possíveis ligações com a tradição luciferiana. A Igreja Romana certamente acreditava que a Maçonaria Especulativa, desde seu início, era uma fachada para crenças luciferianas que se originaram em épocas pagãs. Mesmo em 1884, o papa Leão XIII chegou a emitir uma carta encíclica condenando a Maçonaria como uma sociedade secreta satânica que tinha como objetivo

o restabelecimento das antigas religiões pagãs. Qualquer católico que aderisse a uma Loja Maçônica receberia a excomunhão. A Igreja Ortodoxa Grega também atacou a Maçonaria como “um sistema que nos lembra dos antigos cultos e religiões pagãs de mistérios – os quais desce e é sua continuação e regeneração” (citado por Knight 1985:241).

Ideias semelhantes sobre sua história mítica também foram reforçadas por escritores e pesquisadores maçônicos. O reverendo E. de Castells acreditava que: “a Maçonaria originou-se com certos místicos hebreus ligados ao Templo de Jerusalém, os quais foram representados pelos cabalistas em épocas históricas” (citação em Gilbert 1988). O maçom norte-americano John Yarker via a Maçonaria evoluindo desde a Antiguidade por intermédio dos Mistérios egípcios e gregos, mitraísmo, gnosticismo e alquimia. Outro ocultista norte-americano, Manley Palmer Hall, chegou a afirmar que a Maçonaria teve suas origens na Atlântida. Ele dizia que ela fora introduzida no norte da África por colonizadores ou sobreviventes atlantes e baseava-se em um culto primitivo de idolatria ao fogo e ao Sol. Stephen Knight (1985:15-16) disse que as origens do simbolismo maçônico foram extraídas de várias fontes. Dentre elas se incluem o mito de Osíris e Ísis do Antigo Egito, o gnosticismo, rosacrucianismo, Hinduísmo e “noções tradicionais do ocultismo”.

Críticos da Maçonaria dizem que seus membros não cultuam ou reverenciam o Deus cristão, mas juram lealdade secreta a uma divindade múltipla, de origem pagã. Afirma-se que o “Nome Inefável de Deus”, revelado nos Graus mais elevados, é Jabulon, composto pelos nomes de Yahweh, Baal e Osíris. Stephen Knight diz que é por esse motivo que os inimigos da Maçonaria denunciaram seus rituais como “idolatria demoníaca” por mais de 250 anos (1985:230-236). Em contrapartida, o escritor do Graal, Lawrence Gardner, diz que Jabulon pode ser traduzido como “Eu sou o Senhor da Luz” (2003:254-255), o que tem óbvias ligações luciferianas. O general Albert Pike, suposto Soberano Pontífice da Maçonaria Universal e fundador da Klu Klux Klan, parece ter se dirigido a uma congregação maçônica em 1899 e dito que Lúcifer era o deus do bem e da luz que deveria ser reverenciado por todos os maçons. Supõe-se que ele disse que Lúcifer estava envolvido em uma batalha com o deus cristão Adonai (sic) que, em contrapartida, era uma divindade cruel e bárbara que odiava os humanos. É bastante provável que essa interpretação gnóstica da Maçonaria tenha sido falsificada por seus inimigos para provar que ela era secretamente uma organização satânica.

Qualquer que seja a verdade sobre o pronunciamento do general Pike, é evidente que a Maçonaria apresenta elementos da tradição angélica e símbolos luciferianos. A Estrela da Manhã, por exemplo, é

um símbolo importante nas iniciações maçônicas. Knight e Lomas (1999) citam um antigo ritual maçônico conhecido como os Príncipes da Rosa-Cruz de Heredom que é aberto apenas àqueles que já ocupam Graus superiores. O encerramento do ritual refere-se à transformação da “Pedra Cúbica” (o mundo material) na “Rosa Mística” (Vênus). Também faz referência à aparição da Estrela Flamejante (da Manhã) que anuncia “a verdadeira Luz” (Lúcifer?). Na tradição maçônica, a Estrela da Manhã é um símbolo do renascimento e pode ser encontrada nos Graus dos Templários, junto com a serpente e a cruz tau.

No ritual da Rosa-Cruz, o candidato à Iniciação é levado em uma jornada simbólica por uma série de salas até subir uma escada que representa a ascensão ao Céu. O oficial que guia o candidato representa o arcanjo Rafael e a jornada reflete a visita de Enoch aos sete céus. Ao final do ritual, o candidato renasce das trevas para a luz. Em sua reconstituição do ritual anterior a 1813, Knight e Lomas mencionam também os arcanjos Miguel, Gabriel e Uriel vestindo “túnicas da cor da chama reluzente” e a estrela de sete pontas, associada às consortes femininas de Lumiel.

No capítulo 11 de *Os Pilares de Tubalcaim*, mencionamos a teoria proposta por Rollo Ahmed, Idries Shah e Robert Graves de que o culto medieval das bruxas fora influenciado por fontes árabes. De forma específica, supõe-se que essa influência tenha vindo dos Templários, do chamado culto *Daqueles de Dois Chifres*, no norte da África, e do culto a Vênus-Astarte, supostamente introduzido na Espanha moura e ao sul da França na Idade Média. Especulou-se naquele capítulo que essa rota de transmissão pode ter sido por onde os elementos da gnose luciferiana entraram no sul da Europa na mesma época e também influenciaram movimentos heréticos e de bruxaria. Essa crença também foi apresentada na informação fornecida a E. W. Liddell por seus anciãos da Tradição Pickingill (veja *The Pickingill Papers*, Capall Bann 1994). Liddell afirma que alguns covens de bruxaria tradicional ainda juram lealdade a Lúcifer como o salvador e redentor da raça humana. No trecho seguinte, extraído de correspondência pessoal com este autor, ele aborda o tema na Antiga Arte:

“Muitas escolas esotéricas acreditam que o mecanismo humano contém um núcleo quintessencial que é reflexo da Divindade Absoluta – o Grande Insondável. Esse núcleo divino é uma força angelical aprisionada em um corpo material, assim como se supõe que os anjos caídos estejam aprisionados no submundo. Esses ‘Filhos de Deus’ animam todas as formas individualizadas de vida. Os budistas falam da ‘joia no lótus’. Esse é o núcleo interno que faz evoluir a consciência individualizada do reino inferior

(formações de rochas) ao reino mais elevado (os deuses inferiores). A 'joia' supervisiona as encarnações até que a forma de vida alcance o Nirvana e é esse aspecto do Grande Desconhecido que 'caiu' quando animou o universo dos fenômenos. Uma escritura hindu é bem sucinta: "Tendo permeado o Universo com um fragmento de mim mesmo, eu sozinho permaneço". Esse 'fragmento' é Deus que habita no interior do mecanismo humano. O Absoluto é, portanto, tanto transcendente quanto imanente. A ideia dos 'Filhos de Deus' vindo às 'filhas dos homens' é um relato rudimentar da descida do espírito na matéria. Há paralelos, nesse sentido, entre Lúcifer, o primogênito dos deuses primitivos, e o Cristo, o primogênito dos deuses mais jovens. Lúcifer e Cristo são, ambos, termos genéricos para a luz interior que conduzirá a humanidade de volta à Insondável Existência da qual toda a vida brotou".

A ideia de que bruxas históricas, e algumas modernas, tenham venerado Lúcifer é um grande choque para muitos wiccanos da atualidade. Em seus 60 anos de história, a Wicca sempre negou com vigor qualquer tipo de ligação com qualquer coisa levemente "satânica" ou com o que o público em geral, em sua ignorância, possa considerar que o seja. Algumas bruxas modernas têm uma abordagem mais liberal quanto à tradição luciferiana e o autor ficou sabendo, por várias fontes independentes da Antiga Arte, que Gerald Gardner estava bem ciente dos "segredos verdadeiros" por intermédio de seus contatos com praticantes tradicionais da Ilha de Man e de outros lugares. Antes de falecer, a alta sacerdotisa de Gardner na década de 1950 e revisora do *Livro das Sombras*, Doreen Valiente, escreveu a este autor e informou que aceitava Lúcifer como uma forma legítima de deus das bruxas.

Na década de 1960, Alex Sanders foi filmado invocando Lúcifer em uma suposta "Missa Negra" encenada para o documentário *Legend of the Witches*. Em algum momento, Sanders também conseguiu cópias dos cursos por correspondência de Madeline Montalban e algumas delas podem ser vistas entre seus papéis nos arquivos do Museu de Bruxaria em Boscastle, na Cornualha. De forma irônica, trechos desse material também foram parar na versão alexandrina do *Livro das Sombras* como material tradicional. Um deles refere-se à construção do templo de Salomão por forças angelicais e afirma que o rei pertencia à raça metade humana e metade angelical. Considerando a aversão que Madeline tinha pela Wicca, podemos imaginar o que ela teria pensado desse acontecimento.

Algumas bruxas tradicionais de hoje são ainda mais explícitas em sua devoção a Lumiel e isso as torna vulneráveis a acusações feitas por

peessoas ignorantes de que estão praticando satanismo ou magia negra. Um dos maiores praticantes modernos da Arte Luciferiana ou Sabática, Andrew Chumbley, observou:

“A bruxaria sabática tradicional geralmente emprega nomes demoníacos como parte de um código para transmitir uma gnose de autolibertação luciferiana... Isso não deveria ser mal interpretado como campanha em favor do satanismo vulgar, da magia negra ou coisas do tipo, assim como nosso uso positivo dos termos judaico-cristãos não deveria insinuar concordância religiosa em qualquer sentido convencional. A Arte Sabática utiliza ensinamentos de magia de um caráter gnóstico especializado, uma parte externa dos quais combina o uso codificado de ambos os termos luciféricos e cristão-pagãos. Deve-se ter muita cautela ao interpretá-los; é um teste. Poucos conseguem passar”.

Tais comentários são, em parte, uma reação ao uso equivocado do simbolismo e da terminologia da Arte Sabática por certos grupos na internet, em especial nos Estados Unidos. Esses grupos pegaram carona na popularidade da Arte Sabática e, nas palavras de Andrew Chumbley, projetaram “seus preconceitos infundados” nela, causando grande ofensa àqueles que imitavam e aparentemente respeitavam. Muitos dos envolvidos eram ex-membros de organizações satânicas norte-americanas e trouxeram consigo uma enorme bagagem que não tem lugar na tradição luciferiana. O satanismo moderno, com suas inversões juvenis da moralidade e do simbolismo judaico-cristão e sua devoção ao mal, é uma crença materialista que pertence ao jardim da infância da espiritualidade.

Um dos principais conceitos da Arte Luciferiana é a crença na “linhagem das bruxas”. Às vezes, ele é chamado de “linhagem das fadas”, ou “linhagem dos elfos”, e refere-se à descida espiritual da gnose dos Vigilantes. Há certa confusão com relação a esse conceito à medida que algumas pessoas tomam-no ao pé da letra, como uma transmissão física ou genética. De fato, um escritor de questões da Wicca (de novo, um norte-americano) especulou que haveria um “gene bruxo” real que seria identificado por um teste de DNA. Citamos, mais uma vez, Andrew Chumbley quanto ao significado interno desse assunto para a Arte e à transmissão de poder dos Vigilantes:

“De acordo com o folclore dos Deuses Anciãos, de Lumiel, da Serpente Estrelada, dos Vigilantes, do Casamento dos Sábios Anjos com a humanidade, da descendência da linhagem de Caim pelas gerações de Enoch, Lameque, Tubalcaim, Jabal, Jubal, Naamá,

Nimbroth, Cam, Mizraim e daí em diante por intermédio das secretas Ordens do Templo da Sabedoria, é necessário afirmar que o chamado 'Segredo do Sangue Ardente' (ou a herança dos Vigilantes) pode ser testemunhado apenas dentro de seu próprio círculo; pois é um Mistério Verdadeiro e Perfeito. É um arcano cuja natureza pode ser alcançada apenas entrando-se nele, ou seja, pelo despertar de sua 'chama' dentro do homem como um estado autoconsciente de realização pelos meios e métodos de verdadeira Iniciação. Sendo um Mistério, não é uma questão a ser 'compreendida'; pode ser abordado por muitos caminhos de interpretação e cada um levará a apenas uma única compreensão e, portanto, necessariamente parcial. O Mistério pode ser 'conhecido' por Graus, mas em si e por si só permanece perpetuamente insondável: um objeto de contemplação perceptível ao Olho da Visão por meio do caminho iniciático.

A verdade da gnose da linhagem é um segredo comunicado como 'poder' no momento da Iniciação à linhagem sanguínea espiritual; sua concretização como conhecimento do qual se pode falar – ser comunicado como 'palavra' – é uma questão de realização por cada Irmão e Irmã. Assim, na nossa atual Confraria, quando falamos da 'linhagem das bruxas', estamos nos referindo a um fato social literal que discerne entre aqueles que são iniciados e aqueles que não o são, assim como um 'fato espiritual' multifacetado que discerne aqueles despertos para a sabedoria e aqueles que ainda estão adormecidos. Entre os polos inclusivos e exclusivos de interpretação há toda uma gama de níveis de compreensão alegóricos, simbólicos, históricos, tradicionais e de Graus de Iniciação; todos falsos e todos verdadeiros – depende do plano de suas leituras. Ao negociar o labirinto do arcano, alguns vão pelo caminho hylekoi de Abel, alguns pelo caminho psychekoi de Caim e outros pelo caminho pneumatikoi de Set. Logo, Muitos encontram o labirinto e Poucos bebem do Graal das transformações alquímicas, entram na forja de suas re-criações e o Solitário torna-se a Luz Vivente.

Na tradição da Arte Sabática reverenciamos Caim como nosso ancestral e iniciador porque ele é a chave da transformação entre o barro e a luz, entre a ignorância e a sabedoria. Mas devemos nos lembrar de que a lâmina de Caim corta dos dois lados, o justo e o injusto, e que sua lâmina afiada é o único espelho para aquele que caminha pela trilha tortuosa de Caim”.

Nem todos os praticantes da Arte Luciferiana seguem a tradição sabática, embora partilhem de crenças semelhantes. Um exemplo é o bruxo norte-americano Victor Anderson (1917-2000), que disse ter sido iniciado no Harpy Coven em Ashland, Oregon, em 1932. Esse coven praticava mágica popular norte-americana e cultuava um deus cornífero "que era oposto ao Cristianismo". Mais tarde, Anderson fundou sua própria tradição Feri (ou fada) que cultuava uma divindade feminina que ele comparou à deusa sombria hindu Kali. Ele identificou o deus bruxo com o Anjo Pavão dos yezidis. Anderson era também um sacerdote praticante do vodu e praticava o sistema mágico havaiano conhecido como Huna.

Outro dos primeiros praticantes da bruxaria tradicional com um matiz luciferiano nos Estados Unidos do século XX foi um ex-barbeiro chamado dr. Herbert "Herbie" Sloane. Ele morava em Toledo, Ohio, atuava como leitor profissional de tarô e liderava um grupo com o grande título *Our Lady of Endor Coven of the Ophite Gnostic Cultus*. As crenças do dr. Sloane parecem datar de 1908, embora só tenha fundado seu coven em 1946. Já na década de 1970, quando o caçador de fantasmas e pesquisador paranormal Hans Holzer escreveu sobre ele, o coven do dr. Sloane celebrava rituais anuais um tanto convencionais baseados nos festivais das 13 Luas e neopagãos celtas. Apesar dessa roupagem moderna, os ensinamentos internos do grupo eram de natureza gnóstico-luciferiana. Por exemplo, Holzer foi convidado para um ritual de lua cheia em que se realizava uma comunhão, incluindo suco de maçã. Ele foi informado que aquilo simbolizava a transmissão, pela serpente, do conhecimento a Eva.

Outra ordem magística norte-americana com possíveis implicações luciferianas é a *Ordo Templi Astarte (OTA)* com sede em Pasadena, Califórnia, e também mencionada por Hans Holzer. Esse grupo era afiliado à Igreja das Ciências Herméticas e praticava uma mistura de magia cabalística e árabe. Seus membros incluíam graduados, policiais, professores e artistas e seus estudos ocultistas envolviam o tipo de magia cerimonial encontrado nos grimórios medievais. Eles também afirmavam praticar magia árabe, incluindo a conjuração dos gênios de Salomão e dos anjos caídos, como descritos no *Livro de Enoch*.

Nas décadas de 1920 e 1930, a tradição mágica luciferiana era representada, na Alemanha, pela *Fraternitas Saturnis*, ou Fraternidade de Saturno. Esse grupo foi fundado em 1928 por um livreiro berlinense chamado Eugen Grosche (1888-1965) usando a nomenclatura magística de Frater Gregorius. Em sua origem, o grupo tinha cerca de 40

membros e incluía aristocratas e trabalhadores da indústria cinematográfica da Alemanha pré-guerra. Era organizada aos moldes maçons, mas suas práticas incluíam magia sexual, invocação de demônios e sacrifícios de sangue misturados a gnosticismo e tradição luciferiana. Seus rituais eram conduzidos em uma sala atrás da livraria do líder e os membros usavam túnicas negras com capuz. Além dos ritos sexuais, a fraternidade também usava drogas em suas cerimônias e a imprensa sensacionalista seguiu uma iniciada que se envolveu em um acidente automobilístico, enquanto se encontrava sob o efeito de cocaína (ainda legal na Alemanha pré-guerra).

Tal como outros grupos luciferianos, a Fraternidade ensinava que a serpente do mito do Éden dera o conhecimento à humanidade e identificava-a com Cristo. Lúcifer era visto como o portador da luz e o progenitor da raça humana. Divindades femininas como Sophia e Lilith também eram veneradas em rituais que envolviam a ascensão da kundalini. Outros ritos incluíam “carregar” magicamente talismãs inscritos com sigilos demoníacos, usando as secreções vaginais de iniciadas. A fraternidade sobreviveu à perseguição nazista de grupos ocultistas, ao regime comunista do pós-guerra e à morte de seu líder e ainda está ativa nos dias de hoje (Shreck 2002:197-203).

É provavelmente verdadeiro afirmar que a Fraternidade de Saturno, a OTA e a Ordem da Estrela da Manhã estavam entre os poucos grupos do século XX que trabalhavam com a tradição magística luciferiana. Hoje, o estandarte foi passado para grupos como o Cultus Sabbati e os outros covens de bruxaria tradicional que seguem os mitos cainitas e reconhecem o Senhor Lumiel e a Dama Lilith como o deus e a deusa das bruxas. O interesse que se mostra pela Arte Sabática no presente, embora seja, em parte, de natureza negativa e individualista, é um bom augúrio para o futuro da tradição luciferiana no mundo ocultista moderno da Wicca da Nova Era.



Os quatro arcanjos como os quatro ventos

Capítulo Oito

Os Anjos Instrutores

Cada ente visível no mundo está sob a responsabilidade de um anjo. Santo Agostinho

No *Livro de Enoch*, os arcanjos Miguel, Rafael e Uriel também são chamados de Vigilantes ou “os santos que vigiam” (Charles 1912:46). Na Cabala existem Vigilantes “bons” e “maus” e é tarefa dos bons, liderados por Miguel, prender todos aqueles que caíram na Terra e se acasalaram com as mulheres humanas. Essa ordem suprema de anjos era chamada de “Vigilantes” porque cuidavam da raça humana e, de modo geral, eram simbolizados pelas estrelas ou dizia-se que tinham origem estelar.

Para os antigos sabeus, as forças angelicais eram deuses planetários e cada um tinha templos que lhes eram dedicados. Esses templos eram usados para rituais praticados no dia da semana regido pelo planeta e deus correspondente. Usavam-se túnicas das cores planetárias e queimavam-se os incensos apropriados. Por exemplo, se o adorador invocasse o deus ou anjo solar, ele vestiria uma túnica de cor dourada e um anel de ouro. No caso de Saturno, usava-se uma túnica negra e um anel de ferro; uma túnica branca e um anel de cristal de rocha para Júpiter; túnica vermelha e anel de cobre para Marte, etc. (Corbin 1986:140-142). A ideia por trás dos rituais era conseguir a comunicação com as forças angelicais e, por intermédio delas, com o “Senhor dos Senhores”, a fim de evoluir espiritualmente. Essas correspondências ocultas por fim se infiltraram na magia medieval, como descrita nos *grimórios*.

Em seus escritos do século X d.C., o historiador muçulmano Masudi descreveu as crenças dos sabeus, que ele chama de adoradores das estrelas, do Iêmen, no sul da Árabia, e da cidade de Harã, no atual Iraque. Ele conta que eles acreditavam na existência de um templo nas

fronteiras da China que fora construído sobre uma enorme rocha que se ergue da terra como uma montanha. Por dentro, o templo era dividido em sete santuários iluminados por sete janelas e, em cada um deles, havia uma imagem do deus ou anjo de cada planeta. Essas imagens foram esculpidas nas pedras preciosas que representavam cada planeta e sua regência espiritual (Ibid: 132-133). Se esse templo já existiu no plano físico ou não passava de um ideal é algo a ser debatido, mas, para os sabeus, era o equivalente do Castelo do Graal do mito arthuriano.

Harrã, nas fronteiras da Síria e Turquia modernas com o Iraque, era o posto militar oriental mais importante do Império Romano. Seus "cultos nativos eram a uma gama de divindades identificáveis em outras partes da Síria e da Mesopotâmia, sendo a maioria delas relacionada aos planetas..." (Hutton 2003:215). O professor Hutton também menciona sua cidade rival, Edessa que, sob o domínio romano, praticava uma religião que combinava "Cristianismo, gnosticismo, astrologia, filosofia grega, hermetismo e paganismo nativo em uma visão do Cosmos na qual um criador cósmico personificava as divindades inferiores, como corpos celestiais, e enviava sua Palavra para redimir a humanidade" (Ibid).

A ligação de estrelas e planetas com anjos sobrevive desde a Antiguidade e é resumida por Hermes Trismegisto da seguinte forma: "Sete estrelas errantes [os planetas] estão lá e movem-se em esferas diante do portão do Olímpio. A essas estrelas, a raça humana está confiada". Uma visão semelhante foi proposta, no século XIX, por Madame Blavatsky, que disse que os anjos planetários são "os espíritos vivificantes das estrelas, de modo geral, e dos planetas, de modo especial. Eles governam o destino de todos aqueles que nascem sob uma ou outra constelação [signos zodiacais]" e "A humanidade e as estrelas estão unidas indissolúvelmente, por causa da inteligência que governa as últimas" (1921 I:153 e II:368). De acordo com os Mistérios egípcios, enquanto os humanos são filhos da Terra, eles também pertencem à "*raça das estrelas*".

No Tarocchi Del Mantegna, um protótipo do tarô da metade do século XV, um conjunto de cartas têm ilustrações que descrevem as sete esferas planetárias e as inteligências espirituais que as regem. Essas ilustrações foram baseadas no texto hermético conhecido como o *Poimandres*, que descreve como, após a morte, a alma viaja por cada esfera planetária até alcançar a região das "estrelas fixas" e unir-se à "Companhia dos Eleitos". Se a alma não completar essa jornada cósmica, ela é forçada a reencarnar outra vez na Terra, em um corpo físico (Godwin



São Miguel pesando as almas dos mortos (século XV)

2002:47-49). Esse conceito é encontrado nos Mistérios do Antigo Egito e nas crenças gnósticas, bem como nos textos herméticos.

Voltando aos anjos “bons” que o Livro de Enoch afirma pertencerem à Ordem Angelical dos Vigilantes, na Cabala, os arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael representam as três colunas ou pilares do glifo da Árvore da Vida. Rafael rege o Pilar Central, ou o andrógino “Pilar do Equilíbrio”. Miguel rege a coluna associada ao princípio masculino. Gabriel está associado ao pilar que representa a energia feminina. Enquanto os anjos são assexuados por natureza, sendo compostos de “fogo cósmico” ou pura energia, alguns aparecem aos humanos tanto na forma masculina como na feminina. Por exemplo, Miguel e Samael possuem imagens masculinas poderosas de guerreiros. Anael, o anjo de Vênus, tem uma forte vibração feminina, ao passo que Rafael apresenta características de ambos os sexos. Na mitologia clássica, ele é representado por Mercúrio (romana) e Hermes (grega) – de quem derivamos o termo “hermafrodita”, que indica uma pessoa nascida com os órgãos sexuais de ambos os gêneros. Outros anjos, como Uriel, parecem manter sua natureza assexuada.

Os antigos costumavam associar os quatro arcanjos aos quatro ventos e aos pontos cardeais de onde esses ventos se originavam. É possível que esse seja o motivo pelo qual os anjos foram adotados por magos medievais e ocultistas mais modernos como os guardiões dos quatro quadrantes do círculo mágico. Eles se tornaram os regentes angelicais dos pontos cardeais e das forças elementais do fogo, ar, terra e água. Esses atributos sobreviveram até a época moderna em conjunto com suas ligações com as *sephiroth* da Árvore da Vida, ou seja, Tiphareth (Miguel), Hod (Rafael), Yesod (Gabriel) e Chokmah (Uriel).

Dentre os Vigilantes “bons”, Miguel (“aquele que é como Deus”) é considerado o líder e capitão das hostes angelicais, depois que Lumiel perdeu essa função. Ele também é conhecido como o chefe dos arcanjos, o príncipe da Presença de Deus, o porteiro do Céu e do Inferno, o anjo da Misericórdia, do arrependimento e da Justiça, o vice-rei do Céu, o guardião de Israel e o conquistador de Satanás. Aos judeus, ele era conhecido como Mikael e, aos muçulmanos, como Mikail. Ele é mencionado cinco vezes na Bíblia, em Daniel 12,10:13 e 21, na Epístola de São Judas e no Apocalipse 12:7. Na Epístola de São Judas há uma descrição de como Miguel e Satanael lutaram pela posse do corpo de Moisés. Essa ligação com o legislador e patriarca do Antigo Testamento existe porque a “sarça ardente” do Monte Sinai era uma manifestação do “anjo do Senhor”, que, dizem, era Miguel. Dizem, também, que foi

ele o anjo que apareceu para Abraão e impediu-o de sacrificar seu filho Isaac a Yahweh.

Embora não seja mencionado no Gênesis, alguns estudiosos bíblicos acreditam que Miguel é o famoso “anjo com uma espada flamejante” que protegia os portões do Éden. Existem várias pinturas que mostram Miguel conduzindo Adão e Eva para fora do Jardim e algumas fontes cabalísticas também o consideram um psicopompo que guia as almas dos mortos ao Céu. Miguel também age como mediador entre a humanidade e Deus e, nesse papel, é conhecido como o “mensageiro divino”, embora essa posição seja ocupada pela maioria dos anjos. Em um antigo texto cristão, *O Apocalipse de Paulo*, conta-se que Miguel ora todos os dias pela humanidade, para que alcance a salvação. Apesar de ter sido o responsável pela expulsão do primeiro casal do Éden, foi Miguel quem plantou a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal no jardim e ajudou Eva no parto de Caim. Há uma certa ironia no fato de o arcanjo ter auxiliado o primeiro assassino do mundo. Acredita-se, também, que ele seja o “Anjo do Senhor” responsável pela remoção da pedra do sepulcro de Jesus e que tenha aparecido à Virgem Maria para anunciar sua morte iminente.

O papel de Miguel como guia e juiz dos mortos é de certo interesse. A tradição judaica diz que, quando cada alma deixa seu veículo físico, ela é convocada a se apresentar perante uma “corte de justiça” celestial. Durante esses procedimentos, o morto deve prestar contas de cada ato, palavra e até pensamento que teve em vida. Na Idade Média, Miguel era geralmente retratado em pinturas e vitrais supervisionando essa corte e pesando as almas dos mortos nas balanças da justiça divina. Em algumas versões, como no caso de Moisés, ele é visto lutando com Satanael pela posse das almas humanas.

O papel mais famoso desempenhado pelo arcanjo é o de capitão da Hoste do Senhor contra Lúcifer e seus anjos rebeldes na Guerra dos Céus. Esse evento cósmico está graficamente descrito no Apocalipse 12:1-18, em que “Miguel e seus anjos lutaram contra o Dragão, e o Dragão lutou com seus anjos, mas não prevaleceram; nem mais se achou seu lugar no Céu. E o grande Dragão foi expulso, aquela Antiga Serpente chamada Diabo e Satanás, que enganou o mundo todo; foi expulso para a Terra, e seus anjos foram lançados com ele”.

Os autores do Antigo Testamento e os pais da Igreja primitiva identificaram o Dragão e a Antiga Serpente com o tentador do Éden e com Satanás – e, portanto, automaticamente com Lúcifer. É provável que o autor (ou autores) do Apocalipse misturou tradições pagãs

sobre dragões com a lenda dos anjos caídos e da queda do homem no Jardim do Éden. Na realidade, a palavra dragão vem do grego *drako* e do latim *draco*, que significa “serpente”, portanto, foi fácil cometer o erro de ligar os dois. No antigo mito do Oriente Médio, o deus chefe Marduk mata Tiamat, uma deusa marinha primitiva na forma de uma serpente ou dragão. Ela é idêntica ao monstro marinho bíblico conhecido como Leviatã, descrito como uma serpente de sete cabeças. No Apocalipse, lemos sobre a fera que emergiu do mar, com “sete cabeças e chifres” (13:1-2), e isso foi identificado ainda como outra forma de Satanás.

Em um entalhe romano tardio exibido no Museu do Louvre, em Paris, o deus Sol Hórus é retratado matando um monstro em forma de dragão, que representa seu tio Set. O deus Sol monta um cavalo e segura uma espécie de lança. Ele tem cabeça de falcão e veste uma armadura de centurião (veja gravura em Anderson 1953). Essa imagem é quase idêntica a representações medievais tardias de São Miguel matando Satanás na forma de um dragão.

Na Idade Média, muitas igrejas construídas sobre antigos locais de culto pagão foram dedicadas a São Miguel. Um exemplo clássico é o da igreja, hoje em ruínas, do topo do Glastonbury Tor em Somerset, mas há muitas outras em West Country e no País de Gales. Essas dedicções foram baseadas na crença de que Miguel guardava os portões do Inferno ou do submundo e de sua vitória sobre os poderes das trevas na Guerra dos Céus. O arcanjo era considerado por muitos cristãos como um inimigo poderoso dos deuses pagãos, cujas influências ainda persistiam. Hoje, muitos neopagãos, adeptos da Nova Era e fãs dos Mistérios da Terra afirmam que antiga imagem do dragão, na realidade, simboliza a chamada “energia da terra”, que acreditam fluir ao longo das linhas de força (*ley lines*) entre locais sagrados. Na opinião do ocultista Gareth Knight, “o dragão representa uma forma de energia da terra agora perdida para o conhecimento humano” (1983:35). Aqueles que acreditam nas linhas de força (*ley lines*) aceitam a ideia de que um grande alinhamento na paisagem cruza o sul da Inglaterra, desde a Cornualha até Ânglia Oriental, e eles chamam-no a linha de São Miguel ou a linha do Dragão. Feministas modernas e seguidores da chamada “espiritualidade da Deusa” também reverenciam o dragão como um símbolo da Grande Deusa Mãe, reprimida pelas forças do patriarcado.

Na imaginação popular, São Miguel e São Jorge, o santo padroeiro da Inglaterra, Rússia e Grécia, foram associados por causa de seus feitos, matando dragões. São Jorge era muito popular no período medieval, embora o Vaticano o tenha retirado de sua lista oficial de santos

no século passado. Ele era libio de nascimento e soldado cristão do exército romano. Por ter se recusado a fazer sacrifícios aos deuses pagãos, ele foi julgado diante do imperador, torturado no potro e na roda, envenenado, atirado vivo na água fervente, decapitado e esquartejado. O episódio mais famoso da vida do santo é a história de como resgatou uma princesa das garras de um dragão e o domesticou ou matou.

São Jorge é um personagem interessante porque, embora seja considerado um mártir cristão, ele é associado à imagem abertamente pagã do personagem folclórico conhecido como o Homem Verde, o Jack-in-the-Green e o Green George. Ele também é considerado por alguns escritores uma versão cristã do santo sufista Al Kidhr, que era conhecido como “O Verde” ou o “Homem Verde” (Riches 2000:33-38). No folclore islâmico, esse santo descobriu o Poço ou Fonte da Juventude Eterna e, como resultado, embora seja morto constantemente, continua renascendo. Conta-se que ele se banhou três vezes no poço e, como resultado, sua pele ficou verde. Al Kidhr apresenta fortes ligações com a fertilidade e a cura e é tentador imaginá-lo como uma lembrança ancestral de algum deus da vegetação ou divindade da natureza do período pré-islâmico.

Nos dias atuais, São Miguel tornou-se um ícone do movimento da New Age por causa da obra do falecido *sir* George Trevalyn. Em 1950, o papa Pio XII decretou Miguel como patrono dos policiais e ele ainda ocupa um posto elevado na hierarquia angelical da Igreja Romana. Escrevendo para o *The Times*, em 29 de setembro (Dia de São Miguel) de 2001, a professora Mary Grey, do departamento de Teologia da Universidade de Gales, em Lampeter, descreveu São Miguel como “o defensor reverenciado dos fiéis contra as forças do mal”. Ela o viu como um símbolo poderoso da atual “guerra contra o terrorismo [islâmico]”, em andamento. A professora Grey instou seus leitores a invocar Miguel e seus anjos como “presenças protetoras e compassivas do bem e da cura [e] guias sábios em meio às complexidades dos males externos e internos...”.

Na Ordem cósmica às avessas que foi criada depois da Guerra nos Céus, é óbvio que Miguel assumiu muitos dos atributos, funções e títulos de Lumiel. Até mesmo algumas das imagens de São Miguel na iconografia cristã exibem atributos luciferianos. Por exemplo, no pátio da igreja de Llansteffan, em Carmarthenshire, há uma estátua de Miguel como uma figura alada com um pentagrama (Estrela da Manhã) na testa. Com relação à pintura *Miguel e Lúcifer* do Mestre veneziano Lorenzo Lotto, o professor Luther Link ressalta: “Miguel e Lúcifer são

os mesmos: o mesmo corpo, o mesmo rosto. Eles são gêmeos, almas complementares. A outra face de Miguel é Lúcifer” (1995:40).

Nas correspondências ocultas da magia angelical, Gabriel é o anjo da lua. Seu nome significa “a força de Deus” e ele é o arcanjo de posição mais elevada, depois de Miguel. Afirma-se que se senta à esquerda do trono de Deus e é o anjo da anunciação, ressurreição, vingança, morte e revelação. Às vezes, é chamado de o Anjo da Humanidade, responsável por conduzir a raça humana de volta ao Paraíso. Na tradição judaica, ele foi o responsável pela destruição das cidades pecadoras de Sodoma e Gomorra e é chamado de Anjo da Guerra. Gabriel levou o profeta Maomé para um passeio celestial em seu corcel sobrenatural e, de forma bizarra, uma lenda muçulmana conta que a poeira deixada por seu cavalo celestial animou o Bezerro de Ouro venerado como ídolo falso pelos israelitas no deserto.

Gabriel não só apareceu à Virgem Maria para anunciar que ela concebera Jesus, mas também ajudou-a e a José a fugir para o Egito e escapar da ira de Herodes. Existe, também, uma antiga lenda que conta que ele caiu, certa vez, da graça por não ter obedecido a uma das ordens de Deus. Por esse erro, ele foi banido do Céu por um curto tempo. É possível que isso esteja ligado à queda dos anjos rebeldes. Como anjo lunar, Gabriel traz esperança e inspiração renovada a cada lua nova, e age como ponte entre o mundo material e o espiritual na lua cheia.

O poeta e artista vidente William Blake (1757-1827) afirmava que via anjos desde a infância. Contou a seus amigos a história de que estava trabalhando em seu estúdio, uma tarde, quando viu Gabriel. O anjo apareceu como uma enorme luz brilhante na forma humana com asas reluzentes que irradiavam luz. Outros videntes que também afirmam ter visto o arcanjo dizem que ele tem asas com cristais vermelhos, rosto reluzente “mais brilhante que a neve virgem” e usa um diadema de luz branca na frente.

O arcanjo Rafael é o regente do quadrante leste e dos poderes do ar. Seu nome significa “o curador de Deus” e é também um dos anjos que serve junto ao trono de Deus. No Zohar, Rafael é o curandeiro da Terra e por seu intermédio o mundo é mantido como uma moradia adequada para a humanidade. Ele curou Abraão depois de ser circuncidado em idade avançada e deu a Noé um tratado médico para ser usado após o Dilúvio. Por causa da Guerra nos Céus, que mudou os papéis dos anjos, dizem, às vezes, que Rafael rege da esfera solar. Na realidade, no período pós-Queda, Miguel assumiu o antigo posto de Lumiel como logos solar e Rafael agora rege Mercúrio.

Supõe-se que Yahweh tenha enviado Rafael para ajudar o rei Salomão na construção de seu templo. O Anjo entregou ao rei um anel mágico especial gravado com um pentagrama, o qual tinha o poder de subjugar e controlar os gênios. Salomão usou esse anel para invocar serviços elementais a fim de ajudar seus construtores humanos a erguer o templo. É provável que esse seja o motivo pelo qual Rafael é o anjo chamado para exorcizar os demônios. Ele também tem o poder de curar as almas atormentadas que acreditavam ser vítimas de possessões demoníacas. Rafael pode ser equiparado ao deus babilônico Nebo, cujo nome significa "arauto" e que inventou a escrita e a adivinhação. Esse deus também regia Mercúrio, era um mensageiro entre os humanos e outros Deuses e mantinha uma lista dos créditos e débitos morais de cada alma nas Tábuas da Vida. Na mitologia egípcia, Rafael pode ser identificado com Toth; na Grécia Clássica, com Hermes; no panteão nórdico, com Odin ou Woden; e nos Mistérios arthurianos, com Merlin.

Uriel é o último anjo descrito no *Livro de Enoch* como um dos Vigilantes "bons". Seu nome significa "o fogo de Deus" e ele é retratado por Enoch como um "explorador de estrelas e seus caminhos no Céu" e "o guia dos luminares celestiais". Na mitologia judaico-cristã, sua tarefa no Dia do Juízo Final é abrir os portões do submundo e libertar os mortos, os fantasmas dos gigantes e todos aqueles que se afogaram no Dilúvio. Uriel também é descrito como o anjo do destino que conhece os segredos do passado, presente e futuro e que rege o "trovão e o terror". Um de seus símbolos é o relâmpago e foi ele o enviado de Yahweh para alertar Noé a construir a Arca. A ele coube, também, enterrar o corpo assassinado de Abel e conduzir Abraão de sua terra natal, Ur, na Caldeia.

Na magia cerimonial, Uriel rege o quadrante norte e o elemento terra. Sir Francis Barrett afirma em *O Mago* (1801) que Uriel deu a alquimia à humanidade e é um dos vários anjos a quem se atribui a Cabala. Em termos astrológicos, ele é hoje o regente de Urano e de invenções modernas como a eletricidade, a televisão e os computadores. Para muitos ocultistas, é também o anjo padroeiro da Era de Aquário. No imagético cristão medieval, ele é retratado em uma carruagem puxada por cavalos brancos e a Igreja Romana transformou-o em um santo com a palma da mão aberta segurando uma chama.

O Livro de Lumiel descreve como os anjos planetários, ou os "anjos instrutores", como eram chamados na Ordem da Estrela da Manhã, assumiram posições diferentes no conflito entre Lúcifer e Miguel. Fundamental a esse evento era o relacionamento especial entre Miguel, que era o regente da Terra antes da Queda, e Lumiel. De acordo com o texto,

Miguel e Lumiel não se tornaram inimigos após a guerra e o capitão do exército do Senhor empunhou o estandarte verde e roxo do anjo caído, dizendo: "Vede o estandarte de meu irmão Lumiel, que já foi o Arcanjo da Luz e o Sol do Céu, como eu sou o Sol da Terra. Lumiel foi para trevas, em expiação, e seu nome foi apagado dos registros. Ainda assim, a Luz do Céu e a Luz do Universo são indissolúveis. É preciso haver luz e trevas. A luz de Lumiel desapareceu por um tempo, mas brilhará outra vez como a Estrela da Manhã, que surge antes de o Sol ascender no Céu".

Miguel prossegue, dizendo: "O Leão do Sol e o Dragão das Trevas são os dois lados da mesma moeda. Ambos fazem parte do Plano, como a Coroa do Sol do Dia não pode ficar acima da Coroa das Trevas, mas devem ser iguais. A promessa de Lumiel de restaurar o Governo dos Anjos é renovada todos os dias pela Estrela da Manhã. Ele não é a estrela que caiu no Céu, mas nas crenças dos homens. O retorno de Lumiel é aguardado e virá no dia em que as mentes dos homens forem iluminadas pela verdade, como meu orbe, o Sol, ilumina o mundo".

Dos outros anjos planetários, Sachiél era o regente de Júpiter e pertencia à Ordem Angelical dos Querubins. Como vimos anteriormente, eles não eram as figuras aladas de rostos gorduchos como bebês da arte renascentista, mas os Kerubim – as enormes criaturas aladas, metade leão, metade touro, cujas imagens eram colocadas nos portões dos palácios e templos do Oriente Médio como espíritos guardiões. Imagens de querubins com as asas dobradas decoravam a tampa da Arca da Aliança e ocultistas citam Rafael, Gabriel, Uriel e Lumiel entre suas fileiras. Nos grimórios medievais, Sachiél foi demonizado e tornou-se um mero serviçal dos subpríncipes do império infernal. É possível que esse seja um reflexo de seu suposto apoio aos anjos caídos.

Anael, o Anjo planetário de Vênus, era muito respeitado como um dos sete arcanjos da criação e que rege o romance, a beleza e a Natureza. Embora nunca tenha sido demonizado, seu papel foi muito desprestigiado pela atitude repressiva da Igreja com relação à sexualidade durante séculos. Supõe-se que Anael tenha transportado Enoch ao Céu quando este, por sua vez, tornou-se o anjo Metatron. Acredita-se que Shakespeare combinou Anael e Uriel para criar o espírito Ariel em *A Tempestade*.

O arcanjo Samael ("a severidade de Deus") foi demonizado por judeus e cristãos e é descrito no *Livro de Enoch* como o "chefe dos demônios". Ele também é muito conhecido na tradição judaica como o anjo da morte, o pai de Caim e um dos anjos caídos que acompanhou Lumiel em sua rebelião. Na tradição esotérica da OMS, Samael é o regente guerreiro de Marte, mas é possível que, em sua origem, tenha sido

o deus padroeiro de um pequeno reino hitita situado próximo à cidade de Harã (Graves e Patai 1964:12).

Cassiel é o regente planetário de Saturno e é descrito como um príncipe na hierarquia angelical. Barrett publicou uma ilustração desse anjo como um homem barbudo cavalcando um dragão. Antes da descoberta de Plutão, no século passado, Cassiel era largamente considerado o regente do tempo, bem como o anjo da morte. Esse último papel foi assumido agora pelo anjo sombrio Azrael, Azazel ou Azael. Azrael significa “aquele que Deus ajuda” e, tanto na angeologia judaica como na islâmica, ele é o Anjo da Morte. Na tradição muçulmana, é o dono do Livro da Vida e da Morte, no qual é registrado o nascimento de cada ser humano. Quando alguém morre, Azrael apaga seu nome de suas páginas. Uma lenda conta que Yahweh enviou os três arcanjos Miguel, Gabriel e Uriel para coletar barro para fazer o primeiro humano. Eles retornaram de mãos vazias, uma vez que a Mãe Terra recusou-se a participar nesse ato de criação, por medo do que os novos humanos fariam a ela. Yahweh enviou, então, Azrael na mesma missão e ele obteve êxito ao dizer à Mãe Terra que os humanos não seriam uma ameaça, pois teriam a vida de meros mortais. Como recompensa, Yahweh fez dele o anjo que governa a morte.

No Islamismo, Azrael também é conhecido como Iblis ou Lúcifer e é descrito nesses termos nos famosos contos de *As Mil e Uma Noites*. Sua ligação com Azazel, o líder dos anjos caídos e deus bode do deserto, também comprova essa visão e, na realidade, o anjo da morte é um aspecto mais sombrio de Lumiel. Em *O Evangelho Verde*, afirma-se: “E o Anjo, na queda, não parecia mais ser feito de Luz do Céu, mas permaneceu no Mundo trajado e mascarado parecendo morto diante de sua glória celestial. Aos filhos do barro, ele era Azrael, de todos, era Medo e Abominações, o próprio Espectro da Sepultura. Ainda assim, aos Filhos do Fogo, que eram conhecidos do mascarado divino, ele continuou sendo, em verdade, o portador da Luz, todo adornado com plumas do brilho do arco-íris, todo feito das tonalidades da vida e da estação que muda”.

Um dos anjos mais misteriosos e, por isso, mais interessantes, é Rezial ou Reziel, que ocupava uma posição especial nas fileiras dos anjos instrutores em que os membros da OMS acreditavam. Seu nome significa “segredo de Deus” e é popularmente conhecido como o Anjo dos Mistérios. Na tradição bíblica, ele ajudou Noé na construção da arca que salvou a raça humana, instruiu o rei Salomão nas artes da magia e transmitiu os segredos da Cabala a Adão. Esse anjo é o autor mítico do *Sefer Rezial Hemelech*, ou *O Livro do Anjo Raziel*. Esse tomo lendário

foi supostamente dado ao primeiro homem pelo anjo e é “um compêndio extenso da antiga tradição de magia hebraica e bem provável que seja a fonte original de grande parte da literatura tradicional sobre a hierarquia angelical, astrologia, Cabala e gematria” (Sandow 2000:9). Sua importância na magia angelical, portanto, não pode ser subestimada. Apesar de suas origens míticas perderem-se no tempo, estudiosos acreditam que foi publicado pela primeira vez por Ebenezer, o Judeu de Worms, no século XIII. Uma versão em hebraico foi publicada em 1881 e uma tradução em inglês pode ser encontrada no Museu Britânico.

O grimório conhecido como *A Espada de Moisés* afirma que Raziel entregou uma cópia do seu famoso livro a Adão depois que o primeiro homem foi expulso do Éden. Isso aconteceu depois que Adão pediu misericórdia e compaixão a Yahweh. Antes de morrer, Adão passou o livro para o seu filho mais jovem, Set, o simbólico “Homem de Luz” na tradição luciferiana, que, naquela época, vivia na cidade de Enoch, construída por seu irmão mais velho, Caim. De Set o livro foi transmitido a Enoch, Noé, Moisés e, em seguida, a Salomão. Supõe-se que Noé aprendeu como construir a arca com o anjo e, quando o Dilúvio chegou, ele lacrou sua cópia do livro em uma urna de ouro para protegê-la das águas. Durante o tempo em que Noé e sua família estavam na arca, o livro agiu, de forma misteriosa, como um relógio que podia distinguir a noite do dia. É possível que Noé tenha feito isso com o uso do conhecimento astronômico que o livro devia conter. Em uma conversa que Salomão teve com seu filho Roboão, o rei disse que Raziel havia lhe aparecido em um sonho. Ele disse ao rei que escondesse toda a sabedoria que recebera. Isso porque chegaria um tempo em que “as ciências universais serão destruídas e totalmente escondidas e anuladas” (Emille Gillot de Givry, citação em Sandow 2000:12).

O sistema de magia praticado por Madeline Montalban e sua Ordem foi desenvolvido para contatar e pedir aos anjos instrutores auxílio prático na vida cotidiana e no caminho espiritual. Nesse sentido, refletia o tipo de magia medieval descrita nos grimórios, mas também os pedidos de ajuda feitos por personagens bíblicos como Adão, Enoch, Noé, Moisés e Salomão à hierarquia angelical. Madeline teria concordado com o cabalista judeu Abraham Abulafia, que disse: “Prepare seus pensamentos mais profundos para imaginar Deus e seus anjos mais elevados. Imagine-os em seu coração como se fossem seres humanos, sentados ou de pé, ao seu redor. Você está no meio deles, como um mensageiro que o rei e seus servos desejam enviar em uma missão. Você está pronto para ouvir as palavras da mensagem”.

O Chamado de um Amante ao Anjo da Linhagem das Bruxas

I. O Primeiro Chamado: Pedido

Eu a mim mesmo ofereço-me, para que este Rito Sagrado se inicie.
Pelo relâmpago, pela Tocha Flamejante, pelo Fogo da Serpente interior:
Permita que tudo que eu tenha alcançado na eternidade se manifeste no
Momento Presente do Eu: Absoluto.

Ó Az'ra-Lumial! Alma Angélica do Mestre Caim!
Iniciador do Mistério Draconiano, Aquele que abre os Portões à Vereda
Tortuosa!

Ouvi meu chamado, pois eu rogo a Vós! O Vaso do Coração está aberto
para Vós!

Olhai, estou só no Vácuo, dentro do Círculo Vazio da Arte Real;
Meu Chamado de Amante vai a Vós, Ó Anjo da Pena do Pavão!
O Candeeiro do Eremita aguarda a Chama de Vossa Presença:
Meu Coração aguarda a Luz Adamantina de Vossa iniciação!

Ó Az'ra-Lumial! O Único Manifesto dos Onze Deuses Anciãos,
Vós sois XON: Luz de toda a Nulidade revelada ao Homem.
Vós sois o Progenitor dos Quatro Vigilantes Soberanos e
Dos Dezesseis Deuses Fiéis.

Como Homem vós nascestes – fogo em meio ao barro – de seu sábio
sangue

E semente sagaz;
 Eu do eu, oito vezes Vós fostes gerado na Roda do Ano e Dia.
 Ó Az'ra-Lumial, descei como Carne, a Palavra Viva:
 Aquele de Luz, sete vezes adornado na promessa do arco-íris!
 Ó Az'ra-Lumial, ascendei como Gnose, a Mente do Céu:
 O Grande Dragão de sete cabeças, coroado e vitorioso!

II. O Segundo Chamado: Santificando o Reino dos Fiéis

No Norte eu Vos invoco no Brilho da Meia-Noite; a Escuridão Iluminada!

Por Liliya-Devala e Mahazhael-Deval, eu Vos invoco!

No Noroeste eu Vos invoco, na Luz Púrpura de Antigos Reis e Rainhas,
 As Sombras Despertadas de Ascendência Verdadeira! Por Qinaya e Lilis,
 eu Vos invoco!

No Oeste eu Vos invoco, na Luz Índigo do Crepúsculo, no Fogo Lápiz-Lazúli dos Sentinelas e Vigilantes! Por Agrath e Azhael, eu Vos invoco!

No Sudoeste eu Vos invoco, na Luz Azul-Celeste dos Deuses do Céu,
 Na Companhia do Apaixonado e Livre! Por Qafa e Ruha, eu Vos invoco!
 No Sul eu Vos invoco, na Luz Esmeralda da Imaginação Divina,
 No Anel de Sete Montanhas que margeia o Mundo-sem-Fim!
 Por Rahab e Azhazael, eu Vos invoco!

No Sudeste eu Vos invoco, na Luz Açafraão dos Iluminados,
 Pelos Chifres dos Deuses Verdadeiros e Escolhidos!
 Por Azh'modai e Azh'terah, eu Vos invoco!

No Leste eu Vos invoco, na Luz Âmbar dos Indomados,
 Na Procissão Livre dos Deuses Metamorfofos!
 Por Naamah e Zhamael, eu Vos invoco!

No Nordeste eu Vos invoco, na Luz Carmesim de todo Sacrifício,

No Caminho Purificado da Entrada que leva ao Círculo da Linhagem das Bruxas!

Por Tubalo e Lucífera, eu Vos invoco!

Do Norte eu me volto ao Vosso Coração, meu Amante, minha Alma das Almas!

Sob meus calcanhares está a Pedra-Lúcifer, o Centro Oculto de cada Terra.

Sobre mim está o Círculo das Sete Estrelas Sagradas, Vossas Cabeças Coroadas;

E em meio delas está Vosso Trono Secreto: Polo dos Polos, Estrela das Estrelas,

O Prego que nunca esfria!

Entre os Reinos da Sombra e do Espírito, eu clamo a Vós,
Intercessor! Rei Fantasma! Sábio e Arlequim!

Man'draku Ezh-hou Sabatraxa! Abri o Caminho para mim!

Entre as Sete Terras da Terra, eu clamo a Vós,

Itinerante! Solitário! Progenitor das Bruxas!

Qayin Azhaka! Qayin Azhaka! Qayin Azhaka!

Abre o Caminho para mim!

Entre a Rede de Estrelas Raiadas do Céu, eu clamo a Vós,

Pai! Mãe! Iniciador!

Az'ra-Lumial! Az'ra-Lumial! Az'ra Lumial!

Abre o Caminho para mim!

Az'ra-Lumial, Vosso Nome eu recito até que Vós venhais –

III. O Terceiro Chamado: Sacrifício à Assunção Divina

A Esfera dos Sete Raios brilha toda ao meu redor;

A Serpente de Sete Cores se desenrola dentro de mim;

O Portão Íntimo é aberto para Vós.

Ó Azrail-Lumial, Espírito da Linhagem das Bruxas, eu Vos convido a encarnares!

Ó Vós, Espírito que rege as incontáveis Sendas de Iniciação,

Abri o Caminho para mim, e eu abrirei o Caminho para Vós!

Este Rito é meu Juramento e Promessa: ao passar por todas as coisas,

Eu me tornarei a Verdade Viva.

Assim, eu Vos rogo, Ó Deus Multifacetado da Arte Real,

Fazei Vosso Santuário e Morada dentro de mim,

Que eu possa arder com Vossa Gnose – consumido no Vosso Perfeito Amor!

As Palavras deste Rito são como o Leite, o Sangue e o Mel para Vós.

Devoção eu ofereço: meu coração é a Rosa que eu deposito em Vosso Altar.

Tais são minhas Palavras, que assim seja! Em Silêncio, para renovar!

IV. Contemplação: O Fechamento do Rito

No mais secreto Eremitério, eu faço meu decreto em verdade não proferida.

Em Pensamento, Palavra e Ato um Destino Sem Rumo; único, de todos os caminhos extraviado:

Minha própria lei – ética, estética e credo – desconhecida aos homens e deuses mortais.

Este rito é minha própria epifania, o Chamado de Amante da Apófase:

Eu

Que Assim Seja.

O texto desse Rito foi adaptado do *The Draconian Grimoire*, ou o *Dragon Book of Essex*, um grimório impresso privativamente, da Crooked Path Sorcery por Andrew D. Chumbley, Mestre do Cultus Sabbati e da Companhia da Cruz Serpentária. O Chamado a Az`ra-Lumial pode ser usado por qualquer pessoa que deseja dedicar-se à prática privada do caminho dos Mistérios da Arte Sabática. A versão do ritual aqui apresentada foi readaptada para *O Livro dos Anjos Caídos*, dedicado a Michael Howard.

Andrew D. Chumbley
Lammas, 2003.

Apêndice B

Um Discurso ao Mestre no Trono de Deus

Com toda a astúcia e a sagacidade, que o Fiel obtenha uma pedra tão Verde quanto a Terra de Albion, reluzente como a própria Pedra da Coroa de Lumial.

O templo do Fiel deve ser decorado com tecidos de pura seda amarela e o ar perfumado com a fragrância mais leve. Incenso que envolva a mente e promova o transe será melhor. Diante de uma imagem de Lumial, acenda três velas; à esquerda e à direita, uma vela amarela dourada, no centro, uma de cor verde-esmeralda.

Que o Fiel segure a Pedra de Esmeralda em sua mão, seja a esquerda ou a direita, seja qual for sua convicção. Ouve bem as vozes à medida que surgem, abraça as visões à medida que aparecem.

Carrega a pedra sobre tua pessoa o tempo todo. Que o Senhor caminhe ao teu lado sempre.

Um Encantamento de Lumial

Para fora do Céu o primeiro anjo caiu,
A sabedoria do conhecimento, o crime que o banuiu,
Para salvar o primeiro homem do mundo das trevas,
Para abrir os olhos à marca das bruxas.

Lançado de Vosso trono na glória superior,
Para ajudar a humanidade com o crime do amor,
Sussurrar as palavras para comer da Árvore,

Um veneno tão doce, um veneno da mortalidade.

Banhado em Vossa luz do abismo mais escuro,
Acariciando minha face com o beijo do anjo,
Proferindo as palavras que ninguém ouvirá
Proferindo as palavras de verdade e temor que há.

Tu ascendes ao Leste na aurora do dia,
Resplandecente em glória, o raio que brilha,
Caiu, levantou, mesmo assim nunca além,
Luz do Leste, a Estrela da Manhã vem.

Discurso a Lumial

Grande Serpente da terra do Éden,
Sábio, caído das estrelas,
Ó Lumial, como Tu caíste?
A serpente mais sutil és Tu,
A criatura mais astuta do campo és Tu,
Eu chamo Teu nome e oro para que estejas aqui,
Come e seremos sábios!

As palavras sussurradas aos ouvidos do homem,
Os contos de iluminação para abrir os olhos do homem,
A tentação contra as palavras do Criador.
Pois festejamos juntos esta noite sobre o espírito da terra,
Enquanto festejamos, nossos olhos se abrem e vemos o mundo,
Da Árvore da Vida comemos,
E vemos a nudez do mundo,
E vemos agora os anjos que caminham entre nós,
Aqueles que nos ensinaram e curaram nossas feridas,
Aqueles que se esforçam para impedir nosso crescimento,
Para fechar nossos olhos,
Pois devemos superar aqueles que nos criaram,
Diante de nós, os Deuses estremecerão com nossas palavras.

Estas palavras que te ofereço são como uma oração ao sábio,
Que sejam oferendas divinas para Te chamar abaixo,
Enquanto profiro estas palavras, o Caminho se abre para ti,
Eu coloco diante de ti as oferendas da terra,
O primogênito do rebanho, uma oferenda de sangue nas alturas,
Que isto alimente tua descida ao Jardim do Sábio.

Oramos sob as estrelas de onde tu caíste,
Ainda assim, todo dia tu ascendes como a luz da Estrela da Manhã,
Resplandecente em toda a tua glória elevada,
Até o assento de teu trono nas alturas,
Derrame sobre nós todas as tuas bênçãos.

Frater Benan-Anisk

Bibliografia

- ALFORD, A. *When the Gods Came Down* (Hodder 2000)
- ANDERSON, Lady F. *The Ancient Secret: Fire from the Sun* (RILKO 1953)
- ANDERSON, T. *Bread and Ashes: A Walk Through Georgia* (Cape 2003)
- ANDREW, R. *Blood on the Mount* (Weidenfeld & Nicolson 1999)
- ANON. *The Lost Books of the Bible* (Meridian Books USA 1972)
- _____. *Michael: Prince of Heaven* (J. M. Watkins 1951)
- _____. *Secret Societies of the Middle Ages* (M. A. Natalli 1848)
- ARMSTRONG, K. *The Gospel According to Women* (Elm Tree Books 1986)
- _____. *A History of God* (Virago 1999)
- _____. *The Battle for God* (HarperCollins 2000)
- ARBERRY, A. J. (trans) *The Koran* (Oxford University Press 1983)
- ASHE, G. *Dawn Behind the Dawn* (Henry Holt & Co USA 1993)
- BADDELEY, G. *Lucifer Rising* (Plexus 1999)
- BAEN, A. *The Mystery of Michael* (Toucan Press, CI 1987)
- BIAGENT, M.; LEIGH, R.; LINCOLN, H. *The Holy Blood and the Holy Grail* (Cape 1982)
- BLAKE, P.; BLEZARD, P. S. *The Arcadian Cipher* (Sidgwick & Jackson 2000)
- BLAVATSKY, H. P. *The Secret Doctrine* Vols. I & II (Theosophical Society 1921)
- CANIZARES, B. R. *Eshu-Eleggua-Eleghara* (Original Publications USA 2000)
- CAMPBELL, J. *The Hero With a Thousand Faces* (Abacus 1975)
- _____. *The Masks of God: Primitive Mythology* (Penguin 1987)
- CHARLES, R. H. (trans) *The Book of Enoch* (SPCK 1912)
- COHN, N. *Noah's Flood* (Yale University Press USA 1996)
- COLLINS, A. *From the Ashes of Angels* (Michael Joseph 1996)
- _____. *A. The Gods of Eden* (Headline 1998)
- CORBIN, H. *Temple and Contemplation* (KPI 1986)

- _____. *The Man of Light in Iranian Sufism* (Omega USA 1994)
- COULIANO, I. P. *The Tree of Gnosis* (HarperSanfrancisco USA 1992)
- DARKUAL, A. (Idries Shah) *Secret Societies* (Muller 1961)
- DAVIDSON, G. *A Dictionary of Angels* (The Free Press USA 1971)
- DENNING, M. ; PHILLIPS, O. *Planetary Magick* (Llewellyn USA 1992)
- DEWAR, J. *The Unlocked Secret: Freemasonry Examined* (Corgi 1990)
- DOCKSER MARCUS, A. *Rewriting the Bible* (Little, Brown & Co 2000)
- DOWDEN, K. *European Paganism* (Routledge 2000)
- ENGELS, D. *Classical Cats* (Routledge 1999)
- FLETCHER, R. *The Cross and the Crescent* (Allen Lane 2003)
- FLOWERS, S. *Fire and Ice* (Llewellyn USA 1990)
- FREKE, T ; GANDY, P. *The Jesus Mysteries*
- GARDNER, L. *Bloodline of the Holy Grail* (Element 1996)
- _____. *Genesis of the Grail Kings* (Bantam Press 1999)
- _____. *Realm of the Ring Lords* (Multi-Media Quest 2000)
- _____. *Lost Secrets of the Sacred Ark* (Element 2003)
- GEORGE, A. *The Epic of Gilgamesh* (Penguin Classics 2003) (trans)
- GEORGE, L. *The Encyclopedia of Heresies and Heretics* (Robson 1995)
- GILBERT, A. *Magi: The Quest for a Secret Tradition* (Bloomsbury 1996)
- GODWIN, J. *The Pagan Dream of the Renaissance* (Thames & Hudson 2002)
- GODWIN, M. *Angels: An Endangered Species* (Simon & Schuster USA 1990)
- GONZALEZ-WHIPPER, M. *Return of the Angels* (Llewellyn USA 1990)
- GRAVES, R. *The Greek Myths Vol. I* (Penguin 1960)
- GRAVES, R; PATAI, R. *Hebrew Myths; The Book of Genesis* (Cassell 1964)
- HAMILTON, J; COLLORD, G. L. *The Old Testament Pseudopigraphia and the New Testament* (Cambridge University Press 1985)
- HANCOCK, G. *Underworld: Flooded Kingdoms of the Ice Age* (Michael Joseph 2002)
- HARDING, E. M. *Women's Mysteries* (Rider 1977)
- HARPUR, P. *Daimonic Reality* (Arkana 1995)
- HARTLEY, C. *The Western Mystery Tradition* (Aquarian Press 1968)
- HAYWARD, R. 'The Magic of Madeline Montalban' in *The Occult Observer* (# 2 Autumn 1992)
- HEARN-TATT, O. *Chinese Black Magic* (Eastern Dragon Press, Malaysia 1995)
- HOWARD, M. *The Occult Conspiracy* (Rider UK and Inner Traditions USA 1989)
- HUSON, P. *Mastering Witchcraft* (Rupert Hart-Davies 1970)
- _____. *P. The Devil's Picture Book* (Abacus 1972)

- HUTTON, R. *Witches, Shamans and King Arthur* (Hambledon & London 2003)
- ISSERLIN, B. *The Israelites* (Thames & Hudson 1998)
- JACKSON, N. *The Masks of Misrule* (Capall Bann 1996)
- _____. HOWARD, M. *The Pillars of Tubal-Cain* (Capall Bann 2000)
- JOHNSTON, K. *The Masters Revealed* (SUNY USA 1995)
- JONES, B. *Freemason's Guide and Compendium* (Harrap & Co 1950)
- KELLER, B. *The Bible as History* (Hodder 1956)
- KNIGHT, C.; LOMAS, R. *The Hiram Key* (Century 1996)
- LOMAS, R. *Uriel's Machine* (Century 1999)
- LOMAS, R. *The Book of Hiram* (Century 2003)
- KNIGHT, G. *The Secret Tradition in Arthurian Legend* (Aquarian 1983)
- KNIGHT, S. *The Brotherhood* (Panther 1985)
- KRAMER, H. & SPRENGER, J. *Malleus Malifracum* (Ruskin Press edition 1928)
- LAWTON, I. *Genesis Unveiled* (Virgin 2003)
- LELAND, C. *Aradia: Gospel of the Witches* (1899. Phoenix Publishing USA 2002)
- LINK, I. *The Devil: A Mask Without a Face* (Peaktion 1995)
- LOGAN, P. *The Old Gods: Facts about Irish Fairies* (Appletree Press, 1981)
- MACOY, R. *A Dictionary of Freemasonry* (Bell Publishing USA 1989)
- MACKENZIE, R. *The Royal Masonic Encyclopedia* (1877 Aquarian 1987)
- MARSHALL, P. *The Philosopher's Stone* (MacMillan 2001)
- MCDERMOT, V. *The Fall of Sophia* (Lindisfarne Press USA 2001)
- MCGREW, A. *A Harmony of Angels* (Quadrille 2001)
- MEDWAY, G. *The Lure of the Sinister* (New York University Press USA 2001)
- MILIS, L. (ed) *The Pagan Middle Ages* (Cambridge University Press 1995)
- MILTON, J. *Paradise Lost* (1667 Penguin Classics 1996)
- MONTALBAN, M. *The Prediction Book of the Tarot* (Blandford 1983) (ed. J. Logan)
- O'BRIEN, C. *The Genius of the Few* (Dianthus 1999)
- PAGELS, E. *The Gnostic Gospels* (Vintage USA 1981)
- _____. E. *The Origin of Satan* (Penguin 1995)
- PATAI, R. *The Hebrew Goddess* (Wayne University Press USA 1990)
- PHILLIPS, G. *The Moses Legacy* (Sidgwick & Jackson 2002)
- PINKHAM, M. *The Truth Behind the Christ Myth* (Adventures Unlimited Press USA 2002)
- PROPHET, E. *Fallen Angels and the Origin of Evil* (Summit USA 2000)

RAVENWOLF, S. *Angels: Companions in Magick* (Llewellyn USA 1996)

RESOLD, D. *The Discovery of Noah's Ark* (Sidgwick & Jackson 1990)

RICHERS, S. *St George: Hero, Martyr and Myth* (Sutton Publishing 2002)

ROBINSON, J. *Dungeon, Fire and Sword: The Knights Templar in the Crusades* (Bockhampton Press 1999)

ROHL, D. *Legend; The Genesis of Civilisation* (Avon 1999)

SAGGS, H. *Babylonians* (British Museum Press 1995)

SANDOW, S. (trans) *The Book of the Angel Reziel* (Weiser USA 2000)

SELADER, M. *The Secret Book of Judas* (American Gnostic Church USA 1989)

SHANON, B. *The Antipodes of Mind* (Oxford University Press 2002)

SHRECK, N. & Z. *Demons of the Flesh* (Creation Books 2002)

SMITH, J. *Mother of the Isles* (Dor Dama Press 2003)

STONE, M. *The Paradise Papers* (Virago 1976)

STOYANOV, Y. *The Other God* (Yale University Press USA 2000)

STRACHAN, G. *Jesus the Master Builder* (Floris Press 1998)

SUCKLING, N. *The Angel Companion* (Pavilion 2001)

TOORN, K. & BECKING B. & HORST, P. *Dictionary of Deities and Demons in the Bible* (E.J. Brill, Holland 1995)

TUBB, J. *Canaanites* (British Museum Press 1998)

UNDERHILL, J. *Angels* (Element 1995)

WASSERMAN, J. *The Templars and the Assassins* (Inner Traditions USA 2001)

WAUGH, A. *God* (Review 2002)

WELBURN, A. *Gnosis: The Mysteries and Christianity* (Floris Press 1994)

WILSON, A. *The Devil* (Vega 2002)

WILSON, I. *Before the Flood* (Orion 2001)

WISE, M. & ABEGG, M. & COOK, E. *The Dead Sea Scrolls* (Harper-Collins 1996) (trans)

WRIGHT, G. & FREEMAN, D. *The Biblical Archaeologist Reader* (Doubleday USA 1961)

Você verá que a sabedoria angelical constitui os ensinamentos da verdadeira magia. O autor explica que, ao abordar o material aqui apresentado, o leitor deve ter em mente que seu conteúdo lida com ensinamentos ocultistas e esotéricos. "São questões relacionadas aos Mistérios que podem ser, e são, interpretadas em vários níveis diferentes, desde o puramente material até o espiritual. De modo geral, descrevem imagens alegóricas e mitopoéticas e lidam com temas arquetípicos", explica. Ele espera que seu trabalho sirva como uma introdução de fácil compreensão a um sistema de crenças misterioso e fascinante que ainda é mal compreendido, obscurecido e difamado por interpretações distorcidas.



MADRAS®

O LIVRO DOS ANJOS CAÍDOS

Este livro desafia o conceito de que os anjos caídos, ou 'Ben Elohim', negaram Deus e converteram-se em demônios, com seu líder Azazel ou Shemyaza, identificado como o anjo rebelde Lúcifer, tornando-se, de acordo com os textos cristãos, o Príncipe das Trevas e principal protagonista do mal.

Os temas tratados incluem o que os anjos são e o que representam; suas origens antigas; as maiores diferenças entre Lúcifer/Lumieli e Satã e quão precoce foi a demonização de Lumieli e das divindades pagãs do Oriente Médio pela Igreja; os anjos caídos e sua tradição estelar; a crença de que os anjos caídos são iguais às fadas e aos gênios do folclore árabe e europeu; o mito universal do grande dilúvio; Nefilins ou Anakim; a esposa de Lúcifer, frequentemente associada com a deusa da lua negra e da feitiçaria – Lilith, Hécate, Ishtar, Astarte, Asherah, Diana, Shekinah e Sophia.

A obra apresenta também o simbolismo místico da rosa na tradição oculta; o processo da redenção cósmica manifestado como uma série de encarnações na forma humana; cultos heréticos e sociedades secretas ao longo da história e nos tempos modernos que afirmam seguir crenças luciferianas, incluindo os Setianos, os Essênios, os Cavaleiros Templários, os Yezedi, os Ofites, os Mandeianos, a Ordem da Estrela Matutina e a Bruxa de Endor, entre outros; influências árabes na bruxaria medieval; magia angelical Renascentista; os "anjos professores" ou arcanjos proeminentes na magia angelical – Miguel, Rafael, Gabriel e Uriel; mais dois apêndices com invocações ao Senhor Lumieli.



MADRAS®

ISBN 978-85-370-0736-5



9 788537 007365